



Universidade de Brasília – UnB
Faculdade de Ciência da Informação – FCI
Programa de Pós-Graduação em Ciência da Informação – PPGCInf
Dissertação de Mestrado

Natália de Lima Saraiva

IMAGINE:

Análise do ciclo da informação na representação de fotos-conceito

Brasília-DF
2017

NATÁLIA DE LIMA SARAIVA

IMAGINE:

Análise do ciclo da informação na representação de fotos-conceito

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Programa de Pós-Graduação em Ciência da Informação, Faculdade de Ciência da Informação da Universidade de Brasília, como parte dos requisitos para obtenção do título de Mestre em Ciência da Informação.

Linha de pesquisa: Organização da Informação.

Orientador: Prof. Dr. André Porto Ancona Lopez.

Brasília-DF

2017



FOLHA DE APROVAÇÃO

Título: "Imagine: análise do ciclo da informação na representação de fotos-conceito"

Autor (a): Natália de Lima Saraiva

Área de concentração: Gestão da informação

Linha de pesquisa: Organização da Informação

Dissertação submetida à Comissão Examinadora designada pelo Colegiado do Programa de Pós-graduação em Ciência da Informação da Faculdade em Ciência da Informação da Universidade de Brasília como requisito parcial para obtenção do título de **Mestre** em Ciência da Informação.

Dissertação aprovada em: 30 de março de 2017.

Prof. Dr. André Porto Ancoha Lopez
Presidente (UnB/PPGCINF)

Prof. Dr. André Malverdes
Membro Externo (UFES)

Profª Drª Kelley Cristine Gonçalves Dias Gasque
Membro Interno (UnB/PPGCINF)

Prof. Dr. Cláudio Gottschalg Duque
Suplente (UnB/PPGCINF)

Saraiva, Natália de Lima

IMAGINE: ANÁLISE DO CICLO DA INFORMAÇÃO NA REPRESENTAÇÃO DE FOTOS-CONCEITO/Natália de Lima Saraiva; orientador André Porto Ancona Lopez.

125 p.

Dissertação (Mestrado – Mestrado em Ciência da Informação).
– Universidade de Brasília, 2017

1. Aprendizagem. 2. Fotografia. 3. Imagine. 4. Ciclo da informação. I. Lopez, André Porto Ancona, orient. II. Título.

RESUMO

O presente estudo teve por objetivo compreender a metodologia *Imagine* fazendo uso dos conceitos do ciclo da informação no processo de maximização da aprendizagem, a fim de responder o seguinte questionamento: em que medida a metodologia *Imagine* permite a potencialização dos conceitos do ciclo da informação no processo de maximização da aprendizagem? De modo específico, faz-se importante: analisar como se dá a transformação do conhecimento formal para a fotografia no *Imaginando*; compreender como o conhecimento visual da fotografia é entendido por um público leigo ao utilizar o *Imagine*; e, compreender como o universo da pesquisa maximiza o conhecimento ao utilizar a metodologia em questão. A estratégia metodológica teve por suporte a aplicação da metodologia *Imagine* utilizando os conceitos do ciclo da informação como nível de abrangência de estudo de caso; e ainda, com base em métodos de pesquisa-ação e na formação de um grupo focal como técnica de coleta de dados. Neste ínterim, a pesquisa fez uso da referida metodologia a fim de discutir e potencializar os conceitos do ciclo da informação (gênese, organização, recuperação e comunicação da informação), com base na fotografia como ferramenta essencial para a maximização da aprendizagem, perfazendo um estudo inserido na área da Ciência da Informação que teve por norte contribuir principalmente com os estudos do fluxo e uso da informação. Entre os resultados obtidos têm-se: a aplicação da metodologia *Imagine* com a produção de fotos-conceito para os conceitos do ciclo da informação; a potencialização de conceitos; e, a maximização da aprendizagem a partir do uso da metodologia *Imagine*. Concluiu-se que a metodologia *Imagine* gerou indícios de maximização da aprendizagem, potencializando os conceitos relacionados ao ciclo da informação.

Palavras-chave: Aprendizagem. Ciclo da informação. Foto-conceito. *Imagine*.

ABSTRACT

The main purpose of this research is to comprehend the Imagine methodology using the concepts of the information cycle in the process of maximizing learning, in an attempt to answer the following question: how does the Imagine methodology allow the enhancement of information cycle concepts in the maximization process of learning? Specifically, it is necessary to analyze how the transformation of formal knowledge to photography occurs in Imagining; Comprehend how the visual knowledge of photography is understood by a lay public when using Imagine; And finally, to comprehend how the research universe maximizes knowledge by using the Imagine methodology. The methodological strategy used was supported by the application of the Imagine methodology using the concepts of the information cycle as a case study comprehensiveness level. It was also based on action research methods and the formation of a focal group as a data collection technique. In this aspect, this research used the Imagine methodology to discuss and enhance the concepts of the information cycle (genesis, organization, retrieval and information communication) using photography as an essential tool to maximize learning. A research inserted in the area of Information Science that aims to contribute mainly to studies of the flow and use of information. Among the results obtained are the application of the Imagine methodology with the production of concept photos for the concepts of the information cycle; the potentialization of concepts; and the maximization of learning from the use of the Imagine methodology. It was concluded that the Imagine methodology generated signs of maximizing learning by enhancing concepts related to the information cycle.

Keywords: Learning. Information cycle. Photo concept. Imagine.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 – Desenho da pesquisa.....	17
Figura 2 – Ciclo da Informação.....	25
Figura 3 – <i>Imagine e Imaginando</i>	34
Figura 4 – <i>Imagine e Imaginando</i> temporal.....	37
Figura 5 – Exposição.....	50

LISTA DE GRÁFICOS

Gráfico 1 –	Foto 1: ovo com casca.....	56
Gráfico 2 –	Foto 2: acerola.....	59

LISTA DE TABELAS

Tabela 1 – Análise das fichas-resposta.....	52
Tabela 2 – Análise Foto 1: ovo com casca.....	55
Tabela 3 – Min. e Max. Foto 1: ovo com casca.....	56
Tabela 4 – Análise Foto 2: acerola.....	58
Tabela 5 – Min. e Max. Foto 2: acerola.....	59

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

CI	-	Ciência da Informação
GPAF	-	Grupo de Pesquisa Acervos Fotográficos
IFB	-	Instituto Federal de Brasília
PPGCIInf	-	Programa de Pós-Graduação em Ciência da Informação
UBA	-	Universidad de Buenos Aires
UCM	-	Universidad Complutense de Madrid
UdeA	-	Universidad de Antioquia
UnB	-	Universidade de Brasília
UNESCO	-	<i>United Nation Educational, Scientific and Cultural Organization</i>
UPH	-	The Universitas Pelita Harapan

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	10
1.1 OBSERVAÇÕES GERAIS	13
1.2 O PROBLEMA E OS OBJETIVOS	14
2 METODOLOGIA	16
3 REVISÃO BIBLIOGRÁFICA	21
3.1 A CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO E O CICLO DA INFORMAÇÃO	21
3.2 A FOTOGRAFIA	26
3.3 O IMAGINANDO E O IMAGINE	29
3.4 A APRENDIZAGEM NA APLICAÇÃO DO IMAGINE	38
4 RESULTADOS	41
4.1 A APLICAÇÃO DO IMAGINANDO	42
4.2 A APLICAÇÃO DO IMAGINE (EXPOSIÇÃO)	49
4.2.1 <i>Imagine (exemplo estatístico)</i>	50
4.2.2 <i>O grupo focal</i>	60
4.2.2.1 Seção 1	61
4.2.2.2 Seção 2	62
4.2.3 <i>Maximização da aprendizagem</i>	62
5 CONSIDERAÇÕES	64
REFERÊNCIAS	66
ANEXOS	71
ANEXO “A” – PROGRAMA DE DISCIPLINA – EMENTA	72
ANEXO “B” – EXCERTOS DOS TEXTOS DISPONIBILIZADOS NO <i>BLOG</i>	79
ANEXO “C” – REGISTRO FOTOGRÁFICO DA EXPOSIÇÃO	86
APÊNDICES	89
APÊNDICE “A” – FORMULÁRIO DESCRIÇÃO GOOGLE FORMS	90
APÊNDICE “B” – FICHA-CONCEITO	93
APÊNDICE “C” – MINIATURAS FOTO-CONCEITO	94
APÊNDICE “D” – ROTEIRO GRUPO FOCAL	95
APÊNDICE “E” – TRANSCRIÇÃO GRUPO FOCAL	97
APÊNDICE “F” – ANÁLISE ESTATÍSTICA	106

1 INTRODUÇÃO

Os espaços educativos, bem como as ocasiões de aprender, tendem a multiplicar-se. “O ambiente educativo diversifica-se e a educação abandona os sistemas formais para se enriquecer com a contribuição de outros atores sociais” (UNESCO, 1997, p. 110).

Tal diversificação estabelece a necessidade de novas relações ensino-aprendizagem, o que permite que novas práticas pedagógicas sejam desenvolvidas para enriquecer a relação ensino-aprendizagem. Na presente pesquisa, tem-se como objetivo da prática pedagógica uma melhor absorção dos conteúdos abordados na disciplina¹ pelos alunos do curso de Pós-Graduação em Ciência da Informação (alunos de CI), ou seja, uma maximização da aprendizagem.

A visão de diferentes autores, a partir do século XIX, sobre a delimitação do escopo de estudo da Ciência da Informação (CI), suas características, bem como o entendimento do seu objeto de estudo – a informação –, abre portas para que as pesquisas sobre aprendizagem possam vir a enriquecer tal campo de discussão, uma vez que, conforme Brookes (1980, p. 125), “a ciência da informação flutua em um limbo filosófico, não tem fundamentos teóricos”.²

Neste íterim, tendo como referência a definição de CI adotada por Harold Borko em 1968, em artigo intitulado *Information Science: what is it?*³, tem-se que o objeto de estudo dessa ciência está nos processos relacionados à produção, organização, transmissão e uso da informação. De fato, esta é uma ciência conhecida como interdisciplinar, aplicada e preocupada com a dimensão social.

¹ Disciplina *Seminários em Organização da Informação: Acervos Fotográficos e o Ciclo da Informação* do Programa de Pós-Graduação em Ciência da Informação da Universidade de Brasília (PPGCIInf-UnB).

² “[...] *Information Science operates busily on an ocean of commonsense practical applications which increasingly involve the computer. Whatever foundations it may claim to have rest on commonsense views of language, of communication, of knowledge and information and on commonsense applications of computer and telecommunications technology. [...] So information science floats in a philosophical limbo. It has no theoretical foundations*” (BROOKES, 1980, p.125).

³ *Ciência da Informação é “that discipline that investigates the properties and behavior of information, the forces governing the flow of information, and the means of processing information, and the means of processing information for optimum accessibility and usability. It is concerned with that body of knowledge relating to the origination, collection, organization, storage, retrieval, interpretation, transmission, transformation, and utilization of information. This includes the investigation of information representations in both natural and artificial systems, the use of codes for efficient message transmission, and the study of information processing devices and techniques such as computers and their programming systems. It is an interdisciplinar science [...]”* (BORKO, 1968, p.3).

A informação (objeto de estudo da CI) é utilizada por Tarapanoff (2006, p. 21) “no sentido de conhecimento comunicado, [...] inclui conceitos de novidade e relevância e refere-se ao processo de transformação do conhecimento e, particularmente, à sua seleção e interpretação em um contexto específico”. E, no âmbito desse projeto, foi entendida como conceito comunicado fazendo uso da fotografia como técnica de registro. Aqui é preciso recordar que essa informação conceito é fruto de um contexto social, conforme destacado por Orom (2000), e que para gerar conhecimento, é preciso considerá-lo.

No intuito de melhor compreender as etapas do ciclo da informação, e suas características, bem como permitir que tal conhecimento seja passível de ser representado por fotos-conceito, o presente estudo fez uso da metodologia *Imaginando*⁴ – uma metodologia que pode ser utilizada por qualquer área do conhecimento, composta por cinco passos quais sejam:

(i) discussão teórica com os alunos, embasada em bibliografia especializada, para atingir um nível comum de compreensão conceitual de termos específicos; (ii) produção de imagens inéditas - e/ou reaproveitamento de imagens anteriores feitas pelos próprios participantes -, representativas de tais ideias e/ou conceitos; (iii) consolidação dos conceitos mediante discussão das imagens realizadas por todos (alunos e professores) em sala de aula; (iv) ajustes nas imagens ou produção de novas em função de tal debate; (v) elaboração de ficha descritiva e texto explicativo sobre cada imagem final, com vistas à documentação, criando um banco de imagens de uso não-comercial. O ciclo pode, a partir daí, ser reiniciado com outras temáticas e conceitos (DI PIETRO et. al., 2013, p.204).

A metodologia *Imaginando* permite um processo de internalização dos conceitos abordados, uma vez que traduzir uma definição geral e abstrata em uma imagem, ou selecioná-la como representação, exige um exímio entendimento do conceito a ser retratado.

No âmbito do Grupo de Pesquisa Acervos Fotográficos (GPAF)⁵, a metodologia em questão foi adaptada sendo denominada Imagine. Nesta

4 Uma metodologia de ensino desenvolvida na Facultad de Ciencias de la Documentación da Universidad Complutense de Madrid, em 2011, coordenado por Juan Miguel Sánchez Vigil, e com a participação de María Olivera Zaldua, Juan Carlos Marcos Recio, Antonia Salvador Benítez e Federico Ayala Sorensen, com o objetivo de analisar o uso da fotografia na docência, gerando um banco de imagens criado pelos próprios estudantes (VIGIL, 2012) – metodologia que, no Brasil, no âmbito do Grupo de Pesquisa Acervos Fotográficos (GPAF), foi aperfeiçoada (LOPEZ et al., 2013).

⁵ Em 2008 institucionalizou-se junto ao Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq), o GPAF, vinculado à Universidade de Brasília (UnB). O grupo, bastante ativo desde sua criação, congrega professores de diferentes universidades; busca discutir abordagens

perspectiva, a presente pesquisa teve por norte responder ao seguinte questionamento: em que medida a metodologia *Imagine* permite a potencialização dos conceitos do ciclo da informação no processo de maximização da aprendizagem⁶?

Conforme as palavras de Gombrich (1955, p. 7), “se maravilhar é o primeiro passo no caminho da sabedoria, e quando deixamos de nos maravilhar, estamos em perigo de deixar de saber”, talvez seja essa a primeira sensação fornecida pela fotografia traz quando devidamente admirada. Neste sentido, ela tem sido alvo dos mais diferentes usos.

A expectativa de se maravilhar permite a criação da ilusão e, assim, as fotografias acabam pensadas na expectativa de preencher um vazio e montar o restante do quebra-cabeça. Mas, como afirma Lopez (1999, p.54), “o que está em questão não é o que o observador vê na foto e sim a intenção desta imagem, para que finalidade ela foi feita, o que ela quer comunicar”; pois, a imagem pode valer mais que mil palavras no instante de sua produção, mas para permanecer transmitindo sua mensagem, precisa ser contextualizada e entendida como um fruto do meio social.

Neste íterim, para o estabelecimento dos critérios essenciais de manutenção do contexto de produção e descrição de conteúdo que garantirá o acesso à informação, é necessário, primeiramente, compreender o contexto social onde tais fotografias estão inseridas. Compreendendo a fotografia também como um

relativas a documentos fotográficos, tendo como cenário mais amplo os documentos imagéticos. Fazem parte do escopo a discussão da própria formação de diferentes modalidades de acervo, e das diferentes origens, compreensões e usos do documento fotográfico. A proposta engloba a utilização e preservação da fotografia em na sociedade vigente, inter-relacionando tais elementos à reflexão acerca da organização e disponibilização do documento fotográfico em diversas unidades informacionais, destacando a importância dos referidos processos como formas de construção e manutenção de memórias. Neste sentido, tem-se por intuito promover uma análise crítica a respeito da produção, circulação, distribuição, conservação e uso de documentos e informações fotográficas, considerando sua institucionalização, acessibilidade e divulgação, com base em duas linhas de pesquisa, quais sejam: 1) Linhas de pesquisa: Comunicação e usos da informação – objetiva analisar, por diferentes ângulos, questões relativas à comunicação social e científica da informação visual e sua utilização, nos mais variados moldes, tanto por instituições como por grupos sociais; e, 2) Gestão Documental e Gestão da Informação – objetiva promover gestão documental de documentos fotográficos com vistas à gestão da informação, englobando as várias atividades pertinentes, entre as quais, identificação documental, conservação e restauração documental, sistematização da informação orgânica, organização de arquivos e coleções fotográficas, descrição arquivística, organização da informação temática, replicação da informação, elaboração de banco de dados, criação de corpora e repositórios com documentos fotográficos com vistas à pesquisa. A *home page* do Grupo é: <<http://gpaf.info/>>.

⁶ A maximização de aprendizagem no âmbito da presente pesquisa está definida como a utilização de técnicas diversificadas de ensino que permitam uma melhor retenção dos conteúdos pelos alunos da disciplina *Seminários em Organização da Informação: Acervos Fotográficos e o Ciclo da Informação*.

fenômeno histórico social, um dos benefícios da contribuição da metodologia *Imagine* é a etapa de exposição e interação com um público leigo – público que não está familiarizado com os conceitos da área da CI.

Diante do exposto, a presente pesquisa fez uso da metodologia *Imagine* a fim de discutir e potencializar os conceitos do ciclo da informação (criação, organização, recuperação, comunicação da informação) por meio da produção de fotografias como ferramenta essencial para aprendizagem (maximização da aprendizagem). Assim, seu escopo teve por justificativa a utilização dos conceitos da CI, pois, de acordo com Tarapanoff (2006, p.20), “em pesquisas que abordam o tema da informação, a ciência da informação contribui principalmente com estudos das necessidades informacionais, do estudo do fluxo e uso da informação”. E no que refere à necessidade social, a CI possui grande relação com os usuários da informação, o que torna a demanda social um aspecto desencadeador do processo informacional que objetiva atingir a disponibilidade da informação fazendo uso, como método, das etapas do ciclo da informação (KUROKI, 2016).

1.1 Observações gerais

A preocupação da presente pesquisa com a metodologia de ensino-aprendizagem *Imagine* implicou a utilização de notas de rodapé com o intuito de facilitar a compreensão das ideias aqui expostas. Neste sentido, faz-se importante destacar que as referências outrora utilizadas representaram algumas das possibilidades bibliográficas referente às questões abordadas. Assim, têm-se discussões mais aprofundadas sobre a aprendizagem e a fotografia desenvolvidas no próprio texto.

Quanto à estruturação do trabalho, inicialmente tem-se a exposição da introdução, bem como do problema de pesquisa e os objetivos da pesquisa.

O capítulo subsequente trata da fundamentação teórica da pesquisa, subdivido em quatro tópicos, quais sejam: 1) a CI e o ciclo da informação – que discute o ciclo da informação na CI e delinea a proposta de ciclo utilizada pela pesquisa; 2) a fotografia – que direciona a pesquisa na linha de estudos do Grupo de Pesquisa Acervos Fotográficos (GPAF); 3) o *Imaginando* e o *Imagine* – que explica a metodologia *Imaginando* e a metodologia *Imagine*, suas origens e passo a passo; e,

4) a aprendizagem na aplicação do *Imagine* – que situa a metodologia *Imagine* no processo de aprendizagem.

Em seguida, tem-se a exposição da metodologia empregada na pesquisa, indicando as etapas percorridas por cada objetivo específico da pesquisa.

Por conseguinte, têm-se os resultados da pesquisa, sendo uma parte textual dividida em subcapítulos conforme o desenvolvimento da metodologia da pesquisa, quais sejam: aplicação do *Imaginando*; e, aplicação do *Imagine*. Vale destacar que a aplicação da metodologia *Imagine* foi subdividida em mais dois tópicos, a saber: um responsável pela apresentação dos resultados da análise das fichas respostas da exposição, como um exemplo estatístico, e outro com a análise e os resultados da realização do grupo focal.

Finalmente, no último capítulo têm-se as considerações finais com a análise conclusiva da pesquisa e o potencial de continuidade da mesma acerca das possibilidades de aplicação da metodologia de ensino-aprendizagem *Imagine*.

1.2 O problema e os objetivos

A presente pesquisa teve por objetivo compreender a metodologia *Imagine* fazendo uso dos conceitos do ciclo da informação no processo de maximização da aprendizagem, no intuito de responder o seguinte questionamento: em que medida a metodologia *Imagine* permite a potencialização dos conceitos do ciclo da informação no processo de maximização da aprendizagem?

Para tentar responder essa pergunta desdobramos o objetivo geral em três objetivos específicos. O primeiro foi analisar como ocorre a transformação do conhecimento formal para a fotografia no *Imaginando*. E para atingi-lo, as etapas percorridas foram definidas no capítulo de Metodologia.

O segundo objetivo desse projeto foi compreender como o conhecimento visual da fotografia é entendido por um público leigo ao utilizar o *Imagine* – conceitos esses discutidos no primeiro objetivo específico.

Afirmar que toda representação se fundamenta em convenções para atacar os problemas centrais não é o suficiente, pois, não basta apenas colocar em oposição o “ver” e “conhecer”, nem insistir, de modo geral, que toda representação se funda em convenções. Assim, faz-se importante descer a análise, em termos psicológicos, do que está em causa no processo da formação e interpretação de

imagem (GOMBRICH, 1995), uma vez que o processo de interpretação da imagem é formado pelo ambiente no qual esta se encontra inserida.

E por isso, o terceiro objetivo foi compreender como o universo da pesquisa maximizou o conhecimento ao utilizar a metodologia *Imagine*. Realizar testes de hipóteses de acordo com os resultados obtidos, ou seja, considerando a realidade, a cultura e a ambientação.

2 METODOLOGIA

O problema central da presente pesquisa foi analisar em que medida a metodologia *Imagine* permite a potencialização dos conceitos do ciclo da informação no processo de maximização da aprendizagem. A aplicação da metodologia utilizando os conceitos do ciclo da informação se baseou no método pesquisa-ação, a partir do trabalho participativo do pesquisador com os pesquisados e da formação de um grupo focal como técnica de coleta de dados.

A pesquisa-ação é um método ou estratégia de pesquisa, sendo agregadora de vários métodos ou técnicas de pesquisa social para estabelecer uma estrutura coletiva, participativa e ativa na captação da informação (THIOLLENT, 1997). É possível também que o conhecimento produzido possa ser utilizado para além da coletividade do estudo por meio de parciais generalizações, de modo que a ênfase possa se concentrar na resolução de problemas, na tomada de consciência ou na produção de conhecimento. Assim, no estudo em questão, esta foi utilizada para embasar o desenho de desenvolvimento metodológico, conforme evidenciado na Figura 1, a seguir.

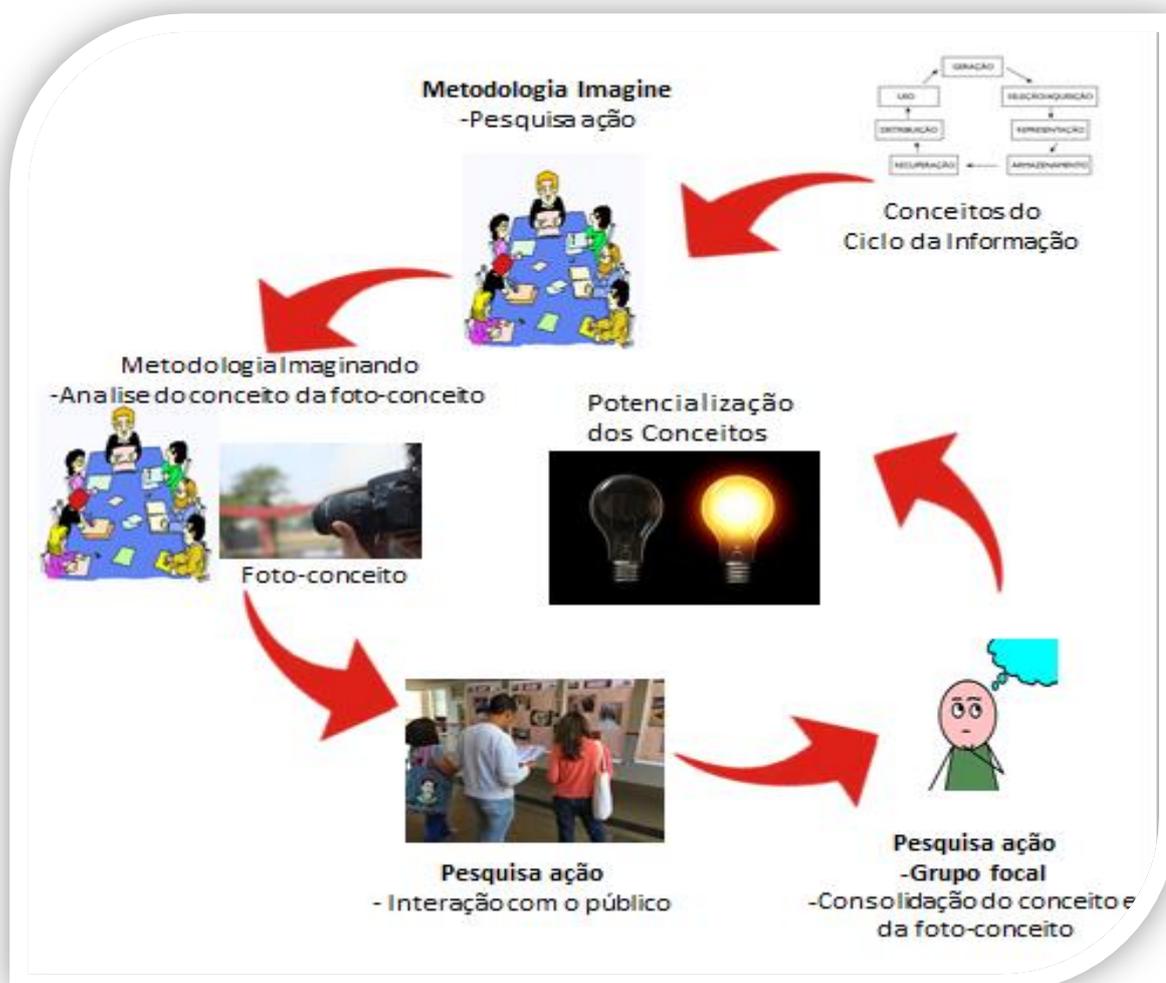


Figura 1 – Desenho da pesquisa.

Fonte: Dos autores.

A presente pesquisa teve como nível de abrangência um estudo de caso, que utilizou como base empírica os alunos da disciplina *Seminários em Organização da Informação: Acervos Fotográficos e o Ciclo da Informação* do Programa de Pós-Graduação em Ciência da Informação da Universidade de Brasília (PPGCI-UnB) e o público leigo⁷ participante da exposição do *Imagine*. Neste sentido, faz-se importante destacar a necessidade de, antes de se iniciar um estudo de um aspecto específico de um fenômeno qualquer, que esteja muito claro qual é o fenômeno e qual é o aspecto (TOMANIK, 2004). Assim, tem-se aqui uma pesquisa que possui caráter descritivo, visando identificar e descrever o fenômeno estudado: as

⁷ Um público com pouco ou com nenhum conhecimento na área de Ciência da Informação (CI).

possibilidades de potencializar os conceitos do ciclo da informação com o uso e a aplicação da metodologia *Imagine*.

O grupo focal foi aqui utilizado como ferramenta para a coleta de dados, uma vez que este tem por base teorizações e posteriores interpretações, buscando perceber como os sujeitos recebem e significam as informações propositadas no grupo (GONDIN, 2003). Assim, a abordagem do estudo em questão se deu de modo qualitativo, e as técnicas para a análise dos dados também fez uso dos métodos qualitativos, pois, a natureza da pesquisa foi de cunho aplicada descritiva, uma vez que teve por intuito descrever as características do fenômeno da pesquisa.

A etapa da metodologia *Imagine* que se refere à definição dos conceitos relacionados ao ciclo da informação foi obtida no horizonte temporal transversal, sendo os dados coletados a cada encontro do pesquisador com os pesquisadores do grupo focal.

E como para a seleção e organização do grupo focal é imprescindível a transparência dos critérios de inclusão dos sujeitos na pesquisa, o grupo foi formado pelos alunos matriculados na disciplina supramencionada, lecionada pelo professor Doutor André Porto Ancona Lopez, e por mim (pesquisadora) – também membros do Grupo de Pesquisa Acervos Fotográficos (GPAF).

Os métodos são os caminhos para lograr as análises e afirmações. São eles que favorecem o desenvolvimento de afirmações e possibilitam avaliações (TOMANIK, 2004). Neste sentido, a presente pesquisa seguiu os métodos de abordagem que se seguem:

- Aplicação do *Imaginando*;
- Aplicação do *Imagine* (Exposição; Estatística⁸); e
- Aplicação do *Imagine* (Grupo focal⁹).

Conforme o exposto, o primeiro objetivo do estudo em questão – analisar como se dá a transformação do conhecimento formal para a fotografia no *Imaginando* – foi alcançado por meio das etapas listadas a seguir.

⁸ Recurso utilizado como uma possibilidade de análise das fichas-resposta recolhidas na exposição do *Imagine*. A ficha-resposta encontra-se no Apêndice “C” – Miniaturas Foto-Conceito, preenchida com os conceitos do Apêndice “B” – Ficha-Conceito.

⁹ Recurso utilizado com os alunos da disciplina de Ciência da Informação (CI) como uma possibilidade de captação dos diferentes entendimentos dos conceitos abordados na disciplina e as evoluções destes com a aplicação da metodologia *Imagine*.

a) Aplicação do *Imaginando*:

- 1) Discussão teórica embasada em bibliografia especializada, para atingir um nível comum de compreensão conceitual dos conceitos do ciclo da informação discutidos no contexto do documento fotográfico. A fim de atingir um nível comum de conhecimento fez-se uma ementa para a disciplina, *Seminários em Organização da Informação: Acervos Fotográficos e o Ciclo da Informação*¹⁰, com autores da Ciência da Informação (CI) e da Fotografia.
- 2) Explicação da metodologia *Imaginando*, seus usos e aplicação. Os alunos da disciplina supramencionada fizeram uso da discussão teórica sobre os conceitos do ciclo da informação, a fim de compreender a produção da foto-conceito.
- 3) Definição dos conceitos abordados. Os conceitos definidos do ciclo da informação tem por base a proposta de Tarapanoff (2006), adaptado às proposições de Floridi (2002), quais sejam: gênese da informação, organização da informação, recuperação da informação e comunicação da informação;
- 4) Aplicação da metodologia *Imaginando* para a produção de fotos-conceito. Produção de no mínimo uma foto-conceito por aluno, para cada conceito do ciclo da informação; e
- 5) Análise e discussão das fotos-conceito, reelaboração das fotos-conceito necessárias e fixação dos conceitos abordados.

O segundo objetivo aqui empreendido foi compreender como o conhecimento visual da fotografia é entendido por um público leigo, com base nas etapas expostas a seguir.

a) Aplicação do *Imagine* (exposição; estatística):

- 1) Análise e seleção das fotos-conceito a serem expostas;
- 2) Elaboração da Ficha-Conceito¹¹ e da Ficha de Miniaturas Foto-Conceito¹²;
- 3) Exposição dos *banners* com as fotos-conceito e explicação para o público da metodologia *Imagine*; e

¹⁰ Vide Anexo "A" – Ementa da Disciplina.

¹¹ Vide Apêndice "B" – Ficha-Conceito.

¹² Vide Apêndice "C" – Ficha Miniaturas Foto-Conceito.

- 4) Análise das fichas-resposta e comparação com o conceito utilizado pelo produtor da fotografia (estatística).

O terceiro objetivo foi compreender como o universo da pesquisa¹³ maximizou o conhecimento a partir do uso da metodologia *Imagine*, conforme as etapas evidenciadas a seguir.

a) Aplicação do *Imagine* (Grupo focal)

- 1) Elaboração de um roteiro de um grupo focal contendo duas seções¹⁴: a primeira seção, com o objetivo de discutir o tema ciclo da informação, percorrendo cada um dos quatro conceitos abordados na disciplina; e, a segunda seção, com o objetivo discutir a relevância da metodologia *Imagine* para os alunos de CI da disciplina supramencionada no processo de ensino-aprendizagem.

¹³ O universo delimitado pela presente pesquisa são os alunos matriculados na disciplina *Seminários em Organização da Informação: Acervos Fotográficos e o Ciclo da Informação* do Programa de Pós-Graduação em Ciência da Informação da Universidade de Brasília (PPGCI-UnB).

¹⁴ Vide Apêndice “D” – Roteiro Grupo Focal.

3 REVISÃO BIBLIOGRÁFICA

3.1 A Ciência da Informação e o ciclo da informação

Embora seja uma ciência ainda em transformação, a Ciência da Informação (CI) possui foco na investigação do comportamento e das propriedades da informação. Ela faz com que diferentes áreas do conhecimento ali se consolidem, tornando-a uma ciência interdisciplinar, se relacionando com diversas áreas que possuem, como um de seus objetos de estudo, a informação (ARAÚJO, 2003).

A CI surgiu após a explosão informacional ocorrida durante a revolução científica e tecnológica que se seguiu após a II Guerra Mundial, por volta de 1950, em consequência das grandes transformações políticas, tecnológicas e sociais, resultando no crescimento exponencial dos registros de informação (SANTOS JÚNIOR, 2012).

Vários foram os eventos que suscitaram debates teóricos entre pesquisadores e cientistas a respeito da delimitação da CI – seus conceitos e definições. Na tentativa de buscar um consenso quanto à sua identidade, alguns autores, como, por exemplo, Borko (1968), atentaram para a possibilidade de trazer uma definição capaz de proporcionar a compreensão e uma delimitação para tal ciência.

A CI, também denominada no início dos anos 1950 de informática, embora tenha tido uma grande contribuição do processamento eletrônico de dados para o seu nascimento, recebeu influência de diferentes disciplinas (WERSIG; NEVELING, 1975). Tal influência caracteriza a necessidade de se estabelecer um consenso quanto à identidade desta Ciência.

É com essa intenção que, em 1968, Borko (1968, p. 4) definiu a disciplina científica Ciência da Informação como aquela que estuda “*the properties and behavior of information, the use and transmission of information, the use and transmission of information, and the processing of information for optimal storage and retrieval*”.

Com a explosão informacional pós-II Guerra Mundial, a CI teve sua emergência como ciência interdisciplinar, necessitando assim como a ciência da computação, de conexões e refinamento com outros campos do saber, inclusive com a ciência cognitiva (SARACEVIC, 1996).

Para Orom (2000), o contexto social é mais relevante para a CI do que o cognitivo por duas razões, quais sejam: 1) o objeto da CI está sujeito a mudanças históricas; e, 2) o meio de desenvolvimento social da CI é valioso para a compreensão da natureza daquela Ciência.

A CI, tanto uma ciência pós-moderna quanto uma ciência social, carece de estudos sobre a evolução e trajetória de si mesma e de suas relações com as ciências sociais, uma vez que é possível notar que a trajetória de consolidação desta como uma disciplina científica resultou do processo de construção de uma ciência moderna (ARAUJO, 2003).

Neste íterim, vale destacar que a CI possui três características, a saber: 1) interdisciplinaridade; 2) pertencer à sociedade da informação; e, 3) ter vinculação com a tecnologia da informação. Porém, seu fundamento verdadeiro é a aplicação social (SARACEVIC, 1996).

Não se pode perder de vista que, segundo Capurro e Hjørland (2007), a preocupação está em estabelecer um corpo científico capaz de permitir a geração, coleta, organização, interpretação, armazenamento, recuperação, disseminação, transformação, uso e transferência da informação fazendo uso, quando possível, de ferramentas tecnológicas, pois, para ser uma ciência, o objeto de estudo precisa ser passível de ser identificado: a informação.

Assim, a informação como objeto de estudo da CI precisa ser definida e estabelecida como um domínio, uma informação registrada que, posteriormente, possa ser selecionada para o acesso (BATES, 1999)¹⁵ – informação que necessita estar inserida no contexto social de desenvolvimento da ciência, pois, segundo Matheus (2005), devemos sempre considerar os aspectos semânticos da informação, ou seja, o significado desta para as pessoas.

Na proposta de Buckland (1991), muitas definições têm sido propostas para “informação”. Um importante uso da informação é a denotação tanto do conhecimento comunicado como do processo de informação. Outro uso da “informação” é fazer referência às coisas que são informativas. Entretanto, a “informação-como-coisa” merece uma análise cuidadosa, uma vez que essa é a forma de informação que é diretamente tratada pelos sistemas de informação.

¹⁵ “*The domain of information science is the universe of recorded information that is selected and retained for later access*” (BATES, 1999, p. 1044).

Para Capurro e Hjørland (2007), a era da informação pode também ser denominada era do acesso. Para tanto, a produção, a distribuição e o acesso à informação abarcam o foco das atenções para a economia, bem como o contexto de desenvolvimento da informação, ou seja, a informação necessita estar integrada a um contexto para gerar o conhecimento necessário para a tomada de decisão.

Assim, considerando a CI no âmbito das ciências sociais, é possível afirmar que esta se preocupa em estabelecer as vinculações entre o homem e a sociedade por meio da informação, uma vez que caracteriza seu escopo como o “estudo das propriedades gerais da informação (natureza, gênese, efeitos) e a análise de seus processos de construção, comunicação e uso” (LE COADIC, 2004, p. 25). E, fazendo uso da tecnologia, tem-se a geração de produtos, sistemas e serviços que permitem a construção, a comunicação, o armazenamento e o uso da informação (LE COADIC, 2004).

No contexto cíclico da informação, autores como, por exemplo, Borko (1968), Dodebei (2002), Floridi (2002), Le Coadic (2004) e Tarapanoff (2006) definem algumas fases ou etapas para a informação.

Borko (1968, p. 3) aponta as etapas do fluxo informacional em sua definição de CI ao afirmar que a referia ciência:

[...] preocupa-se com os conhecimentos relacionados com a produção, coleta, organização, armazenamento, recuperação, interpretação, transmissão, transformação e uso de informação. Inclui a investigação da representação de informação nos sistemas naturais e artificiais, o uso de códigos para a transmissão da mensagem eficientes, bem como o estudo dos dispositivos e técnicas que processam as informações, tais como os computadores e os sistemas de programação¹⁶.

Dodebei (2002, p. 23) destaca a dimensão cíclica e disponibiliza um modelo de caráter sistêmico denominado Ciclo da Informação, que se compõe de etapas que buscam compreender “os processos criados pela produção, acumulação e uso de conhecimentos e os produtos gerados em suas várias formas representacionais”.

¹⁶ “It is concerned with that body of knowledge relating to the origination, collection, organization, storage, retrieval, interpretation, transmission, transformation, and utilization of information. This includes the investigation of information representations in both natural and artificial systems, the use of codes for efficient message transmission, and the study of information processing devices and techniques such as computers and their programming systems [...]” (BORKO, 1968, p. 3).

Neste contexto, Floridi (2002) também identifica o ciclo vital da informação e o divide em quatro macros etapas, quais sejam: 1) criação; 2) processamento; 3) gestão; e, 4) uso da informação. Estas podem ser reunidas e destacadas, e conforme aquele autor¹⁷, é possível definir o ciclo da informação nas seguintes fases: gênese da informação, organização da informação, recuperação da informação e comunicação da informação.

Le Coadic (2004) atenta para o ciclo da informação em três fases, quais sejam: 1) construção; 2) comunicação; e, 3) uso da informação – sendo a comunicação utilizada no lugar da distribuição, e o seu uso em vez do consumo. Tais fases, conforme aquele autor, se sucedem e se alimentam reciprocamente.

Dodebei (2002, p. 24) destaca a visão cíclica da informação ao afirmar que esta também pode ser denominada processo de “transferência da informação”, que “reduz a realidade da representação do conhecimento a seis etapas: produção, registro, aquisição, organização, disseminação e assimilação”.

Choo (2003, p. 404) apresenta a forma cíclica da informação chamando-a de “modelo processual de administração da informação”. E as etapas compreendem nas que se seguem: necessidade de informação; aquisição de informação; organização e armazenamento de informação; produtos/serviços de informação; distribuição da informação; e, uso da informação.

Para Tarapanoff (2006), o ciclo informacional se inicia quando se apresenta uma necessidade informacional, um problema, um tema a ser analisado.

Um processo que se inicia com a busca da solução a um problema, da necessidade de obter informações sobre algo, e passa pela identificação de quem gera o tipo de informação necessária, as fontes e o acesso, a seleção e aquisição, registro, representação, recuperação, análise e disseminação da informação, que, quando usada, aumenta o conhecimento individual e coletivo (TARAPANOFF, 2006, p. 23).

Neste sentido, a presente pesquisa fez uso do ciclo da informação proposto por Tarapanoff (2006), adaptado às proposições de Floridi (2002), culminando na definição do referido ciclo em uma análise macro, em quatro fases, a saber: 1)

¹⁷ “A typical life cycle includes the following phases: occurring (discovering, designing, authoring, acquiring, creating, etc.), processing and managing (collecting, validating, modifying, organizing, indexing, classifying, filtering, updating, sorting, storing, networking, distributing, disseminating, displaying, accessing, retrieving, transmitting, transferring, etc.) and using (monitoring, modelling, analysing, explaining, interpreting, planning, forecasting, decision-making, instructing, educating, learning, etc.)” (FLORIDI, 2002, p. 48).

gênese da informação; 2) organização da informação; 3) recuperação da informação; e, 4) comunicação da informação (vide Figura 1, a seguir), sendo a CI “caracterizada como uma ciência multiparadigmática” (DODEBEI, 2002, p. 20), que não possui um único modelo a seguir.



Figura 2 – Ciclo da Informação.

Fonte: Adaptado de Tarapanoff (2006).

Capurro e Hjørland (2007) afirmam que a informação deve ter significação em relação às necessidades das pessoas envolvidas.

É o que pode responder questões importantes relacionadas às atividades do grupo-alvo. A geração, coleta, organização, interpretação, armazenamento, recuperação, disseminação e transformação da informação deve, portanto, ser baseada em visões/teorias sobre os problemas, questões e objetivos que a informação deverá satisfazer (CAPURRO; HJØRLAND, 2007, p. 187-188).

Diante do exposto, no que tange à importância do entendimento da informação em um contexto social, faz-se importante uma abordagem sociológica e epistemológica para os processos do ciclo da informação (CAPURRO; HJØRLAND, 2007), valendo-se da CI como o estudo da geração, da organização, do armazenamento, da recuperação e da disseminação da informação (BATES,

1999)¹⁸. E quando se estuda a dinâmica social faz-se uso da CI com o propósito de compreender a criação de informações, a busca e o uso – o que difere das pesquisas de comunicações, onde a ênfase é o processo de comunicação; na CI, tal processo se dá na compreensão do serviço de transferência da informação (BATES, 1999)¹⁹.

3.2 A fotografia

Na presente pesquisa fez-se necessário compreender que a fotografia, como afirma Lopez (1999), em um primeiro momento, é capaz de ser apenas um recurso – talvez, o melhor deles para determinado objetivo de linguagem; e que esta “equivaleria a um estilo ou a uma determinada intenção – não uma intenção artística, mas uma intenção administrativa, o que a coloca entre uma função estética e uma função de representação/comunicação”.

O meio de interpretação e percepção das imagens é difuso. Os limites são tênues e diferem dependendo do contexto histórico-social e da experimentação cultural, pois, toda forma de se comunicar depende das concessões ao conhecimento pré-existente. E este é ditado “pelo contexto e pela consistência das possíveis interpretações alternativas que têm de ser posta de lado” (GOMBRICH, 1995).

A natureza que fala à câmera não é a mesma que fala ao olhar; é outra, especialmente porque substitui a um espaço trabalhado conscientemente pelo homem; um espaço que ele percorre inconscientemente (BENJAMIN, 2012). Ou seja, a fotografia aqui trabalhada está na função de representação/comunicação de um conceito específico do ciclo da informação – uma foto-conceito. E a representação da informação sob o olhar dos documentos fotográficos possui características que devem ser analisadas, uma vez que o documento fotográfico:

¹⁸ “*Information science is the study of the gathering, organizing, storing, retrieving, and dissemination of information*” (BATES, 1999, p. 1044).

¹⁹ “*When we study people, we do so with the purpose of understanding information creation, seeking, and use. We do not just study people in general. The rest of the social sciences do various forms of that. Sometimes this can be a very fine distinction; other times it is very easy to see. In communications research, a cousin to our field, the emphasis is on the communication process and its effects on people; in information science we study that process in service of information transfer*” (BATES, 1999, p. 1048).

[...] como registro visible de referencias pasadas, puede ser considerado un artefacto producido em un determinado momento histórico. Su análisis, tanto a nivel teórico como práctico, presupone una discusión de los aspectos de la producción, teniéndose en cuenta sus utilizadores y las funciones para las cuales fueron creados. El archivamiento de documentos fotográficos para investigación requiere no solamente de Buenos procedimientos de preservación y conservación, sino también una clasificación (com su respectivo sistema de búsqueda) capaz de permitir que se hagan conocidas las informaciones contextuales (LOPEZ, 2014, p. 40).

A fotografia, além de evidenciar conceitos, ideias, sentimentos e ações, se apresenta, muitas vezes, como suporte para a informação nos meios de comunicação (RECIO, 2014)²⁰. Assim, ela não somente “constitui um tipo de representação que goza de um extenso uso cultural e uma ampla trajetória histórica como também apresenta uma morfologia específica [...] com características específicas” (MALVERDES, 2016, p. 28).

E uma das primeiras ações para lograr a compreensão de uma imagem seria conseguir reconhecê-la como uma forma de comunicação, entendendo o meio de divulgação e o contexto que esta foi veiculada, sendo possível entender a imagem como fruto do meio social, carregada da cultura da época em que fora produzida e pertencente a um tempo e espaço capaz de apresentar um significado. Tal significado, estreitamente vinculado com sua finalidade de produção, permite compreender a mensagem inicial e intencional do produtor, pois,

[...] para comprendermos o significado das imagens, temos de considerá-las como produtos sociais e históricos, e como tal evoluem tanto de forma diacrônica (ao longo do tempo) como sincrônica (no espaço). Na comunicação fotográfica, há intervenção, pelo menos, dos seguintes elementos básicos: o fotógrafo (autor, criador e/ou produtor da imagem); a fotografia, isto é, a própria imagem icônica; o contexto, o conjunto de elementos que situam o processo comunicativo; e, o receptor, ou seja, o leitor (MALVERDES, 2016, p. 38).

O contexto onde o documento fotográfico se insere é a base para a compreensão da imagem e, por isso, conforme Pereira (2016, p. 30), “a natureza atribuída advém das razões que justificam a produção das informações orgânicas, ou seja, os elementos do contexto que, em geral, não se encontram nos documentos, mas em seus vínculos e articulações não explícitas”. Assim, os

²⁰ “La fotografía además de mostrar conceptos, ideas, sentimientos, acciones, se ofrece como soporte para la información em los médios de comunicación” (RECIO, 2014, p. 243-244).

documentos fotográficos estão sempre inter-relacionados com o tempo, o espaço, o fotógrafo (ou produtor) e o receptor da imagem.

A fotografia, sem dúvida, desperta um fascínio e uma atenção especial para os apreciadores, passando da simples constatação de referência a uma situação específica para a admiração de uma bela obra de arte. Logo, as hipóteses de interpretação não sugerem que os efeitos ambientais são os determinantes das ilusões, mas apenas que os efeitos ilusórios são influenciados pelo ambiente – o que significa que outras influências ambientais e não ambientais podem estar presentes e, portanto, que o efeito pode variar mesmo quando esse ambiente de influências, que são explicitamente indicados em forma de hipóteses, permanece constante (DEREGOWSKI, 1980).

“[...] a possibilidade de que todo reconhecimento de imagens esteja ligado a projeções e antecipações visuais é reforçada pelos resultados de experiências recentes” (GOMBRICH, 1995, p. 196); ou seja, o processo de análise de imagens deve considerar o ambiente sócio cultural de sua produção para ser possível atender a necessidade de informação.

A forma de percepção e interpretação das imagens é ampla. Os limites dentro do qual o aparelho perceptual humano opera é mais amplo do que aqueles que podem ser determinados pela experimentação cultural, mesmo esta tendo influência em seu meio – o que sugere que pode haver outros estímulos, ou seja, outras formas de ilusão que são percebidas de forma diferente em diferentes culturas. E que tais diferenças certamente seriam de se esperar que surgissem no caso de fotografias que, muitas vezes, incorporam elementos ilusórios para representar a perspectiva. Mas essas diferenças também podem ocorrer com padrões simples, tendo propriedades ilusórias, ou o poder para representar outros objetos (DEREGOWSKI, 1980).

Neste íterim, Gombrich (1995), ao tratar do “contexto mental”, assevera sobre a ambientação para o lançamento das projeções. Segundo aquele autor, “aquilo a que chamamos “interpretar” uma imagem poderia ser melhor descrito como testar as suas potencialidades, para ver qual delas se ajusta” (GOMBRICH, 1995, p. 196). Ou seja, quando da realização de testes de hipóteses conforme a realidade, a cultura e a ambientação, “a produção e a compreensão de uma imagem também acontecem segundo restrições temporais; a imagem tem sempre uma história” (NEIVA JUNIOR, 1986, p. 6).

Em suma, a fotografia pode ser entendida como uma técnica de registro, bem como “suporte de informação que apresenta imagem obtida com ajuda de um processo fotográfico” (ROUSSEAU; COUTURE apud PEREIRA, 2016, p. 31). E as imagens como fonte de informação “desempenham papel fundamental [...] para a recuperação e a comunicação de informações e conhecimentos no contexto teórico e prático de vários domínios do saber” (BENTES PINTO; MEUNIER; SILVA NETO apud ELLIOTT; MADIO, 2015, p. 4).

E no contexto do Grupo de Pesquisa Acervos Fotográficos (GPAF), o termo mais abordado é o de “documento fotográfico”, o qual é definido, em seu sentido mais amplo, como aquele que abarca “*la diversidad de los procesos técnicos, siendo preferente el uso de término “documentos fotográficos” para los documentos imagéticos generados por todos los procesos de captación fotográfica de imágenes, incluyéndose los digitales*” (REZENDE; LOPEZ, 2014, p. 172).

3.3 O *Imaginando* e o *Imagine*

O *Imaginando* é uma metodologia de ensino desenvolvida na Universidad Complutense de Madrid (UCM) em 2011. É um projeto que visa à inovação didática e melhoria da qualidade de ensino. Coordenado pelo professor Juan Miguel Sanchez Vigil (diretor), e com a participação dos seguintes professores especialistas em documentação e informação fotográfica, audiovisual, cinematográfica e publicitária da Faculdade de Ciências da Documentação: Antonia Salvador Benitez, Juan Carlos Marcos Recio, Frederico Ayala Sorensen e María Olivera Zaldua. Possui três macros objetivos vinculados à fotografia, quais sejam: 1) introduzir novos modelos de aprendizagem; 2) motivar os alunos na sua atividade; e, 3) criar um banco de imagens para o ensino (VIGIL, 2012).

Neste sentido, a fotografia,

Presente en todas las actividades sociales y culturales tiene una lectura em origen y otras tantas dependientes del análisis que se pretende y del analista que acomete la tarea. La polissemia es inherente a la imagen fija, y este es el factor que sustenta “Imaginando”.

A utilização da referida metodologia pela UCM pretende inserir no contexto de ensino o uso e a aplicação da fotografia nas disciplinas sem comprometer o conteúdo já abordado, enriquecendo-as com uma inovação docente.

De fato, a fotografia permite desenvolver a criatividade juntando, assim, o conteúdo e o conjunto de experiências acadêmicas. Neste sentido, para a aplicação da metodologia *Imaginando*, são considerados quatro aspectos, quais sejam: 1) o conhecimento e a aplicação da fotografia; 2) a participação dos estudantes; 3) a assimilação do conteúdo; e, 4) a utilização de novas tecnologias de aprendizagem (VIGIL, 2012). Assim, o objetivo é estimular a imaginação, contribuindo com a consolidação de conceitos de qualquer área ou disciplina por meio da criação ou reuso de imagens produzidas pelos alunos.

Neste aspecto, o desenvolvimento da criatividade dos alunos, com base nas discussões dos conceitos, na fotografia, nas habilidades para associar a fotografia ao conceito, de modo a lograr a representação dos conteúdos abordados nas discussões, foi a base da metodologia *Imaginando*. Tal metodologia foi utilizada no Brasil, no âmbito do GPAF, em disciplinas do Programa de Pós-Graduação em Ciência da Informação da Universidade de Brasília (PPGCInf-UnB), relacionadas aos acervos fotográficos. A experiência teve início em 2012, naquela Universidade, com o auxílio *in loco* de docente da UCM participante da proposta original do projeto, e se delineou pelas seguintes etapas (DI PIETRO et al., 2013):

- I. Discussão teórica com os alunos, com base em bibliografia especializada, a fim de atingir um nível comum de compreensão conceitual de termos específicos – aqui, no âmbito do GPAF, em relação aos acervos fotográficos, os alunos discutiram os autores relacionados à fotografia e ao conceito estudado;
- II. Produção de imagens inéditas (e/ou reaproveitamento de imagens anteriores feitas pelos próprios participantes) representativas de tais ideias e/ou conceitos – aqui são produzidas fotos-conceito, fotografias representativas dos conceitos discutidos em sala de aula (conceitos abordados no passo I);
- III. Consolidação dos conceitos mediante discussão das imagens realizadas por todos (alunos e professores) em sala de aula – aqui, a foto-conceito é discutida e os conceitos abordados em sala no passo I são requisitos para a compreensão.

- IV. Ajustes nas imagens ou produção de novas imagens em função de tal debate – após a discussão da foto-conceito e a compreensão da representação visual do conceito abordado, os alunos perceberam, algumas vezes, a necessidade de ajustes nas imagens (foto-conceito) ou a necessidade de produção de uma nova foto-conceito; e
- V. Elaboração de ficha descritiva e texto explicativo sobre cada imagem final, com vistas à documentação, criando um banco de imagens de uso não comercial – aqui, os alunos produzem uma ficha descritiva explicativa para cada foto-conceito com o objetivo de manter um contexto da produção dessas imagens; logo, com as imagens contextualizadas, tem-se a formação de um banco de imagens que fica disponível para uso não comercial, por meio do *blog* da disciplina.

A partir da conclusão da última etapa (V), o ciclo pode ser reiniciado com outras temáticas e conceitos. De fato, a utilização das imagens produzidas, além de facilitar a exposição de assuntos relacionados ao tema da aula, traz à discussão as visões pessoais de cada participante, proporcionando uma internalização dos conceitos aplicados aos documentos fotográficos (DI PIETRO et al., 2013).

Em 2013, uma nova aplicação da metodologia *Imaginando* no Brasil, no âmbito do GPAF, inovou ao realizar uma exibição de *banners* com as fotos-conceito para um público leigo, em um ambiente de grande circulação de pessoas, transformando-a em uma exposição voltada para o público, passando a denominar a metodologia de *Imagine*.

Na metodologia *Imagine*, na etapa da exposição, tem-se um potencial de vulgarização do saber²¹, ou seja, com a interação e observação do público leigo em relação aos conceitos abordados, há uma expectativa de aprendizagem. Porém, antes de realizar a exposição, se dá a fase da preparação da exposição, dividida nas seguintes etapas: 1) as imagens (foto-conceito) disponíveis no banco de imagens (*blog* da disciplina) são analisadas e selecionadas para a representação dos conceitos abordados; 2) elaboração da arte dos *banners* da exposição; 3) montagem dos *banners* com a explicação da metodologia e com uma ou mais fotos-conceito representativas para cada conceito estudado em sala de aula; 4) elaboração da

²¹ No contexto da presente pesquisa é preciso considerar a vulgarização do saber como a disseminação do saber, da informação que circula nos ambientes acadêmicos, para o público leigo.

Ficha-Conceito²² - sintetização de definições dos conceitos abordados por teóricos discutidos em sala de aula, a ser entregue na exposição; e, 5) elaboração da Ficha Miniaturas Foto-Conceito²³ – réplicas em miniaturas das fotos-conceito exibidas nos *banners* seguidas de espaço em branco – espaço disponível para o preenchimento da correspondência de um ou mais conceito da Ficha-Conceito pelo público participante da exposição.

Com a exposição preparada, deu-se início à metodologia de execução, que foi dividida em três etapas, a saber: 1) exibição dos painéis (*banners*) com as fotos-conceito, sem, no entanto qualquer explicação sobre elas; 2) ao público foram distribuídas pequenas definições dos conceitos (Ficha-Conceito), bem como réplicas em miniaturas das fotos-conceito (Ficha miniaturas Foto-Conceito) em exibição, com espaços em branco a serem preenchidos associando os conceitos às respectivas fotos; e, 3) após o tempo de observação e associação dos conceitos, tem-se a entrega, por parte do público, das Fichas-Resposta (Ficha miniaturas Foto-Conceito preenchida com os conceitos representativos para cada imagem), sendo este convidado a observar outros *banners* com a reprodução das fichas informativas das imagens observadas e a correspondente identificação dos conceitos. A partir daí, tem-se um debate com o público sobre a ideia abordada pela foto-conceito e a justificativa de pertinência ou não de cada imagem para cada conceito.

Após a execução da exposição, fez-se uma análise²⁴ das Fichas-Resposta. A análise se deu com o propósito de tentar visualizar a compreensão do público participante da exposição em relação à foto-conceito, ou seja, lograr se a análise das imagens exibidas foi determinada pelo público como representativa do conceito proposto.

Um exemplo de aplicação da metodologia *Imaginando*, adaptada com a etapa de exposição proposta pelo *Imagine*, no Brasil, é o Projeto *Imaginando Viana*²⁵, que faz uso da metodologia para ampliar a difusão do trabalho de educação patrimonial na comunidade e a reflexão sobre a diversidade cultural, bem como a difusão de seu patrimônio cultural. Tem-se aí um projeto desenvolvido para o Município de Viana, Espírito Santo, que utiliza a metodologia *Imaginando* como ferramenta para

²² Vide Apêndice “B” – Ficha-Conceito.

²³ Vide Apêndice “C” – Miniaturas Foto-Conceito.

²⁴ Na presente pesquisa optou-se pelo auxílio da estatística para a realização da análise das Fichas-Resposta.

²⁵ Disponível na *home page*: <<http://imaginandoviana.blogspot.com.br/>>.

proporcionar a formação de multiplicadores com as seguintes habilidades e competências: conhecimento da fotografia e o ensino da mesma no processo de aprendizagem; ampliação da participação e interação dos alunos em sala de aula; e, assimilação de conteúdos e o uso das novas tecnologias no processo de ensino e aprendizagem. O projeto consiste em oficinas ligadas ao patrimônio histórico e cultural que redundarão em material para a construção de uma exposição que ficará em local público na sede do Município.

Em 2016, uma nova aplicação da metodologia no âmbito do GPAF acrescentou mais uma etapa à metodologia *Imagine* ao realizar uma seção de grupo focal com os alunos participantes da disciplina onde a metodologia foi aplicada. Assim, após a execução da exposição e a análise das Fichas-Resposta, o grupo focal foi formado com o objetivo de rediscutir os conceitos abordados na disciplina, permitindo, assim, a potencialização de tais conceitos.

E com a intenção de ilustrar as delimitações das metodologias abordadas (*Imaginando* e *Imagine*) tem-se a Figura 3, a seguir.

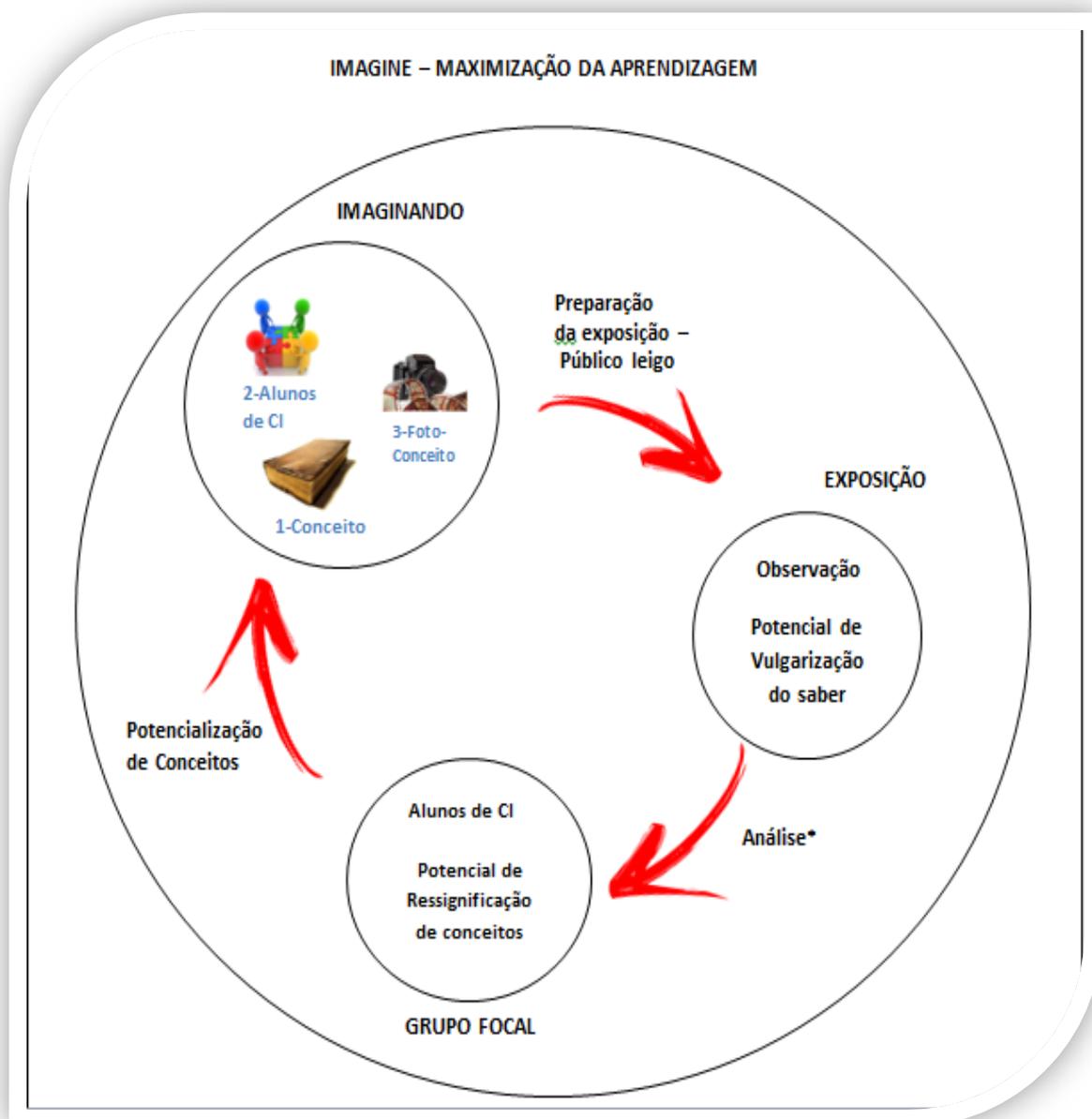


Figura 3 – *Imagine e Imaginando*.

Fonte: Dos autores.

Conforme evidenciado na Figura 2, tem-se na área total a abrangência da metodologia *Imagine*, que visa a maximização da aprendizagem. Fazendo parte da metodologia *Imagine*, como primeiro passo para a realização da metodologia *Imagine*, é possível identificar o círculo representativo da metodologia *Imaginando*, composto das seguintes etapas: 1) estudo dos conceitos (no caso da presente pesquisa, os conceitos do ciclo da informação); 2) discussão e apropriação dos conceitos pelos alunos de CI; e, 3) elaboração e disponibilização da foto-conceito.

Após a conclusão das etapas propostas pelo domínio do *Imaginando*, teve início a preparação da exposição para o público leigo – público este que não possui familiaridade com os conceitos abordados. Assim, o segundo passo da metodologia *Imagine* é a exposição, que permite a observação e a interação com o público, acarretando em um potencial de vulgarização do saber.

Após a interação com o público na exposição, fez-se a análise (Análise*) dos resultados dessa interação. E sendo a estatística uma das possibilidades de utilização de recursos para a análise, esta foi aqui utilizada como um exemplo para avaliar a foto-percepção.

Após a análise dos resultados da exposição (foto-percepção) fez-se a realização do grupo focal com os alunos de CI, gerando um potencial de ressignificação de conceitos para os participantes.

Com o resultado das discussões do grupo focal sobre os conceitos abordados obteve-se a potencialização dos conceitos analisados no primeiro passo da metodologia *Imaginando*. E assim, o ciclo pode reiniciar com os mesmos conceitos, porém, ressignificados ou com novos conceitos, configurando a metodologia *Imagine* conforme se segue:

IMAGINANDO → exposição, análise, grupo focal → IMAGINE

Até o momento foram realizadas as seguintes aplicações da exposição, ainda sob a denominação de *Imaginando*, porém, com a aplicação da metodologia do *Imagine*:

- 2013: curso de Arquivologia da UnB (Brasil);
- 2013: curso de pós-graduação em Ciência da Informação da UnB;
- 2014: curso de graduação em Arquivologia da Universidad de Antioquia (UdeA) (Colômbia);
- 2014: curso de especialização em Arquivos da The Universitas Pelita Harapan (UPH) (Chile);
- 2014: curso de graduação em Arquivologia da UnB;
- 2014: curso de pós-graduação em Ciência da Informação da UnB;
- 2014: oficinas de diplomática do curso de graduação em Arquivologia da UnB;

- 2015: exposição pública no Conic (zona comercial de grande circulação de pessoas), em Brasília, Distrito Federal;
- 2015: oficinas de diplomática do curso de graduação em Arquivologia da UnB;
- 2015: evento no Instituto de Investigaciones Bibliotecológicas da Universidad de Buenos Aires (UBA) (Argentina);
- 2015: oficina *Imaginando* no Município de Viana, Espírito Santo; e
- 2016: exposição pública no Instituto Federal de Brasília (IFB), *campus* São Sebastião, Distrito Federal.

A percepção temporal das inovações na metodologia *Imagine* são evidenciadas na Figura 4, a seguir.

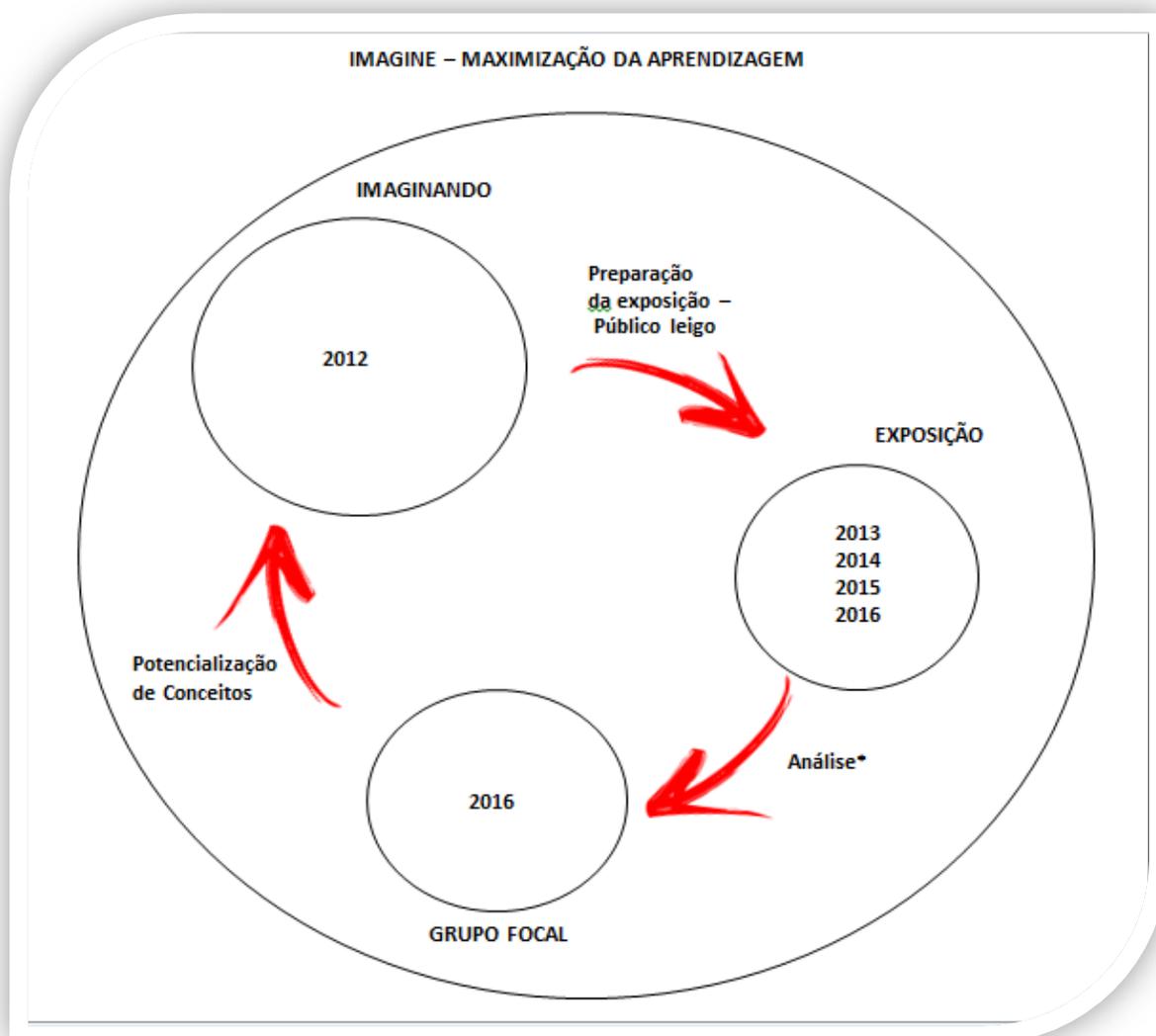


Figura 4 – *Imagine* e *Imaginando* temporal.

Fonte: Dos autores.

A ampliação didática do *Imagine* e o uso continuado da metodologia está produzindo um banco de imagens-conceito livre de uso, não comercial. O *Imagine*²⁶ tem logrado se apropriar da metodologia *Imaginando* para auxiliar um público, leigo, ou não especializado, a melhor compreender conceitos, além de colaborar com a difusão e ampliação da representação simbólica da área discutida em geral.

²⁶ A explicação do projeto encontra-se disponível na *home page*: <<http://imaginepaf.blogspot.com.br/p/imagine-e-imaginando-dois-projetos.html>>.

3.4 A aprendizagem na aplicação do *Imagine*

O meio de desenvolvimento do indivíduo, como participante do contexto social, influencia nos processos de aprendizagem. Os avanços científicos e tecnológicos e a formação continuada de conhecimento têm ocorrido de modo cada vez mais acelerado, necessitando, assim, de novas reflexões sobre os processos de ensino-aprendizagem.

O processo de aprendizagem está relacionado com a construção do conhecimento e pode ocorrer de modo informal ou formal. “No primeiro caso, o indivíduo aprende por observação, tentativa e erro, ou com ajuda pontual de alguém que detém a experiência. No segundo, diz-se que é formal, quando sistematizado pelas instituições de ensino” (GASQUE, 2012, p. 38).

Existem algumas abordagens sobre as teorias da aprendizagem, que podem ser assim classificadas: comportamentalista, cognitivista e humanista (GASQUE, 2010).

A abordagem comportamentalista ou behaviorista percebe o indivíduo como um conjunto de respostas a um estímulo. A cognitivista ocupa-se dos processos cognitivos básicos. Por sua vez, o humanismo considera o indivíduo um ser consciente, autoorientado e criativo, possuidor do livre-arbítrio. Como os limites entre essas abordagens nem sempre podem ser claramente delimitados, em especial no que concerne ao cognitivismo e ao humanismo, há quem argumente que o “cognitivismo é um humanismo”. (CASTAÑON apud GASQUE, 2010, p. 89).

Na presente pesquisa, a metodologia *Imagine*²⁷ fez uso da concepção cognitiva, humanista, centrando no indivíduo (alunos de CI) e nos processos de compreensão e uso da informação. Ao considerar a ênfase na aprendizagem, aqui não se excluiu a concepção cognitiva, uma vez que na metodologia *Imagine*, “o conhecimento é construído na interação entre o indivíduo e o mundo físico e real por meio da estrutura cognitiva, em que a reflexão se constitui como elemento crucial” (GASQUE, 2010, p. 89).

Para Lev. Vygotsky²⁸ (1987), a aprendizagem relaciona-se a um processo contínuo de desenvolvimento, onde o homem se insere no contexto social e interage

²⁷ Metodologia de ensino-aprendizagem aqui descrita no item 2.3 O *Imaginando* e o *Imagine*.

²⁸ Psicólogo nascido na Bielorrússia, que viveu entre os anos de 1896 e 1934, e desenvolveu trabalhos na área de Psicologia e Aprendizagem (REGO, 1999).

com o ambiente, transformando-o e sendo transformado, em uma experiência pessoalmente significativa.

Vygotsky (1987) teve um lugar de destaque para as relações de desenvolvimento e aprendizagem dentro de suas obras. Para ele, a criança começa seu aprendizado antes de chegar à escola²⁹. E por isso, o significado das palavras só se torna um fenômeno de pensamento na medida em que é encarnado pela fala; é um fenômeno linguístico na medida em que se encontra ligado com o pensamento e, por este, é iluminado. É um fenômeno do pensamento verbal ou da fala significativa — uma união do pensamento e da linguagem.

Os significados das palavras se tornam formações dinâmicas e não já estatísticas; transformam-se à medida que o homem se desenvolve, e alteram-se também com as várias formas de funcionamento do pensamento (vygotsky, 1987)³⁰. Assim, tem-se que é a função generalizante da linguagem que a torna um instrumento do pensamento, e toda generalização, toda formação de conceitos é o ato mais específico, mais autêntico e indiscutível do pensamento. Consequentemente, estamos autorizados a considerar o significado da palavra como um fenômeno do pensamento (VYGOTSKY, 2001).

A aprendizagem é um processo contínuo de desenvolvimento de competências (GASQUE, 2012), pois, a aquisição significativa do conhecimento ocorre por meio do pensamento reflexivo – processo que se inicia a partir das experiências e da busca da informação. Portanto, o pensamento reflexivo – decisivo na produção de novos conhecimentos – não pode ser construído sem considerar a experiência do sujeito – conceito essencial no processo de aprendizagem (GASQUE, 2012).

²⁹ Jean Piaget considera o desenvolvimento das funções biológicas como base para a aprendizagem. Ele vincula a linguagem aos modos mais primitivos de organização do real pela criança, e observa que as diversas conexões causais e espaço-temporais se constroem sob a influência dos porquês e das questões de origem que a linguagem permite multiplicar (PEREIRA, 2012). E ainda, ele defende que o discurso egocêntrico da criança é uma expressão direta do egocentrismo do seu pensamento, o qual, por seu turno, é um compromisso entre o autismo primário do seu pensamento e a sua socialização gradual. Assim, à medida que a criança cresce, o autismo define e a socialização desenvolve-se, levando a um desvanecimento do egocentrismo no seu pensamento e no seu discurso (VYGOTSKY, 1987).

³⁰ Outros estudos realizados por John Dewey (1859-1952), David Ausubel (1918-2008) e Paulo Freire (1921-1997), entre outros, sugerem que as experiências dos indivíduos sejam alicerces para os novos conhecimentos e que estes estejam no centro do processo de aprendizagem.

As experiências de ensino-aprendizagem com a fotografia podem gerar excelentes resultados, como, por exemplo, a própria metodologia *Imagine* e o projeto intitulado *Foto-historia*, também desenvolvido na *Facultad de Ciencias de la Documentación* da UCM. Tem-se, portanto, um projeto

[...] cuyo objetivo primero es fomentar la participación y formación de los estudiantes, y al mismo tiempo crear una fototeca histórica de alta calidad, de contenidos diversos, documentos únicos e inéditos dispuestos para su uso no comercial y libres de derechos. Fruto de esta experiencia es un banco de imágenes histórico compuesto por más de setecientas imágenes, procedentes de las colecciones particulares de 244 alumnos y fechadas entre 1880 y 1975 (ZALDUA; VIGIL; RECIO, 2015, p.21)³¹.

Na presente pesquisa, apesar de a aprendizagem fazer parte do cotidiano humano, a metodologia *Imagine* teve o intuito de trabalhar com a possibilidade de maximizar a aprendizagem, visando promover o desenvolvimento pessoal, social e cultural, uma vez que

[...] a busca e o uso da informação são ações integrantes da aprendizagem, visto que o pensamento se constrói na interação das novas informações com o conhecimento prévio e experiências humanas. Quanto mais experiência as pessoas adquirem com o manejo da informação, maior o impacto no conhecimento produzido. Além disso, quando o homem tiver consciência de que as modificações ou transformações propiciadas pela ciência ocorrem em um mundo inseparável do ser, parte do corpo humano, no qual se insere a mente, provavelmente se tornará responsável eticamente pelo ciclo de produção científica. Isso significa que o ser humano é o que é por viver nesse mundo. Um mundo diferente certamente o transformará em um ser diferente (GASQUE, 2012, p. 69).

Em suma, a metodologia *Imagine* aborda a experiência que está intimamente interligada à reflexão, porém, diferencia-se da mera atividade. De fato, a experiência deve ser utilizada para tornar a aprendizagem mais eficaz, pois, é a reflexão sobre a experiência que permite desenvolver, compreender e aprimorar a aprendizagem e o conhecimento (GASQUE, 2012).

³¹ O foco da presente pesquisa é desenvolver e compreender a metodologia *Imagine*. Neste sentido, não foi dado ênfase a outras formas de ensino que façam uso da fotografia como ferramenta de maximização da aprendizagem.

4 RESULTADOS

No presente capítulo têm-se os resultados obtidos pela execução da metodologia supramencionada³². E o ambiente de desenvolvimento dessa pesquisa foi composto por membros do Grupo de Pesquisa Acervos Fotográficos (GPAF) e alunos matriculados na disciplina de *Seminários em Organização da Informação: Acervos Fotográficos e o Ciclo da Informação*, ministrada pelo professor Doutor André Porto Ancona Lopez, no primeiro semestre de 2016.

Para a disciplina em questão, fez-se a elaboração de uma ementa (vide Anexo “A”) com autores da Ciência da Informação (CI) e da Fotografia, com base nos seguintes objetivos:

- Discutir abordagens relativas ao ciclo da informação de modo que os alunos estejam capacitados a utilizar instrumentalmente esse conceito em suas pesquisas;
- Promover análise crítica a respeito da produção, circulação, distribuição, conservação e uso de documentos e informações fotográficas, considerando seu uso, mensagem, institucionalização, acessibilidade e divulgação;
- Conhecer a metodologia *Imaginando*, do grupo “Photodoc”, da Universidade Complutense de Madrid (UCM) como possível ferramenta para compreensão do conceito “Ciclo da informação” e outros conceitos com ele relacionados;
- Conhecer e ajudar a aperfeiçoar a metodologia *Imagine*, ressignificando o conceito de “Ciclo da Informação”, e demais conceitos correlacionados, e promovendo exposição de vulgarização do conhecimento para o grande público.

Para a compreensão da foto-conceito, como representação/comunicação de um conceito específico, foram delimitados primeiramente os conceitos a serem abordados na disciplina, foram eles: informação; gênese da informação; organização da informação; recuperação da informação; e comunicação da informação. Após a delimitação dos conceitos a serem abordados foram levantados os autores da área da CI da Fotografia que embasariam as discussões em sala de aula. Assim, a ementa foi dividida contendo autores da fotografia e da CI para todas as aulas

³² Capítulo 2 Metodologia.

planejadas, com o objetivo de discutir as especificidades do documento fotográfico e compreender as delimitações de uso dos conceitos do ciclo da informação.

4.1 A aplicação do *Imaginando*

- I. Discussão teórica com os alunos, embasada em bibliografia especializada, para atingir um nível comum de compreensão conceitual de termos específicos.

Para a realização dessa primeira etapa da metodologia *Imaginando* foi estabelecido um ou dois textos da ementa (vide Anexo “A”) por aluno a cada aula. Cada aluno deveria fazer comentários de excertos importantes dos textos sob sua responsabilidade e iniciar o debate dirigido do texto. No final da aula eram realizadas postagens dos excertos comentados em sala de aula dos textos da CI e da Fotografia sobre o conceito estudado, para posterior debate com internautas, e entre os próprios alunos da disciplina de CI e membros do GPAF no *blog* do grupo de pesquisa³³.

Esses excertos (vide Anexo “C”) dos textos disponibilizados no *blog* foram comentados pelos alunos da própria disciplina, continuando a discussão em um ambiente descontraído e de grande circulação. Atividade realizada por meio da ferramenta do blog do grupo de pesquisa GPAF.

- II. Produção de imagens inéditas – e/ou reaproveitamento de imagens anteriores feitas pelos próprios participantes – representativas de tais ideias e/ou conceitos.

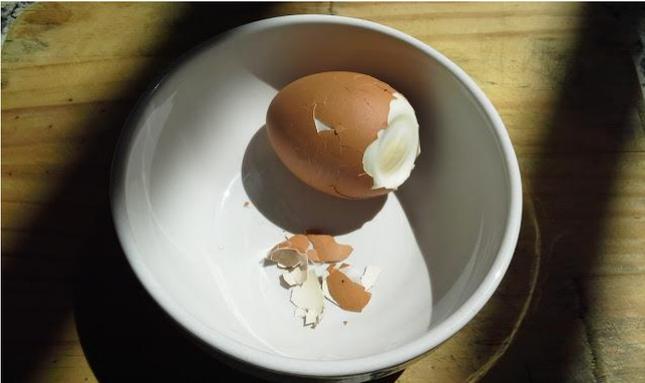
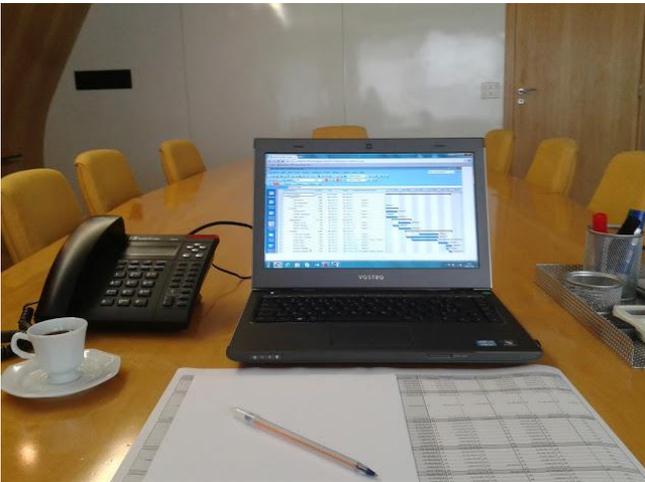
Após as discussões em sala de aula dos conceitos os alunos tiveram uma semana para a produção ou reaproveitamento das fotos-conceito. Essas fotos-conceitos foram postadas no *blog*³⁴ destinado ao uso da disciplina de acordo com os conceitos discutidos em sala de aula: informação; gênese da informação; organização da informação; recuperação da informação e comunicação da

³³ Disponível na *home page*: <<http://gpaf.info/>>.

³⁴ Disponível na *home page*: <<http://imaginegpaf.blogspot.com.br/>>.

informação. No Quadro 1, a seguir, tem-se as fotos-conceito utilizadas no presente estudo.

Quadro 1 – Fotos-conceito utilizadas na pesquisa (continua).

Conceito	Foto, Aluno e Título Atribuído
<p>Informação</p>	 <p>Informação (cc) Duda Bentes Título atribuído: foto 1: ovo sem casca</p>
<p>Gênese da Informação</p>	 <p>Gênese da Informação (cc) Duda Bentes Título atribuído: foto 3: ovo com casca</p>  <p>Iniciando um projeto (cc) Elaine Américo Título atribuído: foto 5: escritório</p>

Quadro 1 – Fotos-conceito utilizadas na pesquisa (continuação).

Conceito	Foto, Aluno e Título Atribuído
Organização da Informação	 <p data-bbox="858 674 1315 748">Primavera de vestir (cc) Alice Khadija Título atribuído: foto 8: tecidos</p>
	 <p data-bbox="815 1196 1362 1272">Organização da Informação (cc) Duda Bentes Título atribuído: foto 2: acerolas</p>
	 <p data-bbox="815 1962 1362 2029">Organização da Informação (cc) Bruno Souza Título atribuído: foto 11: abaco</p>

Quadro 1 – Fotos-conceito utilizadas na pesquisa (continuação).

Conceito	Foto, Aluno e Título Atribuído
Organização da Informação	 <p data-bbox="791 1072 1382 1149">Reserva técnica em montagem (cc) Alice Khadija Título atribuído: foto 12: museu</p>
Recuperação da Informação	 <p data-bbox="810 1561 1366 1637">Recuperação da Informação (cc) Duda Bentes Título atribuído: foto 4 - borboleta</p>

Quadro 1 – Fotos-conceito utilizadas na pesquisa (continuação).

Conceito	Foto, Aluno e Título Atribuído
Recuperação da Informação	 <p>O fio da meada (cc) Bruno Souza Título atribuído: foto 7: novelo de lã</p>
	 <p>Vai pegar! (cc) Allice Khadija Título atribuído: foto 9 – cachorro</p>

Quadro 1 – Fotos-conceito utilizadas na pesquisa (conclusão).

Conceito	Foto, Aluno e Título Atribuído
Recuperação da Informação	 <p data-bbox="874 837 1302 909">Pedaços de pires (cc) Aalice Khadija Título atribuído: foto 10: pires</p>
Comunicação da Informação	 <p data-bbox="810 1352 1366 1422">Comunicação da Informação (cc) Duda Bentes Título atribuído: foto 6 - rádio</p>

Fonte: Dos autores.

As fotos-conceito supramencionadas estão identificadas com o título original do autor e com o nome de cada autor. Logo abaixo, adicionou-se um título atribuído a cada foto-conceito para facilitar a análise das fotografias nos próximos tópicos.

- III. Consolidação dos conceitos mediante discussão das imagens realizadas por todos (alunos e professores) em sala de aula.

As fotos-conceito foram postadas no *blog* da disciplina³⁵, pelos próprios alunos, e discutidas em sala de aula sobre a pertinência ou não de cada conceito para cada foto. Iniciando assim um processo de internalização do conceito e a consolidação do aprendizado, pois traduzir uma definição abstrata em uma imagem, ou identificá-la como representação, exige a compreensão do conceito retratado.

- IV. Ajustes nas imagens ou produção de novas em função de tal debate.

Após a consolidação dos conceitos e debate sobre as imagens representativas ou não para cada conceito, foram definidas as imagens que precisariam de ajustes.

- V. Elaboração de ficha descritiva e texto explicativo sobre cada imagem final, com vistas à documentação, criando um banco de imagens de uso não-comercial.

A ambiguidade é, sem dúvida, um dos maiores problemas da interpretação da imagem. Pois, “ela nos permite testar a ideia de que tal interpretação implica uma projeção experimental, um “tiro de ensaio”, que transforma a imagem, se acertar” (GOMBRICH, 1995, p. 205).

E para resolver o problema da ambiguidade causada pela ampla possibilidade de interpretação da imagem é que a metodologia *Imaginando* se utiliza da elaboração de registros descritivos, (elaboração de ficha descritiva e texto explicativo sobre cada imagem) e metadados de recuperação das fotos-conceito. Ações realizadas na tentativa de realizar a documentação de cada foto-conceito e permitir que a reutilização seja realizada de forma consciente.

Assim, com a produção das imagens e conforme a consolidação dos conceitos foi realizado o procedimento de preenchimento de uma ficha descritiva para cada foto-conceito postada no *blog* da disciplina. Para facilitar o preenchimento

³⁵ Disponível na *home page*: <<http://imaginepaf.blogspot.com.br/>>.

dessa ficha descritiva foi disponibilizado um formulário de descrição (vide Apêndice “A”), elaborado através da ferramenta do *google forms*³⁶, contendo exemplos de preenchimento para cada campo de inserção dos metadados descritivos.

Neste aspecto as fichas descritivas são vinculadas às fotos-conceito, contendo metadados de recuperação e textos explicativos sobre a imagem, com referência ao conceito e ao produtor da imagem, estando publicadas no *blog Imagine*, criado especialmente para a discussão em torno do uso da fotografia aplicada aos conceitos e ao uso dessa metodologia pelo GPAF.

4.2 A aplicação do *Imagine* (exposição)

O *Imagine* é a ampliação da metodologia *Imaginando*, elaborado pelo GPAF, com o objetivo de divulgar o trabalho desenvolvido na área acadêmica para a comunidade, permitindo a criação de um grande banco de imagens de uso não comercial e trazendo os resultados da criação das fotos-conceito em uma exposição interativa voltada para ambientes de grande público.

Assim, para a aplicação do *Imagine* com os conceitos do ciclo da informação estudados nessa pesquisa (gênese da informação, organização da informação, recuperação da informação e comunicação da informação) elaboramos uma ficha conceito (vide Apêndice “B”) a ser distribuída para os participantes da exposição com definições dos seguintes conceitos: informação; gênese da informação; organização da informação; recuperação da informação; comunicação; comunicação da informação. Também elaboramos outra ficha com as miniaturas das fotos-conceito (vide Apêndice “C”) em exposição com um espaço em branco ao lado de cada miniatura para que o participante da exposição anotasse o nome do conceito, definido pela ficha conceito, fazendo a correlação dos conceitos para as fotos-conceitos.

Assim, antes que os participantes comesçassem na exposição (vide Anexo “C”), explicamos a origem da metodologia *Imagine*, e o passo a passo para que esses compreendessem a exposição interativa. Logo após essa explicação entregamos as fichas necessárias para a realização da metodologia *Imagine* (vide Apêndices “B” e “C”). E conforme ilustra as fotografias a seguir (Figura 5), os

³⁶ Disponível na *home page*: <<https://docs.google.com/forms/d/e/1FAIpQLSczF55-rEQXSAwH83txxMzx9qw3SOMbpRVt27TajpTSVAVpTA/viewform>>.

participantes da exposição, o público leigo em ciência da informação, junto com os alunos da disciplina interagiram com o ambiente de ensino aprendizagem proporcionado pela metodologia *Imagine*.



Figura 5 – Exposição.

Fonte: Dos autores.

4.2.1 *Imagine (exemplo estatístico)*

A exposição das fotos-conceito ocorreu no Instituto Federal de Brasília (IFB), *campus* São Sebastião, no dia 17 de junho de 2016, na entrada principal do *campus*, no período de 14h as 17h30. O universo e o público alvo foi bem diversificado, tendo entre eles, alunos, pesquisadores e ou professores do *campus*.

A definição do público alvo não foi a preocupação dessa pesquisa, pois esta buscou atingir um público que não tinha muito conhecimento dos conceitos abordados pela CI para ter apenas um indicativo de compreensão da foto-conceito. O objetivo não foi conhecer o público e sim ter um elemento a mais para permitir o potencial de ressignificação do conceito.

A amostra analisada nessa pesquisa foi o número de fichas respostas³⁷ obtido, ou seja, a quantidade de alunos, pesquisadores e ou professores que participaram da exposição e responderam a ficha resposta.

³⁷ A Ficha resposta é o Apêndice “C”, preenchido com os conceitos do Apêndice “B”.

A análise das fichas respostas foi realizada adotando-se alguns critérios: a ordem estabelecida foi a ordem de apresentação das fotos-conceito para o público; o participante poderia responder mais de um conceito para a mesma foto-conceito; o participante poderia deixar a foto-conceito em branco; o participante poderia repetir o conceito em fotos-conceito diferentes.

Nessa perspectiva, obtivemos o resultado de 36 fichas respostas, ou seja, 36 pessoas participaram da exposição, e foi a nossa amostra. A partir dessas fichas respostas calculamos a quantidade de relacionamento cada foto-conceito teve para cada conceito, e a quantidade de em brancos também foi calculada, tendo como resultado a Tabela 1, a seguir.

Tabela 1 – Análise das fichas-resposta.

Numero Foto-conceito	Título atribuído Foto-conceito	Informação	Gênese da Informação	Organização da Informação	Recuperação da Informação	Comunicação	Comunicação da Informação	Em Branco	Total
1	Foto ovo com casca	5	21	6	0	8	1	0	41
2	Foto acerola	9	12	3	3	7	2	5	41
3	Foto ovo sem casca	6	13	8	6	6	1	3	43
4	Foto borboleta	6	6	2	2	15	2	4	37
5	Foto escritorio	17	5	11	3	7	5	0	48
6	Foto radio	7	2	8	9	9	7	1	43
7	Foto novelo de lã	3	15	7	7	4	2	2	40
8	Foto tecidos	7	4	14	1	4	5	3	38
9	Foto cachorro	7	6	4	6	18	2	1	44
10	Foto pires	8	5	2	12	10	2	2	41
11	Foto abaco	16	7	7	3	4	1	2	40
12	Foto museu	10	4	8	4	13	5	2	46
Total de Público: 36 fichas respostas analisadas									

Fonte: Dos autores.

Após essa coleta dos dados foi necessário analisarmos se as fotos-conceito realmente se caracterizavam como uma foto representativa de um conceito para o público leigo, como o previsto pelo autor da fotografia e, para tanto, calculamos a margem de erro amostral como valor do nível de confiança igual a 1,96 desvios-padrão, associado a uma confiança de 95%.

Para analisar o grau de relacionamento do conceito proposto pelo autor com a foto-conceito por ele produzida utilizamos os:

[...] métodos de amostragem probabilística que raramente ou nunca fornecem estatísticas exatamente iguais aos parâmetros que buscam estimar. Entretanto, a teoria da probabilidade permite estimar o grau de erro a ser esperado num determinado desenho de amostragem (BABBIE, 1999, p. 124).

Assim, utilizamos da teoria da probabilidade para calcular o erro amostral e conseguir analisar o grau de relacionamento das fotos-conceito com os conceitos propostos pelos produtores das fotografias, uma vez que o cálculo do

[...] erro amostral permite expressar a precisão das suas estatísticas em termos do nível de confiança, estabelecendo que essas estatísticas estão dentro de um intervalo especificado do parâmetro. [...] Quando você expande o intervalo de confiança para uma dada estatística, sua confiança “aumenta” (BABBIE, 1999, p.124).

Neste íterim fez-se uso da seguinte fórmula (Equação 1) para o cálculo do erro amostral:

$$\varepsilon = \sqrt{\frac{Z^2 p(1-p)}{n}} \quad (1)$$

Onde:

ε = erro amostral;

n = tamanho da amostra;

Z = nível de confiança escolhido, expresso em número de desvios-padrão;

p = proporção do evento na população (proporção conhecida previamente, em que $0 < p < 1$); e

$(1-p)$ = complemento de p .

A análise estatística foi realizada com o auxílio da criação de gráficos e tabelas no programa *Microsoft Excel*. Os valores foram contabilizados de acordo com a quantidade de relacionamento que a foto-conceito teve com cada conceito; a porcentagem foi calculada de acordo com esses valores dividido pelo total analisado para a foto em questão, isso multiplicado por cem; a porcentagem acumulada foi calculada somando-se a porcentagem do conceito anterior; o erro foi calculado com a fórmula acima, considerando $z=1,96$, p =o valor da porcentagem da foto conceito para cada conceito, $n=36$; o valor mínimo foi calculado subtraindo-se a porcentagem do erro; e o valor máximo foi calculado somando-se a porcentagem ao erro.

Assim, a análise foi realizada para as duas primeiras fotos-conceito, para análise da metodologia utilizada, e no Apêndice “F” replicamos a metodologia para o restante das 10 fotos-conceito listadas na Tabela 1.

- Foto 1 – ovo com casca.

Na Tabela 2, a seguir, tem-se o resultado da análise da foto 1.

Tabela 2 – Análise Foto 1: ovo com casca.

Foto-conceito	Conceitos	Valores	Porcentagem	Porcentagem Acumulada	Erro	Min.	Max.
Foto 1: ovo com casca	Informação (1)	5,00	12,20	12,20	10,69	1,51	22,88
	Gênese da Informação (2)	21,00	51,22	63,41	16,33	34,89	67,55
	Organização da Informação (3)	6,00	14,63	78,05	11,55	3,09	26,18
	Recuperação da Informação (4)	0,00	0,00	78,05	0,00	0,00	0,00
	Comunicação (5)	8,00	19,51	97,56	12,95	6,57	32,46
	Comunicação da Informação (6)	1,00	2,44	100,00	5,04	0,00	7,48
	Em branco (7)	0,00	0,00	100,00	0,00	0,00	0,00
Total		41,00	100,00				

Fonte: Dos autores.

A seguir, tem-se a representação do conceito mais relacionado pelo público com a foto-conceito 1, ovo com casca (vide Gráfico 1), que indica que, pela análise apenas da porcentagem, o conceito que mais se aproxima é gênese da informação (conceito 2), exatamente o conceito sugerido pelo autor da foto-conceito.

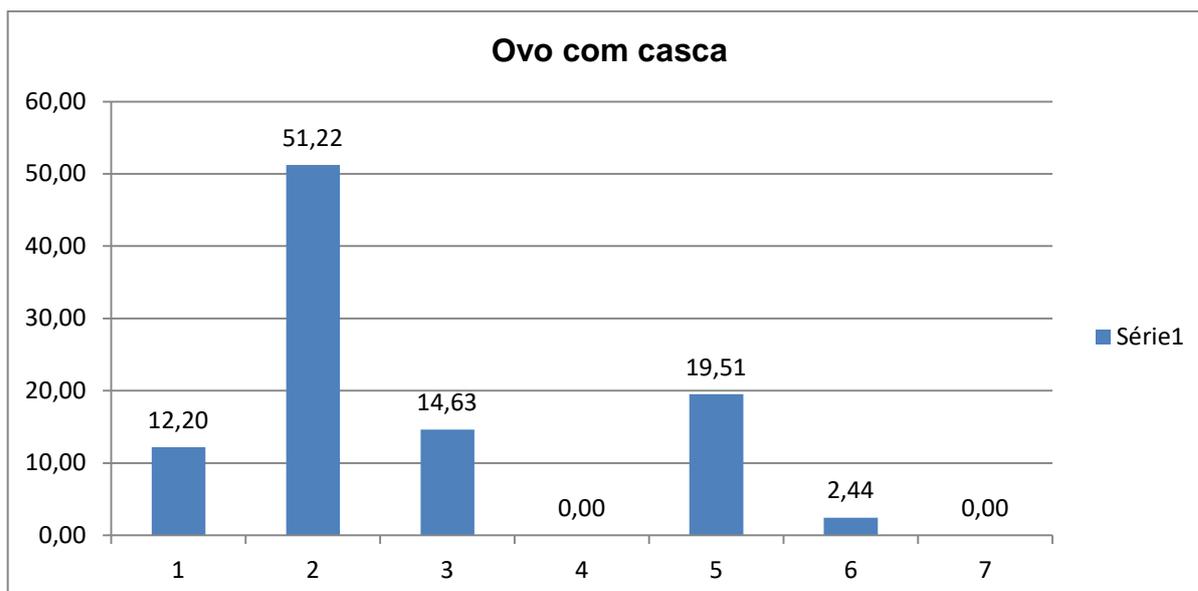


Gráfico 1 – Foto 1: ovo com casca.

Fonte: Dos autores.

Porém, para analisarmos a probabilidade de a foto-conceito 1, ovo com casca, ofertar o resultado sempre relacionado ao conceito gênese da informação, independente do tamanho da amostra utilizada, precisamos analisar como ficaria o relacionamento dos conceitos, se esses assumissem seus valores mínimos e máximos em cada conceito correspondente. Para tanto, elaboramos a Tabela 3, a seguir.

Tabela 3 – Min. e Max. Foto 1: ovo com casca.

Foto-conceito	Conceitos	Posição	Valores	Porcentagem	Erro	Min.	Max.	Pmin.	Pmax.
Foto 1: ovo com casca	Gênese da Informação (2)	1	21,00	51,22	16,33	34,89	67,55	1	1
	Comunicação (5)	2	8,00	19,51	12,95	6,57	32,46	6	2
	Organização da Informação (3)	3	6,00	14,63	11,55	3,09	26,18	6	2
	Informação (1)	4	5,00	12,20	10,69	1,51	22,88	6	2
	Comunicação da Informação (6)	5	1,00	2,44	5,04	0,00	7,48	7	5
	Recuperação da Informação (4)	6	0,00	0,00	0,00	0,00	0,00	7	7
	Em Branco	7	0,00	0,00	0,00	0,00	0,00	7	7

Fonte: Dos autores.

A coluna posição, na tabela, refere-se à ordem dos conceitos mais relacionados pelo público participante da exposição para a foto-conceito analisada. E a posição mínima (Pmin) foi calculada levando em consideração a porcentagem do conceito ao assumir o valor mínimo, após isso foi verificado em que posição o conceito ficaria. E a posição máxima (Pmax) foi calculada levando em consideração a porcentagem do conceito ao assumir o valor máximo, após isso também foi verificado em que posição o conceito ficaria.

Assim, o que podemos analisar pela Tabela 3, é que das possíveis posições máximas e mínimas apenas o conceito gênese da informação (2) poderia ocupar a primeira posição, ou seja, dos mais relacionados pelo público, independente do número da amostra, o conceito gênese da informação teria sempre uma tendência a ser o mais relacionado para essa foto-conceito 1, foto ovo com casca.

Para essa foto-conceito, foto 1, foto ovo com casca, a pesquisa demonstra que o conceito é representativo da fotografia e que a foto-conceito, validada pelo público, está de acordo com o conceito pensado pelo produtor da fotografia.

- Foto 2 – acerola.

Na Tabela 4, a seguir, tem-se o resultado da análise da foto 2.

Tabela 4 – Análise Foto 2: acerola.

Foto-conceito	Conceitos	Valores	Porcentagem	Porcentagem Acumulada	Erro	Min.	Max.
Foto 2: acerola	Informação (1)	9,00	21,95	21,95	13,52	8,43	35,47
	Gênese da Informação (2)	12,00	29,27	51,22	14,86	14,41	44,13
	Organização da Informação (3)	3,00	7,32	58,54	8,51	0,00	15,82
	Recuperação da Informação (4)	3,00	7,32	65,85	8,51	0,00	15,82
	Comunicação (5)	7,00	17,07	82,93	12,29	4,78	29,36
	Comunicação da Informação (6)	2,00	4,88	87,80	7,04	0,00	11,91
	Em Branco (7)	5,00	12,20	100,00	10,69	1,51	22,88
Total		41,00	100,00				

Fonte: Dos autores.

Para contabilizar os relacionamentos dos conceitos da foto-conceito 2, acerola, elaboramos a Tabela 4, onde consta os valores referente as associações de cada conceito para a foto-conceito, a correspondência desse valor em porcentagem, a porcentagem acumulada, o erro amostral calculado com o valor do nível de confiança igual a 1,96 desvios-padrão, associado a uma confiança de 95% em uma amostra de tamanho 36, e os valores mínimo e máximo, calculados respectivamente, com a subtração da porcentagem do valor do erro, e com a soma da porcentagem com o valor do erro.

Abaixo está a representação do conceito mais relacionado pelo público com a foto-conceito 2, acerola, gráfico 2, que indica que, pela análise apenas da porcentagem, o conceito que mais se aproxima é gênese da informação (conceito 2), diferente do conceito sugerido pelo autor da foto-conceito, que sugeriu que a foto-conceito representaria organização da informação (3).

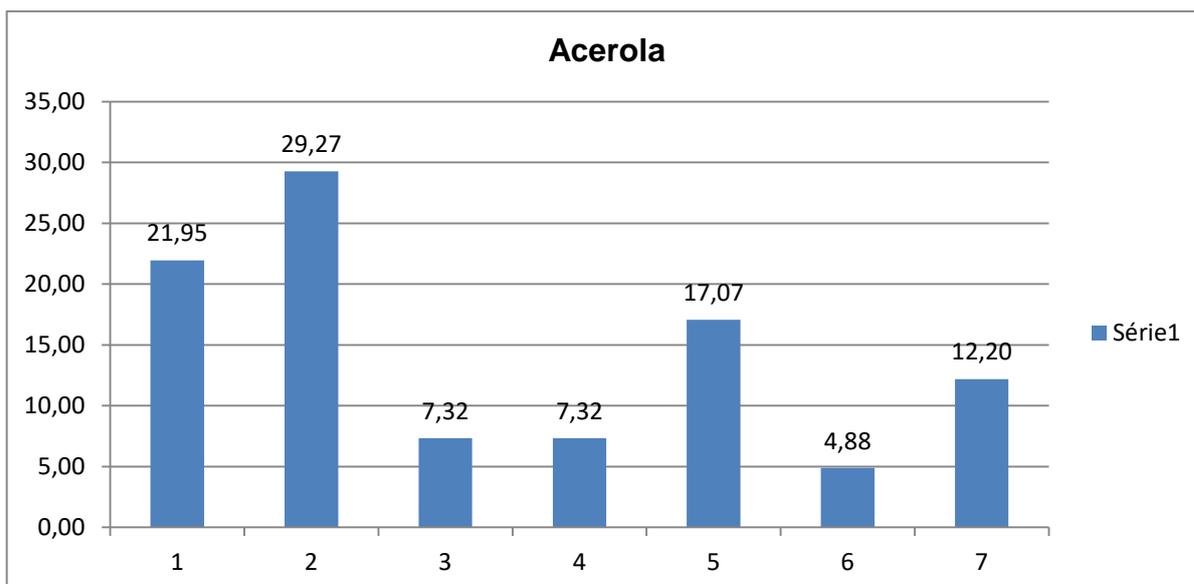


Gráfico 2 – Foto 2: acerola.

Fonte: Dos autores.

Porém, para analisarmos a probabilidade de a foto-conceito 2, acerola, dar resultado sempre relacionado ao conceito gênese da informação, independente do tamanho da amostra utilizada, precisamos analisar como ficaria o relacionamento dos conceitos, se esses assumissem seus valores mínimos e máximos em cada conceito correspondente. Para tanto, tem-se a Tabela 5, a seguir.

Tabela 5 – Min. e Max. Foto 2: acerola.

Foto-conceito	Conceitos	Posição	Valores	Porcentagem	Erro	Min.	Max.	Pmin.	Pmax.
Foto 2: acerola	Gênese da Informação (2)	1	12,00	29,27	14,86	14,41	44,13	3	1
	Informação (1)	2	9,00	21,95	13,52	8,43	35,47	4	1
	Comunicação (5)	3	7,00	17,07	12,29	4,78	29,36	7	1
	Em Branco (7)	4	5,00	12,20	10,69	1,51	22,88	7	2
	Organização da Informação (3)	5	3,00	7,32	8,51	0,00	15,82	7	4
	Recuperação da Informação (4)	6	3,00	7,32	8,51	0,00	15,82	7	4
	Comunicação da Informação (6)	7	2,00	4,88	7,04	0,00	11,91	7	5

Fonte: Dos autores.

A coluna posição, na tabela, refere-se a ordem dos conceitos mais relacionados pelo público participante da exposição para a foto-conceito analisada. E a posição mínima (Pmin) foi calculada levando em consideração a porcentagem do conceito ao assumir o valor mínimo, após isso foi verificado em que posição o conceito ficaria. E a posição máxima (Pmax) foi calculada levando em consideração a porcentagem do conceito ao assumir o valor máximo, após isso também foi verificado em que posição o conceito ficaria.

Assim, o que podemos analisar pela Tabela 5, é que das possíveis posições máximas e mínimas, tendo a amostra como variável teríamos três conceitos possíveis de se relacionar com a foto-conceito 2 - acerola, seriam eles: gênese da informação, informação e comunicação. Esses conceitos seriam passíveis de serem os mais relacionados pelo público, dependendo do tamanho da amostra, pois eles assumiram a primeira posição ao analisarmos as posições possíveis na posição mínima e na posição máxima.

Para essa foto-conceito, foto 2, foto acerola, a pesquisa demonstra que o conceito proposto pelo autor não é representativo da fotografia, ou seja, de acordo com o resultado da análise das fichas respostas essa foto-conceito não foi validada pelo público como foto-conceito para o conceito proposto de organização da informação, pois ele não aparece como uma das possibilidades de assumir a primeira posição.

4.2.2 O grupo focal

Na perspectiva de melhor discutir e analisar as possibilidades de ressignificação dos conceitos do ciclo da informação (gênese da informação, organização da informação, recuperação da informação e comunicação da informação), fez-se uso do método do grupo focal com alguns membros do GPAF e os alunos matriculados na disciplina de *Seminários em Organização da Informação*. Para a realização do grupo focal foi elaborado um roteiro denominado Roteiro Grupo Focal (vide Apêndice “D”) com temas vinculados aos conceitos do ciclo da informação e do documento fotográfico, dividido em duas sessões, a saber: sessão 1 – ciclo da informação; seção 2 – metodologia Imagine e documento fotográfico.

A seguir, tem-se a análise³⁸ dos dados coletados na seção 1 – Ciclo da informação, e da seção 2 – A metodologia Imagine e o documento fotográfico, do grupo focal, realizadas no dia 01 de julho de 2016 no Grennat Cafés especiais, localizado na quadra 315, As Norte, Brasília.

4.2.2.1 Seção 1

A seção 1 do grupo focal se iniciou as 15h25 do dia 01 de julho de 2016 com a apresentação e concordância individual de cada participante com a gravação do áudio da discussão e utilização deste para fins acadêmicos, como consta na transcrição (vide Apêndice “E”).

A transcrição dessa seção e da seção 2 foi realizada levando em consideração a fluidez do debate, sem deixar de dar o devido destaque para o principal objetivo da seção: discussão dos conceitos do ciclo da informação. Pois, não existe uma “melhor transcrição”, a ação é complexa e exige a devida atenção ao objetivo proposto para ter a clareza do que analisar em uma conversação (MARCUSCHI, 1986).

Na seção 1 discutimos cada conceito do ciclo da informação e, como resultado dos questionamentos abordados como direcionamento da discussão, em uma análise da discussão realizada nessa seção, chegamos a essas definições listadas abaixo.

- Informação: É algo que altera o ambiente, que se revela, que está presente independente do sujeito, que altera a realidade, transforma, que também é transformada pela realidade, e que faz parte de um processo de comunicação não intencional.
- Gênese da Informação: É a criação ou produção da informação, um processo que se relaciona ao processo de comunicação e que é resultado da percepção, intencional ou não, de alteração no ambiente e precisa de um esforço de significação para se manifestar.

³⁸ A análise do grupo focal aqui empreendida teve o foco de obter a percepção dos alunos relacionada aos conceitos do ciclo da informação abordados na disciplina em questão e, neste sentido, as definições dos conceitos tiveram por base a transcrição das seções do grupo focal.

- Organização da Informação: Ocorre a partir de uma operação lógica, subjetiva, de categorização, que manipula dados para responder uma necessidade, e que está socialmente e historicamente definida.
- Recuperação da Informação: É necessário ter uma sistematização prática das categorias e subcategorias, além de entender essa sistematização. Ou seja, a recuperação é tornar inteligível e trabalhável o seu sistema de organização.
- Comunicação da Informação: É um processo de compreensão e representação da informação, transversal às fases do ciclo da informação.
- Uso da Informação: Se relaciona com a ideia de finalidade da informação, e esta informação como um processo que estabelece significado, ou seja, um processo que permite saber se a informação tem valor ou não. Um conceito transversal às fases do ciclo da informação.

4.2.2.2 Seção 2

A seção 2 do grupo focal se iniciou as 17h35 do dia 01 de julho de 2016, logo após o encerramento da seção 1, no mesmo local, dando a continuidade às discussões. A transcrição também consta nessa seção.

Como resultado da análise da transcrição, temos que a utilização da metodologia *Imagine* por parte dos alunos da disciplina foi bem positivo. Todos avaliaram bem a metodologia e pretendem utilizar os conhecimentos adquiridos na área da CI e da fotografia de alguma forma em seus projetos de pesquisa.

Quanto ao aprendizado relacionado aos conceitos do ciclo da informação, a maioria concordou que a metodologia, ao trabalhar com fotos-conceitos, com o a interação com o público, e com o grupo focal, permitiu a internacionalização dos conceitos, possibilitando assim, um potencial de ressignificação dos conceitos do ciclo da informação.

4.2.3 Maximização da aprendizagem

A maximização da aprendizagem é o uso de estratégias docentes, de metodologias, que permitam uma melhor internalização dos conceitos pelo aluno. No âmbito dessa pesquisa utilizamos a metodologia *Imagine* aplicada aos conceitos do ciclo da informação com os alunos de CI no processo de ensino aprendizagem.

Ao utilizar o *Imagine* tivemos indícios de que houve maximização de aprendizagem, como relatado na seção 2, no qual foi apresentado a opinião de participantes do grupo focal. Outro indício foi a publicação de artigos pelos alunos³⁹ de CI na revista científica *Photo e Documento*⁴⁰.

³⁹ Um exemplo de publicação é o artigo “Fotografia e Ciência da Informação” do autor Duda Bentes, um dos alunos da disciplina (BENTES, 2016).

⁴⁰ A revista pretende estimular o pensamento crítico e o debate sobre produção, circulação, distribuição, acesso, uso e preservação de documentos e informações fotográficos em nossa sociedade. O foco da revista está voltado, acentuadamente, para a fotografia, mas a PHD adota uma noção ampla de documentos imagéticos, abrindo espaço para reflexões que abordam outros tipos de documento de natureza visual. Disponível na *home page*: <<http://gpaf.info/photoarch/index.php?journal=phd>>.

5 CONSIDERAÇÕES

A premissa da presente pesquisa foi a de compreender o uso da metodologia *Imagine* fazendo uso dos conceitos do ciclo da informação no processo de maximização da aprendizagem com base na bibliografia sob os diferentes eixos, identificando, de modo preliminar, as teorias de base relacionadas ao ciclo da informação, à fotografia e à aprendizagem.

O objetivo de analisar como se dá a transformação do conhecimento formal para a fotografia na metodologia *Imagine* foi alcançado ao aplicar a metodologia *Imaginando* com os alunos matriculados na disciplina *Seminários em Organização da Informação: Acervos Fotográficos e o Ciclo da Informação* do Programa de Pós-Graduação em Ciência da Informação da Universidade de Brasília (PPGCInf-UnB).

Os conceitos do ciclo da informação foram discutidos, sendo produzidas as fotos-conceito referentes a cada conceito do ciclo da informação (informação, gênese da informação, organização da informação, recuperação da informação e comunicação da informação).

Logrou-se a compreensão de como o conhecimento visual da fotografia é entendido por um público leigo ao utilizar o *Imagine*, fazendo uso dos conceitos do ciclo da informação, por meio do auxílio da estatística na análise dos dados coletados na exposição e interação com o público leigo ou não familiarizado com os conceitos da Ciência da Informação (CI). A utilização da estatística como exemplo de análise – na presente pesquisa, ferramenta auxiliar na análise dos dados – foi uma opção para se obter um indicativo da compreensão da foto-conceito pelo público, permitindo, assim, um potencial de vulgarização do saber para o público participante da exposição.

A aplicação da metodologia *Imagine*, fazendo uso dos conceitos do ciclo da informação, permitiram a potencialização de conceitos no processo de maximização da aprendizagem, uma vez que através da interação com os alunos após a aplicação da metodologia *Imagine* foi possível concluir que muitos deles tiveram resultados acadêmicos como, por exemplo, a publicação de textos na revista científica *Photo e Documento*.

Neste íterim, foi possível perceber que, relacionado à efetividade da metodologia *Imagine*, além do alto índice de concordância dos próprios alunos participantes da metodologia *Imagine* durante a seção 2 do grupo focal, a

metodologia *Imagine* aqui aplicada permitiu a maximização da aprendizagem potencializando os conceitos relacionados ao ciclo da informação (gênese da informação, organização da informação, recuperação da informação e comunicação da informação). E apesar dos bons resultados obtidos na dinâmica de ensino-aprendizagem produzida com a utilização da metodologia *Imaginando*, o rendimento de ensino-aprendizagem pode melhorar, desde que incrementado à dinâmica da exposição e do grupo focal.

Após a dinâmica do grupo focal, particularmente, foi possível perceber nos participantes – os alunos de CI – um potencial de ressignificação dos conceitos do ciclo da informação. Logo, a metodologia *Imagine* – a metodologia de ensino-aprendizagem que incorpora as técnicas de dinamicidade (exposição e grupo focal) –, ao fazer uso da base do *Imaginando*, proporcionou indícios de uma melhor retenção dos conteúdos (maximização da aprendizagem) pelos alunos da disciplina supramencionada. Porém, tal abordagem metodológica ainda não se esgotou nas reflexões aqui registradas, podendo ser explorada na análise de outras situações acerca das interlocuções da metodologia *Imagine* no processo de maximização da aprendizagem.

Neste sentido, é relevante a continuidade do desenvolvimento e da aplicação da referida metodologia, bem como o desenvolvimento de outros estudos que possam:

- Contribuir com a aprendizagem do público leigo;
- Possibilitar a ressignificação de conceitos;
- Contribuir para a ampliação da base teórica; e
- Contribuir com o aprimoramento de metodologias de aprendizagem.

Assim, o valor artístico, informativo e documental das imagens nos permite inseri-la em diversas áreas. E por isso devemos inovar com metodologias de ensino aprendizagem, pois, “aquilo que sabemos que, em breve, já não teremos diante de nós torna-se imagem” (BENJAMIN, 1991, p. 85).

REFERÊNCIAS

- ARAÚJO, C. A. A. A Ciência da Informação como ciência social. **Ci. Inf.**, Brasília, v.32, n.3, p.21-7, set./dez. 2003. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/ci/v32n3/19020.pdf>>. Acesso em: 19 jun. 2015.
- _____. O que é Ciência da Informação? **Inf. Inf.**, Londrina, v. 19, n. 1, p. 1-30, jan./abr. 2014. Disponível em:<<http://www.uel.br/revistas/uel/index.php/informacao/article/view/15958/14205>>. Acesso em: 19 jun. 2015.
- BABBIE, E. **Métodos de pesquisas de Survey**. Trad. de Guilherme Cezarino. Belo Horizonte: Ed. UFMG, 1999.
- BATES, M. The invisible substrate of Information Science. **JASIS**, v. 50, n.12, p. 1043-50, 1999.
- BENJAMIN, W. **Magia e técnica, arte e política**. São Paulo: Brasiliense, 2012.
- _____. **Obras escolhidas III**: Charles Baudelaire, um lírico no auge do capitalismo. São Paulo: Brasiliense, 1991.
- BENTES, D. Fotografia e Ciência da Informação: uma primeira abordagem. **Revista Photo & Documento**, v. 2, p. 1-4, 2016. Disponível em: <<http://gpaf.info/photoarch/index.php?journal=phd&page=article&op=view&path%5B%5D=80&path%5B%5D=67>>. Acesso em: 19 jun. 2015.
- BORKO, H. Information science: what is it? **American Documentation**, v. 19, n. 1, p. 3-5, 1968.
- BROOKES, B.C. The foundations of Information Science: Part I. Philosophical aspect. **Journal of Information Science**, v. 2, n. 3-4, p. 125-33, jun. 1980.
- BUCKLAND, M. K. Information as thing. **Journal of the American Society for Information Science**, v.42, p. 351-60, 1991.
- CAPURRO, R.; HJORLAND, B. O conceito de informação. **Perspectivas em Ciência da Informação**, Belo Horizonte, v. 12, n. 1, p. 148- 207, jan./abr. 2007. Disponível em: <<http://bogliolo.eci.ufmg.br/downloads/CAPURRO.pdf>>. Acesso em: 19 jun. 2015.

CARVALHO, T. C.; JORENTE, M. J. V.; SANTOS, P. L. V. A. C. Imagem, fotografia, imagem. In: **IX Encontro Nacional de Pesquisa em Ciência da Informação- ENANCIB**, Florianópolis, 2008.

CHOO, C. W. **A organização do conhecimento**: como as organizações usam a informação para criar significado, construir conhecimento e tomar decisões. São Paulo: SENAC, 2003.

COHEN, J. **Information and Content. The blackwell Guide to the Philosophy of Computins and Information**. Luciano Floridi: Blackwell Publishing, 2004.

DI PIETRO, L. F.; LOPEZ, A. P. A. Definindo conceitos da Ciência da Informação: representação de conceitos através da imagem – Projeto IMAGINANDO/UnB. **Alexandria**: Revista de Ciencias de la Información, a. VII, v. 10, p. 67-79, jan./dez. 2013.

DEREGOWSKI, J. B. Illusions. In: **Illusions, patterns and pictures**: a cross-cultural perspective. London: Academic Press, 1980.

DODEBEI, V. L. D. **Tesouro**: linguagem de representação da memória documentária. Rio de Janeiro: Interciência, 2002.

ELLIOTT, A. G.; MADIO, T.C.C. A fotografia como documento e suporte à construção da memória. In: **XVI ENANCIB**, João Pessoa, 2015.

FLORIDI, L. On defining library and Information Science as applied philosophy of information. **Social Epistemology**, v. 16, n. 1, p. 37-49, 2002. Disponível em: <<http://cdigital.uv.mx/bitstream/123456789/6703/1/Floridi.pdf>>. Acesso em: 19 jun. 2015.

GASQUE, K. C. G. D. Arcabouço conceitual do letramento informacional. **Ci. Inf.**, Brasília, v.39, n.3, p.83-92, set./dez. 2010. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/ci/v39n3/v39n3a07.pdf>>. Acesso em: 19 jun. 2015.

_____. **Letramento informacional**: pesquisa, reflexão e aprendizagem. Brasília: FCI/UnB, 2012.

GONDIM, S. M. G. Grupos focais como técnica de investigação qualitativa: desafios metodológicos. **Paidéia**, Ribeirão Preto, v.12, n.24, p. 149-61, 2003. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/paideia/v12n24/04.pdf>>. Acesso em: 19 jun. 2015.

GOMBRICH, E. H. Introdução: el arte y los artistas. In: **Historia del arte**. Trad. de R. Torroella. Barcelona: Garriga, 1995.

KUROKI, I. F. M. **Demarcações conceituais dos princípios científicos da Arquivologia e da Informação**: contribuições para a configuração científica das disciplinas no campo da informação. 2016. 141 f. Dissertação (Mestrado em Ciência da Informação) – Programa de Pós-Graduação em Ciência da Informação, Faculdade de Ciência da Informação, Universidade de Brasília, Brasília.

LE COADIC, Y. F. **A Ciência da Informação**. 2.ed. Brasília: Briquet de Lemos, 2004.

LEWIN, K. Action research and minority problems. **Journal of Social Issues**, n. 2, p. 34-36, 1946. Disponível em: <http://bscw.wineme.fb5.uni-siegen.de/pub/nj_bscw.cgi/d759359/5_1_ActionResearchandMinorityProblems.pdf>. Acesso em: 19 jun. 2015.

LOPEZ, A. P. A. Colecciones y fondos fotográficos de Brasil: um pequeno mosaico. In: ZALDUA, M. O. (Org.). **Del artefacto mágico al píxel**: estudios de fotografía. Madrid: Fadoc. UCM, 2014.

_____. Documentos imagéticos de arquivo: uma tentativa de utilização de alguns conceitos de Panofsky. **Sinopses**, São Paulo, n. 31, p.49-55, jun. 1999.

_____; MALVERDES, A.; DI PIETRO, L. F.; SALVADOR BENITEZ, A. *Imaginando*: imagens-conceito de termos arquivísticos. **Revista do Colóquio de Arte e Pesquisa do PPGA-UFES**, a. 3, v. 3, n. 5, p. 203-13, dez. 2013. Disponível em: <<http://periodicos.ufes.br/colartes/article/view/7696/5489>>. Acesso em: 19 jun. 2015.

MALVERDES, A. **O mundo dos cinemas de rua em imagens**: organização da informação e descrição de acervos fotográficos reunidos em coleções. 2016. 183 f. Tese (Doutorado em Ciência da Informação) – Programa de Pós-Graduação em Ciência da Informação, Faculdade de Ciência da Informação, Universidade de Brasília, Brasília.

MARCUSCHI, L. A. **Análise da conversação**. São Paulo: Ática, 1986. (Série Princípios)

MATHEUS, R.F. Rafael Capurro e a filosofia da informação: abordagens, conceitos e metodologias de pesquisa para a Ciência da Informação. **Perspect. Ci. Inf.**, Belo Horizonte, v.10, n.2, p.140-65, jul./dez. 2005. Disponível em: <<http://portaldeperiodicos.eci.ufmg.br/index.php/pci/article/view/341/148>>. Acesso em: 19 jun. 2015.

NEIVA JUNIOR, E. **A imagem**. São Paulo: Ática, 1986. (Princípios, 87)

OROM, A. Information Science, historical changes and social aspects: a nordic outlook. **Journal of Documentation**, v.56, n.1, p.12-26, jan.2000.

PEREIRA, C. L. Piaget, Vygotsky e Wallon: contribuições para os estudos da linguagem. **Psicologia em Estudo**, Maringá, v. 17, n. 2, p. 277-86, abr./jun. 2012. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/pe/v17n2/v17n2a10.pdf>>. Acesso em: 19 jun. 2015.

PEREIRA, T. M. M. **Análise do fluxo de documentos fotográficos de arquivo**: estudo de caso da secretaria de comunicação da Universidade de Brasília. 2016. Dissertação (Mestrado em Ciência da Informação) – Programa de Pós-Graduação em Ciência da Informação, Faculdade de Ciência da Informação, Universidade de Brasília, Brasília.

REGO, T. C. **Vygotsky**: uma perspectiva histórico-cultural da educação. Petrópolis, RJ: Vozes, 1999.

REZENDE, D. S.; LOPEZ, A. P. A. Adecuación de la descripción archivística de documentos fotográficos a los estándares internacionales. In: **2ª Conferencia Anual de Archivos**: Archivos e Industrias Culturales, Girona, 2014. Disponível em: <<http://www.girona.cat/web/ica2014/ponents/textos/id164.pdf>>. Acesso em: 15 jun. 2016.

SABBAG, D. M. A. **Análise documental em textos narrativos de ficção**: subsídios para o processo de análise. 2013. Tese (Doutorado em Ciência da Informação) – Programa de Pós-Graduação em Ciência da Informação, Faculdade de Filosofia e Ciências, Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho”, Marília, SP.

SANTOS JUNIOR, R. L. Análise sobre o desenvolvimento do campo de estudo em informação científica e técnica nos Estados Unidos e na antiga União Soviética durante a guerra fria (1945-1991). **Revista Brasileira de Biblioteconomia e Documentação**, v. 8, n. 2, p. 130-57, jul./dez. 2012. Disponível em: <<https://rbbd.febab.org.br/rbbd/article/view/217/233>>. Acesso em: 15 jun. 2016.

SARACEVIC, T. Ciência da Informação: origem, evolução e relações. **Perspect. Ci. Inf.**, v.1, n.1, p. 4-62, jan./jun. 1996. Disponível em: <<http://portaldeperiodicos.eci.ufmg.br/index.php/pci/article/view/235/22>>. Acesso em: 15 jun. 2016.

TARAPANOFF, K. Informação, conhecimento e inteligência: relações e complementaridade. In: **Inteligência, informação e conhecimento em corporações**. Brasília: IBICT, UNESCO, 2006.

THIOLLENT, M. **Metodologia da pesquisa-ação**. São Paulo: Cortez, 1996.

TOMANIK, E. A. **O olhar no espelho**: "conversas" sobre a pesquisa em Ciências Sociais. 2.ed. Maringá, PR: EdUEM, 2004.

UNITED NATION EDUCATIONAL, SCIENTIFIC AND CULTURAL ORGANIZATION – UNESCO, **The Hamburg Declaration. Fifth International Conference on Adult Education**. UNESCO, 1997.

VIGIL, J. (Ed.). **Imaginando**: uso y aplicación de la fotografía em los procesos de aprendizaje. Madri: Universidad Complutense de Madrid, 2012.

VYGOTSKY, L. S. **A construção do pensamento e da linguagem**. São Paulo: Martins Fontes, 2001.

_____. **Pensamento e linguagem**. São Paulo: Martins Fontes, 1987.

WERSIG, G.; NEVELING, U. The phenomena of interest to information science. **Information Scientist**, v.9, n.4, p. 127-40, dez. 1975. Disponível em: <<http://sigir.org/files/museum/pub-13/18.pdf>>. Acesso em: 15 jun. 2016.

ZALDUA, M. O.; VIGIL, J. M. S.; RECIO, J. C. M. Foto historia: modelo de innovación docente a través de la fotografía. **Ibersid**, v. 9, p. 21-8, 2015. Disponível em: <<http://www.ibersid.eu/ojs/index.php/ibersid/article/view/4225/3817>>. Acesso em: 15 jun. 2016.

ANEXOS

ANEXO “A” – PROGRAMA DE DISCIPLINA – EMENTA

1

PROGRAMA DE DISCIPLINA

UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA – UnB

Faculdade de Ciência da Informação – FCI

Programa de Pós-graduação em Ciência da Informação - PPGCINF

Prof. Dr. André Porto Ancona Lopez

Disciplina: Seminários em Organização da Informação:
“Acervos Fotográficos e o ciclo da informação”

Turma B - Código: 382761

1º semestre/2016

Ementa

- Conteúdo não específico, relacionado à linha de pesquisa Organização da Informação, cujo objetivo é permitir a discussão dos temas relacionados à linha, especialmente dos temas de pesquisa e interesses específicos dos alunos.

Objetivos

- Discutir abordagens relativas ao ciclo da informação de modo que os alunos estejam capacitados a utilizar instrumentalmente esse conceito em suas pesquisas
- Promover análise crítica a respeito da produção, circulação, distribuição, conservação e uso de documentos e informações fotográficas, considerando seus uso, mensagem, institucionalização, acessibilidade e divulgação.
- Conhecer a metodologia “Imaginando”, do grupo “Photodoc”, da Universidade Complutense de Madrid como possível ferramenta para compreensão do conceito “Ciclo da informação” e outros conceitos com ele relacionados.
- Conhecer e ajudar a aperfeiçoar a metodologia “Imagine”, ressignificando o conceito de “Ciclo da Informação”, e demais conceitos correlacionados, e promovendo exposição de vulgarização do conhecimento para o grande público.

Diretrizes conceituais:

- O acervo fotográfico configura-se a partir da produção documental, tornando-se um conjunto somente a partir de atividades que aglutinam documentos e informações, constituindo um corpus. Tal gênese é definidora da caracterização do acervo e de sua institucionalização, sendo necessário, quando possível, situar o fenômeno acervo fotográfico, sob a ótica da organização e acesso a tal material como registro de atividades administrativas e como fonte de pesquisa. Essa perspectiva orgânica do documento fotográfico norteará as demais atividades executadas nos acervos fotográficos, relacionadas, sobretudo, à organização documental e à gestão da informação com vistas à descrição e ao acesso para utilização como prova administrativa, como insumo para gestão e como fonte de pesquisa e de conhecimento.
- O “ciclo da informação” tem seu caráter sistêmico apoiado em quatro bases: gênese da informação, organização da informação, recuperação da informação e comunicação da

informação. Essas bases são definidas como pilares da Ciência da Informação pelo PPGCINF (Programa de Ciência da Informação). E a fotografia, por ser uma forma de registro da informação, será, na perspectiva dessa disciplina, trabalhada na função de representação/comunicação de um conceito específico do ciclo da informação.

- A metodologia de ensino "Imaginando", compõe-se de cinco etapas que levam à produção de imagens conceito, propondo que os alunos, ao longo do processo, conheçam e dominem melhor os conceitos trabalhados, bem como sejam estimulados nas suas potencialidades fotográficas.
- A metodologia "Imagine", dá continuidade ao "Imaginando" em duas vertentes: a) apresentando as imagens-conceitos para um público leigo, introduzindo didaticamente uma dada área de saber; b) explorando com um público especialista as imagens por ele produzidas com o intuito de rediscutir e ressignificar os conceitos originais.

Conteúdo programático

- "Imaginando": experiências práticas para conhecer a metodologia de ensino-aprendizagem.
- "Imaginando": técnicas de organização da informação para criação de repositório de imagens conceituais.
- "Ciclo da informação": compreensão conceitual como elemento teórico e aplicação prática como princípio metodológico.
- "Imagine": mecanismo de consolidação de aprendizagem e ferramenta de vulgarização do conhecimento.
- Introdução aos grupos focais.
- "Imagine: ressignificação teórica de conceitos e possibilidades de aplicações práticas.

Metodologia do curso

O conteúdo programático será desenvolvido por meio de atividades práticas com o "Imagine" e discussões orientadas de leituras, apresentadas sob a forma de seminário. Prevê-se ainda aulas expositivas, palestras de convidados, e apresentação de exposição pelos alunos.

Avaliação

- a) Trabalho final que articule elementos desenvolvidos no curso com a pesquisa do aluno, na forma de artigo/projeto ou capítulo de tese/dissertação (peso 3).
- b) Apresentação (mínimo 2), sob a forma de seminário, de proposta de pesquisa relacionada a documentos imagéticos de arquivo, capaz de ser articulada com problema prático de acervo fotográfico. (peso 2).
- c) Problematização de pontos a serem desenvolvidos nos seminários sob a forma de pequeno texto, passível de postagem em um blog ou veículo similar (peso 3).
- d) Apresentação coletiva de exposição de vulgarização do conhecimento para o grande público (peso 2).

Cronograma e bibliografia a mínima de aula (a ser trabalhada nos seminários):

11/mar

- Apresentação preliminar dos projetos individuais e introdução à disciplina.

18/mar

Introdução ao Imaginando e ao Imagine

➤ SÁNCHEZ VIGIL, J. (Ed.). *Imaginando: uso y aplicación de la fotografía en los procesos de aprendizaje*. Madrid: Universidad Complutense de Madrid, 2012. Disponível em: http://apalopez.info/GPAF/IMAGINANDO_texto_color.pdf.

➤ DI PIETRO, L.; LOPEZ, A. Definindo conceitos da Ciência da informação: representação de conceitos através da imagem no projeto Imaginando/UnB. *Alexandria*, v. 10, p. 67-79, 2013. Disponível em: <http://revistas.pucp.edu.pe/index.php/alexandria/article/view/8927/pdf>.

01/abr

Conceituação instrumental sobre informação.

➤ BUCKLAND, M. K. Information as thing. *Journal of the American Society for Information Science*, v.42, p.351-360, 1991.

08/abr

Conceitos informação e gênese da informação

➤ CAPURRO, Rafael; HJORLAND, Birger. O conceito de informação. *Perspectivas em Ciência da Informação*, Belo Horizonte, v. 12, n. 1, p. 148- 207, jan./abr. 2007.

➤ LOPEZ, A. Contextualización archivística de documentos fotográficos. *Alexandria: revista de Ciencias de la Información*, ano V, n.8, jan./dez. 2011. Disponível em: <http://revistas.pucp.edu.pe/index.php/alexandria/article/view/213/207>.

➤ LOPEZ, A. Photographic document as image archival document. In: *TEHNIČNI in Vsebinski Problemi Klasičnega in Elektronskega Arhiviranja: referatov dopolnilnega izobraževanja s področij arhivistike, dokumentalistike in informatike v Radencih*, 8, Maribor, 2009. Maribor: PAM, 2009. p. 362-272. Available in: <http://hdl.handle.net/10760/12846>

15/abr

Produção de fotografias referente aos conceitos de informação e gênese da informação

Análise, discussão, e levantamento da necessidade de alteração ou não da fotografia utilizada para a representação do conceito.

➤ DEREGOWSKI, Jan. B. Illusions. In: *Illusions, patterns and pictures: a cross-cultural perspective*. London: Academic Press, 1980; p. 9-50. Available in: <http://gpaf.info/GPAF/DeregIllusion.pdf>

22/abr-

Ajustes nas imagens anteriores

Produção de Fotografias referentes ao conceito **organização da informação**

➤ GOMBRICH, E. Condições da ilusão. In: *Ibid.* cap 7, p. 175-209;

29/abr

Conceito organização da informação

➤ DAHLBERG, I. Teoria do conceito. *Ciência da Informação*, Brasília, v.7, n.2, p.101-7, 1978.

- LOPEZ, A. El contexto archivístico como directriz para la gestión documental de materiales fotográficos de archivo. *Universum*, Talca, v. 23, n. 2, 2008. Disponible en: http://www.scielo.cl/scielo.php?pid=S0718-23762008000200002&script=sci_arttext
- HEREDIA HERRERA, Antonia. La fotografía y los archivos. In: FORO IBEROAMERICANO DE LA RÁBIDA. *Jornadas Archivísticas*, 2, 1993, Palos de la Frontera. *La fotografía como fuente de información*. Huelva: Diputación Provincial, 1993.

06/mai

Conceito recuperação da informação

- SARACEVIC, T. Ciência da Informação: origem, evolução e relações. Perspectivas em Ciência da Informação, v.1, n.1, pp. 4-62, jan./jun. 1996.
- LOPEZ, A. Uses & misuses of ISAD(g) by documentary custody institutions. In: GRUPO de Trabalho Arquivos de Museus e Pesquisa. (Org.). *II International Seminar Museum Archives and Research: technology information and access*. São Paulo: GTAMP, 2013, v. 1, p. 81-94. Available in <http://gpaf.info/usosEdesusos.pdf>
- LOPEZ, A. Políticas de acesso aos primeiros documentos fotográficos de Brasília e de sua universidade. In: ZALDUA, M. (Org.). *Del Artefacto Mágico al Píxel: estudios de Fotografía*. Madrid: Fadoc/UCM, 2014; p. 55-69. Disponible en: http://documentacion.ucm.es/data/cont/docs/15-2014-07-24-Del%20artefacto%20ma%CC%81gico%20al%20pixel_standard.pdf

13/mai

Produção de fotografias referente ao conceito recuperação da informação

- Análise, discussão, e levantamento da necessidade de alteração ou não da fotografia utilizada para a representação do conceito.
- DEREGOWSKI, J. Perception of the two-pronged trident by two- and three-dimensional perceivers. *Journal of Experimental Psychology*, Washington, DC. Vol 82, num. 1, p. 9-13, Oct. 1969. Available in: <http://gpaf.info/GPAF/DeregTrident.pdf>

20/mai

Conceito comunicação da informação

- WERSIG, Gernot; NEVELING, Ulrich. The phenomena of interest to information science. *Information Scientist*, v.9, n.4, p. 127-140, Dec. 1975. Versão traduzida para o português por Tarcísio Zandonade: Wersig & Neveling. Os fenômenos de interesse para a ciência da Informação.
- NEIVA Jr., Eduardo. *A imagem*. São Paulo: Ática, 1986. (Princípios, 87).
- SÁNCHEZ VIGIL, J.; RECIO, J.; ZALDUA, M. Tesis doctorales sobre fotografía en la universidad española. Análisis de la producción y dirección (1976-2012). *Revista Española de Documentación Científica*, Vol 37, No 1, Madrid, 2014. Disponible en: <http://redc.revistas.csic.es/index.php/redc/article/view/857/1074>.

27/mai

Produção de fotografias referente ao conceito comunicação da informação

Análise, discussão, e levantamento da necessidade de alteração ou não da fotografia utilizada para a representação do conceito.

- PARINET, Elisabeth. Diplomatics and institutional photos. *The American Archivist*. Chicago: The Society of American Archivists, v. 59, p.480-485, fall 1996. Available in: <http://archivists.metapress.com/content/5735j17368g36202/fulltext.pdf>

03/jun

Questões gerais sobre documentos fotográficos.

- BOADAS, Joan; CASELLAS, Lluís-Esteve; SUQUET, M. Àngels. Manual para la gestión de fondos y colecciones fotográficas. Girona: Biblioteca de la Imagen, CCG Ediciones Ajuntament de Girona (CRDI), 2001, Disponible en: http://www.girona.cat/sgdap/docs/0256_Manual_Fotografic.pdf.
- DURANTI, Luciana. The concept of appraisal and archival theory. *The American Archivist*. Chicago: The Society of American Archivists, v.57, n°2, 1994, p.328-344.
- LOPEZ, A. Documentos imagéticos de arquivo: uma tentativa de utilização de alguns conceitos de Panofsky. *Sinopses*. São Paulo: Faculdade de Arquitetura e Urbanismo-USP, n°31, p.49-55, jun. 1999.
- LOPEZ, A.; REZENDE, D. DigitofotoWeb: aplicativo piloto para construção de repositórios digitais de materiais fotográficos de arquivo. *Alexandria*, v. 10, p. 25-49, 2014. Disponible en: <http://revistas.pucp.edu.pe/index.php/alexandria/article/view/13196/13809>

10/jun

Finalização de banners e consolidação de textos

17/jun

Exposição de banners no ICC com ideias consolidadas – Imagine para leigos

24/jun

Grupo focal sobre os conceitos do Ciclo da Informação– Imagine para especialistas

01/jul

Painel final e pré-texto final. Escolha de ao menos um dos novos conceitos ressignificados e apropriação no próprio projeto

Bibliografia complementar

A bibliografia que se segue indica as principais referências que serão feitas e utilizadas em aula, sem ter a pretensão de ser exaustiva.

- ARAÚJO, Carlos. A. O que é Ciência da Informação?. *Informação*, Londrina, v. 19, n. 1, p. 01-30, jan./abr. 2014. Disponível em: <http://www.uel.br/revistas/uel/index.php/informacao/article/view/15958/14205>.
- BATES, Marcia. The Invisible Substrate of Information Science. *JASIS*, v. 50, n.12, p. 1043-1050, 1999.

- BELKIN, N. J. Information concepts for information science. *Journal of Documentation*, v. 34, n.1, pp.55-85, Mar. 1978.
- BORKO, Harold. Information science: what is it? *American Documentation*, v. 19, n. 1, p. 3-5, 1968.
- CARUCCI, Paola. *Il documento contemporaneo: diplomatica e criteri di edizione*. Roma: La Nuova Italia Scientifica, 1987. (Beni Culturali, 1).
- CARVALHO MADIO, Telma Campanha de. Uma discussão de documentos fotográficos em ambiente de arquivo. In: VALENTIM, Marta Lígia Pomim. *Estudos avançados em Arquivologia*. Marília: Cultura Acadêmica, 2012. cap. 3. p. 55-68. Disponível em: http://www.marilia.unesp.br/Home/Publicacoes/estudos_avancados_arquivologia.pdf.
- DALAI, Marisa. La questione della prospettiva. In: PANOFSKY, E. *La prospettiva come 'forma simbolica' e altri scritti*. Trad. Enrico Filippini. 7ª ed. Milão: Feltrinelli, 1991; p.118-141. (Campi del Sapere).
- DUBOIS, Philippe. *O ato fotográfico e outros ensaios*. Trad. Marina Appenzeller. Campinas: Papirus, 1994. (Ofício da Arte e Forma).
- *DICIONÁRIO de terminologia arquivística*. São Paulo: AAB-SP; Secretaria de Estado da Cultura, 1996.
- GINZBURG, Carlo. De A. Warburg a E. H. Gombrich: notas sobre um problema de método. In: *Mitos, emblemas e sinais: morfologia e história*. Trad. F.Carotti. São Paulo: Cia. das Letras, 1990; p.41-93.
- GOMBRICH, Ernst H. La ambivalencia de la tradición clásica: la psicología cultural de Aby Warburg (1866-1929). In: *Tributos: versión cultural de nuestras tradiciones*. Trad. Alfonso Montielongo. Mexico: FCE, 1991; p.116-137. (Sección de obras de Historia).
- . *Arte e ilusão: um estudo da psicologia da representação pictórica*. Trad. Raul Sá Barbosa. São Paulo: Martins Fontes, 1986. (Ensino Superior).
- . *Historia del arte*. Trad. Rafael Torroella. Barcelona: Garriga, 1995. 3v.
- . *La imagen y el ojo: nuevos estudios sobre la psicología de la representación pictórica*. Trad. Alfonso López Lago & Remigio Gómez Díaz. Madrid: Debate, 2000.
- HECKSCHER, Willian S. Erwin Panofsky: un curriculum vitae. In: PANOFSKY, Erwin. *Sobre el estilo: tres ensayos inéditos*. Trad. Radamés Molina & Cesar Mora. Barcelona: Paidós, 2000. (Paidós Estética, 27).
- IGLÉSIAS FRANCH, David. La gestión de la imagen digital. *Hipertext.net*, núm. 2, 2004. Disponible en: http://www.upf.edu/hipertextnet/numero-2/imagen_digital.html.
- LACERDA, Aline. A fotografia nos arquivos: produção e sentido de documentos visuais. *História, Ciências, Saúde-Manguinhos (Impresso)*, v. 19, p. 283-302, 2012.
- LE COADIC, Y. F. A ciência da informação. 2ª ed. Brasília: Briquet de Lemos, 2004.
- LOPEZ, A. Contextualización archivística de documentos fotográficos. *Alexandria: revista de Ciencias de la Información*, ano V, n.8, jan./dez. 2011. Disponível em: <http://revistas.pucp.edu.pe/index.php/alexandria/article/view/213/207>.
- . *As razões e os sentidos: finalidades da produção documental e interpretação de conteúdos na organização arquivística de documentos imagéticos*. Tese de

- Doutoramento. São Paulo: Programa de Pós-Graduação em História Social da FFLCH-USP, 2000. Disponível em: <http://eprints.rclis.org/12862/>
- LOPEZ, A. ; MALVERDES, A.; DI PIETRO, L.; SALVADOR BENITEZ, A. . *IMAGINANDO: imagens-conceito de termos arquivísticos*. *Revista do Colóquio de Arte e Pesquisa do PPGA-UFES*, v. 3, p. 203-213, 2013.
 - *MANUAL para el uso de archivos fotográficos: fuentes para la investigación y pautas de conservación de fondos documentales fotográficos*. Santander: Universidad de Cantabria; Madrid: Ministerio de Educación y Cultura, 1997.
 - MATHEUS, R.F. Rafael Capurro e a filosofia da informação: abordagens, conceitos e metodologias de pesquisa para a ciência da informação. *Perspectivas em CI*, v.10, n.2, p.140-165, jul./dez. 2005.
 - PANOFSKY, Erwin. *Arquitetura gótica e escolástica: sobre a analogia entre arte, filosofia e teologia na Idade Média*. Trad. Wolf Hörnke. São Paulo: Martins Fontes, 1991.
 - —. El estilo y el medio en la imagen cinematográfica. In: *Sobre el estilo: tres ensayos inéditos*. Trad. Radamés Molina & Cesar Mora. Barcelona: Paidós, 2000. (Paidós Estética, 27).
 - —. Iconografia e iconologia: uma introdução ao estudo da arte da renascença. In: *Significado nas artes visuais*. Trad. M. Kneese; J. Guinsburg. 3ª ed. São Paulo: Perspectiva, 1991. p. 47-87. (Debates, 99).
 - —. *La prospettiva comme 'forma simbolica' e altri scritti*. Trad. Enrico Filippini. 7ª ed. Milão: Feltrinelli, 1991. (Campi del Sapere).
 - PINHEIRO, L. V. R. (Org.). *Ciência da informação, ciências sociais e interdisciplinaridade*. Brasília: Rio de Janeiro: IBICT, 1999. 182 p.
 - RECIO, Juan Carlos Marcos (org.) *Gestión del patrimonio audiovisual en medios de comunicación*. Madrid: Síntesis, 2013.
 - SALVADOR, A. RUIZ RODRIGUEZ, Antonio Angel. *Archivos fotográficos: pautas para su integración en el entorno digital*. Granada: UGr, 2006.
 - SCHAEFFER, Jean-Marie. *A imagem precária: sobre o dispositivo fotográfico*. Trad. Eleonora Bottmann. Campinas: Papyrus, 1996.
 - SHATTFORD LAYNE, Sara. Analyzing the subject of a picture: a theoretical approach. *Cataloging & classification quarterly*. Nova Iorque, v.6, nº3, p.59-62, mar. 1986.
 - —. Some issues in the indexing of images. *Journal of the American Society for Information Science*. Washington, v.45, nº8, p.583-588, set. 1994.
 - UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA. Programa de Pós-Graduação em Ciência da Informação. Brasília, 2010: Blog Iberoamericano de Enseñanza Archivística Universitária. Disponível em: http://bieau.blogspot.com.br/2010_07_01_archive.html

ANEXO “B” – EXCERTOS DOS TEXTOS DISPONIBILIZADOS NO BLOG

Comentários realizados nos excertos da disciplina Acervos Fotográficos

- **Aula dia 19 de maio de 2016 (Conceito: Comunicação da Informação)**
Excertos de Wersig&Neveling, Neiva Jr. e Sánchez-Vigil, Marcos-Recio&Olivera-Zaldua

Aluno Bruno Souza

WERSIG, Gernot; NEVELING, Ulrich. *The phenomena of interest to information science*. Information Scientist, v.9, n.4, p. 127-140, Dec. 1975. Versão traduzida para o português por Tarcísio Zandonade: Wersig&Neveling. Os fenômenos de interesse para a ciência da Informação.

Gernot Wersig: Cientista da informação, nascido em 1942 na União Soviética, radicado na Alemanha, Wersig é um dos poucos cientistas que trabalhou com um fundamento sociológico para a Ciência da Informação. Após estudar Jornalismo, Sociologia e Ciência da Documentação obtêm o título de Magister Artium (M.A.) em 1967. Entre 1968 e 1977 trabalhou com outros cientistas e professores assistentes no Instituto de Documentação e Estatísticas Médicas da Universidade Livre de Berlim. E em 1971 concluiu o doutorado obtendo o grau de PhD em Ciência da Informação e Documentação.

Ulrich Neveling: Cientista da informação alemão. Assistiu a Gernot Wersig nas investigações sobre a ciência da informação na década dos 70. Atualmente prossegue seu labor acadêmico e de investigação na Biblioteca do Instituto de Jornalismo da Freie Universität Berlim (Alemanha).

"O caso extremo de polissemia na comunicação técnica da informação e da documentação é o termo 'informação'. A análise semântica feita por um dos autores deste trabalho mostrou que existem, pelo menos, seis diferentes abordagens para o uso e significado do termo em todo o campo da disciplina. Obviamente, cada uso e significado do termo é justificado, mas como a ambigüidade é um dos maiores entraves na comunicação científica e na elaboração de teorias, dever-se-á encontrar uma regra para avaliar qual é o significado que convém para cada objetivo." (p. 5)

"Se o termo 'informação', ou um de seus derivados como 'informática', é inevitável, deveremos deixar claro, em cada caso, seu significado." (p. 9)

"A abordagem puramente prática, com métodos tradicionais, de preferência biblioteconômicos, provou ser ineficaz para a solução do problema fundamental. A partir dos requisitos de uma prática que cresceu e se tornou cada vez mais complexa, emergiu o trabalho científico, e, em seguida, apareceu um grupo de pessoas, foi utilizada uma nova tecnologia e surgiu a comunicação especializada. Desta maneira desenvolveu-se uma nova disciplina – não por causa de um fenômeno específico, o qual sempre existira e agora se transformou num objeto de problema cuja relevância para a sociedade foi completamente alterada. Hoje, o problema da transferência do conhecimento para aqueles que dele necessitam é uma responsabilidade social e esta responsabilidade social parece ser o motivo real da 'ciência da informação'." (p. 11)

"A solução ampla pode ser baseada na abordagem estrutural da informação. Se cada estrutura do mundo objetivo é 'informação', uma ciência relacionada com os métodos de descobrir esta informação, de representá-la, e de transformá-la em novas representações que permitam conclusões adicionais, será possível e útil para todos os tipos de atividade científica." (p. 12-13)

"As soluções ampla e média foram similares no fato de não possuírem nenhuma limitação da área em que a informação é considerada, mas foram diferentes na generalidade do conceito básico de informação. A solução estrita (tal como lançada aqui) não propõe uma compreensão limitada de 'informação', mas da área em que a 'informação' é considerada. Esta é, naturalmente, a solução que não é (como as soluções ampla e média) baseada em interesses abstratos, teóricos, mas em problemas práticos que devem ser resolvidos." (p. 15)

Comentário:

Duda Bentes 4 de julho de 2016 23:02

Os excertos destacam a dificuldade na comunicação da informação. Tal dificuldade é inerente ao processo de comunicação que depende de como se dará a codificação da mensagem e de como ela será recebida. Sem lembrarmos de outros componentes que afetam o ato comunicativo.

- **Aula dia 22 e 29 de Abril de 2016 (Conceito: Organização da Informação)**
Excertos de Gombrich, Dahlberg, Lopez e HerediaHerrera

Aluno Duda Bentes:

GOMBRICH, E. Condições da ilusão. In: *Arte e ilusão: um estudo da psicologia da representação pictórica*. Trad. Raul Sá Barbosa. São Paulo: Martins Fontes, 1986; cap 7, p. 175-209.

"É o poder da expectativa, mais do que o poder do conhecimento conceitual que molda o que vemos, na vida não menos que na arte." (p. 193)

"A possibilidade de que todo reconhecimento de imagens esteja ligado a projeção e antecipações visuais é reforçada pelos resultados de experiências recentes [...] Sem essa tendência que temos a ver um movimento potencial sob a forma de antecipação, os artistas nunca teriam sido capazes de criar a sugestão de velocidade em imagens estacionárias." (p. 196)

"Sem saber, procedemos a uma rápida sucessão de testes de consistência, e escolhemos a cada vez a interpretação que faz sentido." (p. 199) [...] "Onde quer que a imagem seja usada para a comunicação, podemos estudar essa avaliação da intenção provável do autor e os testes de consistência que levam à interpretação e ilusão." (p. 201)

Aluno Bruno Carvalho Souza:

DAHLBERG, I. Teoria do conceito. *Ciência da Informação*, Brasília, v.7, n.2, p.101-7, 1978.

"Podemos então dizer que a linguagem constitui a capacidade do homem designar os objetos que o circundam assim como de comunicar-se com os seus semelhantes."

"(...) só é possível proceder a essa decomposição do conceito coletando-se os enunciados verdadeiros que sobre determinado objeto se podem formular. Pode-se então dizer que os elementos do conceito são obtidos pelo método analítico—sintético. Cada enunciado apresenta (no verdadeiro sentido de predicação) um atributo predicável do objeto que, no nível de conceito, se chama característica. Muitas vezes não se trata de um atributo a que corresponde uma característica mas de uma hierarquia de características, já que o predicado de um enunciado pode tornar-se sujeito de novo enunciado e assim sucessivamente até atingirmos uma característica tão geral que possa ser considerada uma categoria. (Entende-se aqui por categoria o conceito na sua mais ampla extensão)."

"Quando a comparação entre as características dos conceitos mostra que dois conceitos diferentes possuem uma ou duas características em comum, então há que falar de relações entre tais conceitos..."

Aluno Aliche Khadija:

LOPEZ, A. El contexto archivístico como directriz para la gestión documental de materiales fotográficos de archivo. *Universum*, Talca, v. 23, n. 2, 2008.

"La archivística prioriza la dimensión del documento como índice de la actividad que lo generó. Así, lo que el documentalista busca en la interacción del referente con la imagen, el archivero lo busca en la integración de la función generadora con el documento. En este último caso, la información imagética del referente se muestra apenas como una característica más. La caracterización del registro fotográfico como índice implicaría que él, necesariamente, representase algo que sea identificado por el documentalista"

"La inserción de los documentos fotográficos y de los demás documentos imagéticos en la clasificación archivística no significa desconsiderar sus especificidades. Significa, sí, entender las particularidades del documento archivístico como más importantes que las peculiaridades de cada modalidad de documento (documentos fotográficos, por ejemplo). Se trata de agregar documentos en una generalidad común y, dentro de ésta, comprender las especificidades."

Aluno Elaine Torres Américo:

HEREDIA HERRERA, Antonia. La fotografía y los archivos. In: FORO IBEROAMERICANO DE LA RÁBIDA. Jornadas Archivísticas, 2, 1993, Palos de la Frontera. *La fotografía como fuente de información*. Huelva: Diputación Provincial, 1993.

"La fotografía como el documento textual -que puede o no ser documento de archivo— puede pretender reproducir una realidad, encuyo caso si cabe hablar de - certificado de presencia-, o bien crear, inventando, un mundo nuevo convirtiéndose en una forma de expresión de creatividad humana"

"...De aqui su doble dimension informativa y artistica y de aqui tambien las actitudes ante la acción de su depósito en instituciones tradicionales (archivos, bibliotecas) o en museos o instituciones culturales";

" Al decir 'archivos fotográfico' se nos plantea de nuevo el problema denominativo y conceptual apuntado al principio. 'Archivos fotográficos', 'fondos fotográficos' son denominaciones que entran en colisión con la terminología archivística"

Comentários:

Bruno Carvalho Castro Souza 4 de maio de 2016 14:08

Parece-me clara a relação entre as noções de conceito de Dahlberg e a abordagem ontológica utilizada na Ciência da Informação. Dahlberg entende um dado conceito, simplificada, como o conjunto dos seus atributos ou propriedades; a ontologia, por outro lado, é utilizada para a construção de conceitos a partir das relações entre Entes. As duas ideias parecem ser bastante próximas, diferindo talvez por questões metodológicas ou por suas origens. O conceito de Dahlberg surgiu como evolução natural da linguagem humana, enquanto a ontologia tem origem filosófica, partindo da necessidade de entender os o sentido das coisas. Na filosofia, o termo se aplica no nível mais alto do discurso, ou seja, na busca por conceitos universais, e se escreve com "O" (maiúsculo) -- "Ontos" tem o significado de Entes, ou seja, a Ontologia trata do Estudo dos Entes. Outro aspecto interessante é que, em ambas as abordagens, é condição necessária o estabelecimento do que é "verdade", ou seja, há que se haver um consenso entre os observadores de determinado fenômeno em relação ao que se pode chamar, sem nenhuma ambiguidade ou dúvida, de verdadeiro. Na Ontologia, isso é chamado "compromisso ontológico", sem o qual não é possível se chegar a um entendimento compartilhado sobre determinado Ente ou conceito. Qualquer que seja a abordagem, a relação com o ciclo da informação (e com o Imagine) parece ser bastante óbvia, especialmente na etapa de gênese da informação. Tudo começa com o conceito...

Bruno Carvalho Castro Souza 4 de maio de 2016 14:46

O texto de Gombrich discute um dos pontos mais fundamentais na percepção humana do mundo, que é a capacidade de perceber padrões. Na verdade, pode-se considerar até mesmo um vício. Enxergamos coisas onde elas não existem, completamos a informação fragmentada que o mundo nos oferta e imputamos sentido, conforme nossas experiências prévias, que serviram de base para a construção do nosso mundo mental. Essa habilidade foi fundamental no desenvolvimento da espécie, por questão de sobrevivência -- a identificação de padrões (em árvores, no campo, nas águas) permitiu ao ser humano perceber perigos a distâncias suficientes para fugir ou atacar. Atualmente, fazemos uso da identificação de padrões de forma absolutamente natural. Não nos damos conta do trabalho do cérebro em interpretar o que é captado pelos nossos sentidos. De fato, o que percebemos é uma ilusão de mundo, um construto mental feito pela expectativa do que "deveria estar, deveria ser" e não um registro cru do que simplesmente "é". Por outro lado, não consigo imaginar outra maneira de "enxergar" o mundo sem essa capacidade de interpretação do nosso cérebro, por mais enviesada que às

vezes possa ser. Alguém já tentou explicar para um cego de nascença o que é a cor branca?

Alice Khadija 6 de maio de 2016 09:39

Ao conviver com crianças e com a educação infantil é possível perceber o pensamento sincrético, diferente do pensamento do adulto já "moldado." No pensamento sincrético infantil o "arsenal" de representações é mais perceptível, crianças, no geral, não estão munidas de uma alta carga de representações de conceitos, a visão é um pouco mais simples e nos deixa ver claramente o caráter representativo, como nos ensina Sanders Pierce o modo como algo precisa remeter a outra coisa para que a imagem seja formada em nossa mente. Ao descrever igualmente imagens fotográficas a uma pessoa que não enxerga podemos aferir ainda explicação de Vygotski sobre a representação para crianças especiais: muda o modo de organizar o processo, mas ainda assim há uma carga representativa. Crianças são um ótimo público para estudos sobre a Ciência da Informação, seus arranjos lógicos e pragmáticos podem nos conduzir a soluções muito práticas e diferentes do mundo adulto repleto de conceitos necessários, porém por vezes dogmáticos e limitadores, o movimento do pensamento infantil é bastante interessante, o adulto tende a "camuflar" o modo como representa o mundo. Há méritos no modo de organização da informação no mundo adulto, eles não devem ser diminuídos, porém outras possibilidades podem ser muito ricas e construtivas. Este vídeo, demonstra de forma prática os modos como se dão a representação na mente infantil: <https://www.youtube.com/watch?v=1GOPR3h2LQ8>

Alice Khadija 6 de maio de 2016 09:45

Cabe ressaltar que para Platão, na Teoria das Formas ou das Ideias, o mundo não pode ser explorado de modo eficiente a partir dos sentidos, mas deve ser analisado pelos "óculos" da razão, percebemos apenas formas de representação limitada, conceito este explorado no texto de Gombrich, há também a fala de Barthes em o óbvio e o obtuso que lista maneiras de "moldar" a fotografia, demonstrando que ela não corresponde a alguma realidade, mas como tudo o que fazemos, representa nosso modo de ver as coisas.

- **Aula dia 01, 08 e 15 de Abril de 2016 (Conceito: Informação e Gênese da Informação)**

Excertos de Buckland, de Capurro&Hjorland e de Lopez

Aluno Alice Khadija:

BUCKLAND Michael K. Information as a thing. *Journal of the American Society of Information Science* (1986-1998), v. 42, n.5, p 351, 1991.

"Information-as-thing is of special interest in the study of information systems. It is with information in this sense that information systems deal directly. Libraries deal with books; computer-based information systems handle data in the form of physical bits and bytes; museums deal directly with objects. The intention may be that users will become informed (information-as-process) and that there will be an imparting of knowledge (information-as-knowledge). But the means provided, what is handled and operated upon, what is stored and retrieved, is physical information (information-as-thing). On these definitions, there can be no such thing as a "knowledge-based"

expert system or a “knowledge access” system, only systems based on physical representations of knowledge. ” (P. 352)

“If something cannot be viewed as having the characteristics of evidence, then it is difficult to see how it could be regarded as information. If it has value as information concerning something, then it would appear to have value as evidence of something. “Evidence” appears to be close enough to the meaning of information-as-thing to warrant considering its use as a synonym when, for example, describing museum objects as “authentic historic pieces of evidence from nature and society.” (Schreiner, 1985, p. 27).” (p. 469).

“Information-as-thing”, then, is meaningful in two senses: (1) At quite specific situations and points in time an object or event may actually be informative, i.e., constitute evidence that is used in a way that affects someone’s beliefs; and (2) Since the use of evidence is predictable, albeit imperfectly, the term “information” is commonly and reasonably used to denote some population of objects to which some significant probability of being usefully informative in the future has been attributed. It is in this sense that collection development is concerned with collections of information.” (P. 357)

Aluno Duda Bentes:

CAPURRO, Rafael; HJORLAND, Birger. O conceito de informação. *Perspectivas em Ciência da Informação*, Belo Horizonte, v. 12, n. 1, p. 148- 207, jan./abr. 2007

1) Sobre definições persuasivas.

“[...] Quando usamos o termo informação em CI, deveríamos ter sempre em mente que informação é o que é informativo para uma determinada pessoa. O que é informativo depende das necessidades interpretativas e habilidades do indivíduo (embora estas sejam frequentemente compartilhadas com membros de uma mesma comunidade.” (p. 154-155)

2) Sobre os usos modernos e pós-modernos da informação.

“Esta transição da idade média para a modernidade no uso do conceito de informação – de dar uma forma (substancial) à matéria para comunicar alguma coisa a alguém – pode ser detectada na filosofia natural de René Descartes (1596-1650), que chama as ideias de formas do pensamento, não no sentido de que estas são retratadas (depictae) em alguma parte do cérebro, mas na medida em que elas informam o próprio espírito voltado para esta parte do cérebro (DESCARTES, 1996, VII, p. 161). (p. 158)

“[...] Tem sido extremamente interessante observar como o conceito de informação está intimamente ligado a visões sobre o conhecimento. Esta conclusão é importante para a análise posterior do conceito de informação em CI, porque indica uma conexão muito negligenciada entre as teorias da informação e as do conhecimento.” (p. 159)

3) Sobre “Análise de domínio, sócio-cognitivo, hermenêutica, semiótica e perspectivas relacionadas.

“A perspectiva cognitiva dá um passo em direção à compreensão subjetiva da informação. Buckland dá outro passo. O enfoque da análise de domínio vê diferentes objetos como sendo informativos em relação à divisão social do trabalho

na sociedade. Desta forma, a informação é um conceito subjetivo, mas não fundamentalmente em um sentido individual. Os critérios sobre o que conta como informação são formulados por processos sócio-culturais e científicos [...]” (p. 192)

Aluno Bruno Carvalho Souza:

LOPEZ, A. Photographic document as image archival document. In: TEHNIČNI in Vsebinski Problemi Klasičnega in Elektronskega Arhiviranja: referatov dopolnilnega izobraževanja s področij arhivistike, dokumentalistike in informatike v Radencih, 8, Maribor, 2009. Maribor: PAM, 2009. p. 362-272.

Image records and documents have increased their reproduced visual information, and generated new records without the register of such transformation. That practice stimulates the multiplication of image manifestations of a same content, homogenizing different contexts and records. (Obs: o texto faz referência à internet)

It is important to remember that the erroneous identification of the complete record, the one that is proficient to generate consequences, may lead to disastrous outcomes at the research level as well as on the execution of administrative tasks. This aspect is more delicate when it involves records and documents which validation signs and proceedings are incorporated as an attach register, like on image and electronic records. The disconnection of such bond might have disastrous consequences not only during the execution of the administrative activities but also on their proof. The identification of the record's genesis is the only resource able to avoid the pitfalls posed by the image polysemy character.

On an image record, lonely considered, the veracity has the propensity to be bewildered with image's authenticity, since there will not be enough data to determine the record's context.

Aluno Elaine Torres Américo:

LOPEZ, A. Contextualización archivística de documentos fotográficos. *Alexandria: revista de Ciencias de la Información*, ano V, n.8, jan./dez. 2011.

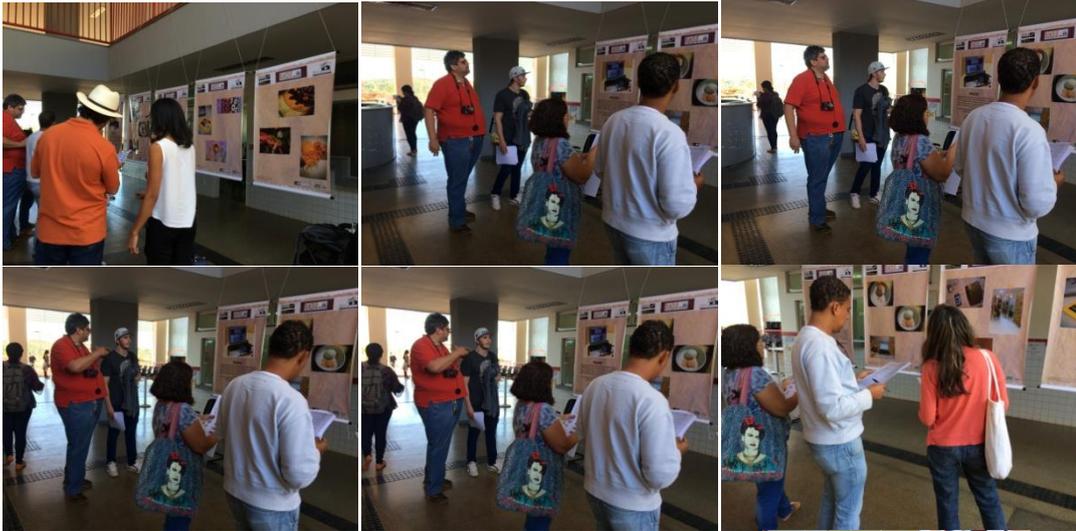
“La organización archivística de los documentos imagéticos nos presenta diferentes dificultades, principalmente en lo que atañe al uso de los principios orientadores de esta disciplina, tales como el de procedencia (respecto de fondos) y el de respeto al orden original”;

“Muchos archivos, sobre todo los denominados “fotográficos”, presentan una marcada propensión hacia la valorización de las posibilidades de uso de su información, relegando a segundo plano el contexto de producción”.

ANEXO "C" – REGISTRO FOTOGRÁFICO DA EXPOSIÇÃO







APÊNDICES

APÊNDICE “A” – FORMULÁRIO DESCRIÇÃO GOOGLE FORMS

25/11/2016

Inserção de imagens GPAF-Imaginando

[Editar este formulário](#)

Inserção de imagens GPAF-Imaginando

*Obrigatório

Identificador *

ESP (semestre + año + nº del concepto+ iniciales de autor+nombre del concepto+nº de foto, si hay) ex: 01-2014-03 Contexto APAL 01

IMAGEN

Subir al blog seguida del identificador (= título del post) + Imagen + título de la imagen

url de la imagen *

IDENTIFICACIÓN

Concepto *

ESP (Concepto trabajado) ex: Identificación

Autor *

(Apellido/s, iniciales del nombre/s, todo en mayúsculas sin puntuación) ex: NOGUEIRA R F

Título *

(Libre elección del autor): ex: "Imaginando um contexto"

Fecha *

(de la creación de la foto formato dd/abrev/aaaa) ex: 18/jan/2012

Ciudad/Local (de creación de la foto) *

(de creación de la foto) ex: Brasília/Universidade de Brasília

País *

(de creación de la foto) ex: Brasil

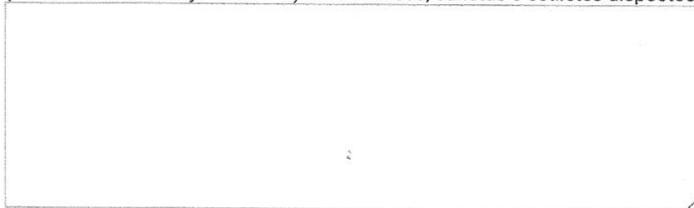
DESCRIPCIÓN DEL CONTENIDO

Resumen del contenido (Elementos visuales y temáticos) *

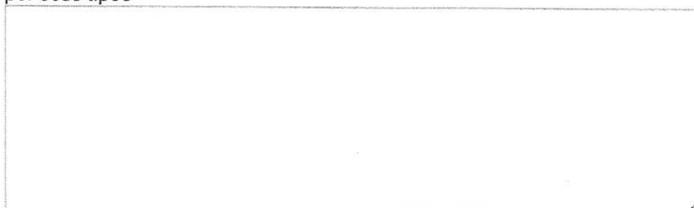
25/11/2016

Inserção de imagens GPAF-Imaginando

(Elementos visuales y temáticos) ex: "carimbos, canetas e estiletes dispostos em agrupamentos"

**Pie de foto informativo ***

(texto breve y conciso sobre el contenido de la imagen) ex: "conjunto de materiais de escritório separados por seus tipos"

**Pie de foto literario**

(texto de 4-6 líneas explicativas de la imagen y creativo) ex: "el pez adentro del coche representa el contexto de un acuario, como indica la pintura en la puerta, que funciona como si fuera subtítulo"



BUSCADORES DE CONTENIDO

¡Solamente indicar lo que está en la imagen!
Separar los descriptores por coma (,)

Descriptores onomásticos

ESP (Persona/s apellido/s, nombre/s, apodo/s) solamente cuando evidentes

**Descriptores institucionales**

(persona/s física/s, sector/es) solamente cuando evidentes



25/11/2016

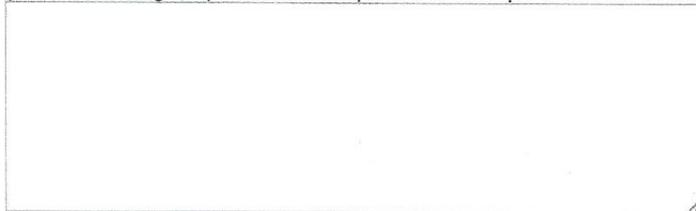
Inserção de imagens GPAF-Imaginando

Descritores geográficos

(lugares, cidades, países, accidentes geográficos, etc) solamente cuando evidentes

**Descritores cronológicos**

(día, mes, año, siglo, o períodos de tiempo evidenciados por elementos de la imagen)

**Descritores temáticos**

(materias y temas) son elementos abstratos

**Descritores visuales**

(elementos concretos presentes en el primer plano de la imagen)

*Nunca envíe senhas pelo Formulários Google.*

Powered by

Este conteúdo não foi criado nem aprovado pelo Google.
Denunciar abuso - Termos de Serviço - Termos Adicionais

APÊNDICE “B” – FICHA-CONCEITO

<p>Comunicação da informação pode ser um processo de atribuição de sentido ou um processo de representação objetivando comunicar um sentido (ARAÚJO, 1998).</p>
<p>Informação: registro de um conhecimento para utilização posterior (CUNHA; CAVALCANTI, 2008).</p>
<p>Comunicação é o processo de compreensão da ‘informação’ com o receptor, afirmando que a ‘informação’, nesse processo, ocorre como um efeito específico de um processo específico (WERSIG; NEVELING, 1975).</p>
<p>Gênese da informação é o processo de revelação da informação como evidência ou como coisa que se relaciona a um contexto do qual ela é resultado (BUCKLAND, 1991).</p>
<p>Informação é o que é informativo para uma determinada pessoa. O que é informativo depende das necessidades interpretativas e habilidades do indivíduo (embora estas sejam frequentemente compartilhadas com membros de uma mesma comunidade de discurso) (CAPURRO; HJORLAND, 2007).</p>
<p>Organização da informação se dá quando a comparação entre as características da informação aponta que duas informações diferentes possuem uma ou duas características em comum, permitindo analisar as relações entre estas (DAHLBERG, 1978).</p>
<p>Recuperação da informação é a ação que envolve “os aspectos intelectuais da descrição de informações e suas especificidades para a busca, além de quaisquer sistemas, técnicas ou máquinas empregados para o desempenho da operação” (MOOERS apud SARACEVIC, 1996, p. 44).</p>
<p>Gênese da informação é o processo de dar uma forma (substancial) à matéria para comunicar alguma coisa a alguém (CAPURRO; HJORLAND, 2007).</p>
<p>Comunicação é o processo por meio do qual o sujeito comunicante, condicionado pela sua experiência prática e pela sua percepção do mundo, busca dar significado àquilo que deseja comunicar. E no extremo oposto, no lugar da recepção, um sujeito interpretante, outro parceiro também empírico, constrói sua interpretação, muda ou expressa em função dos componentes comunicacional, psicossocial e intencional e dá sua percepção do ritual simbólico ou linguageiro (GHIGLIONE apud SIRIHAL DUARTE, 2009).</p>

APÊNDICE “C” – MINIATURAS FOTO-CONCEITO

APÊNDICE “D” – ROTEIRO GRUPO FOCAL

Roteiro Grupo Focal

Funções externas: Mediador, gravação, anotação.

Objetivos

- 1) Analisar os elementos do ciclo da informação;
- 2) Definir conceitos aplicados ao documento fotográfico; e
- 3) Relacionar a foto-conceito à definição do conceito.

Temas:

Ciclo da informação, foto-conceito, conceito.

Seções:

Seção 1 – ciclo da informação;

Seção 2 – foto-conceito; e

Seção 3 – Metodologia Imagine e documento fotográfico.

Seção 1

Questão-chave 1 – “Como você define **informação?**”

- conhecimento registrado?
- o que é informativo?
- conceito:

Questão-chave 2 – “Como você define **gênese da informação?**”

- processo de revelação da informação?
- processo de dar forma a matéria?
- conceito:

Questão-chave 3 – “Como você define **organização da informação?**”

- separação por comparação de semelhanças e diferenças?
- relacionamento das características da informação?
- conceito:

Questão-chave 4 – “Como você define **recuperação da informação?**”

- aspectos intelectuais da descrição da informação?
- tecnologia?
- conceito:

Questão-chave 5 – “Como você define **uso e comunicação da informação?**”

- processo de compreensão da informação?
- processo de representação da informação?
- conceito:

Seção 2

Feedback sobre a utilização da metodologia e análise dos resultados da aprendizagem dos conceitos relacionados ao documento fotográfico e ao ciclo da informação.

- Como a metodologia Imagine contribuiu com sua pesquisa?
 - Bruno;
 - Duda; e
 - Alice.

- Como os conceitos do ciclo da informação e do documento fotográfico contribuíram com sua pesquisa?
 - Bruno;
 - Duda; e
 - Alice.

APÊNDICE “E” – TRANSCRIÇÃO GRUPO FOCAL

Legendas:

NS – Natália Saraiva, membro do GPAF, orientanda;

EB – Eduardo Bentes, aluno da disciplina;

AP – André Porto Ancona, professor da disciplina – líder do GPAF;

BS – Bruno Souza, aluno da disciplina; e

AL – Alice Lopes, aluna da disciplina.

Seção 1 – Ciclo da Informação

NS – Boa tarde, gente! Vamos começar nosso grupo focal agora e gostaria que vocês se apresentassem falando o nome completo e dizendo se concordam com a gravação do áudio dessa nossa reunião e utilização para fins acadêmicos desse material, que será utilizado para o Programa de Pós-Graduação em Ciência da Informação da Universidade de Brasília.

EB – Eduardo Bentes Monteiro. Concordo com a gravação e utilização do material para fins acadêmicos.

AP – André Porto Ancona Lopes. Concordo com a gravação e utilização do material para fins acadêmicos.

BS – Bruno Carvalho Castro Souza. Concordo com a gravação e utilização do material para fins acadêmicos.

AL – Alice Ferreira Lopes. Concordo com a gravação e utilização do material para fins acadêmicos.

NS – Os objetivos dessa reunião são três: analisar os elementos do ciclo da informação, trabalhados durante o semestre; definir os conceitos aplicados ao documento fotográfico; relacionar a foto-conceito com a definição de conceito que será estabelecida aqui agora. Todos os conceitos que a gente trabalhou durante o semestre agora, a gente vai tentar defini-los. Agora vamos iniciar a seção 1 do nosso grupo focal! E é bom ficar claro que não há certo nem errado, e que nem uma posição vale mais do que a outra, mas que nosso objetivo é tentar definir os conceitos sobre os conceitos do ciclo da informação! Nessa primeira seção, vamos abordar os conceitos do ciclo da informação, e o primeiro a ser trabalhado foi o conceito de informação. E nessa perspectiva eu queria entender o que vocês entendem como informação.

EB – Primeiro, eu gostaria de dizer que a experiência foi extremamente estimulante – relacionar imagens e conceitos; uma coisa que na Academia é bastante complicada! A gente aprende, mas é complicada, apesar de eu ser da área de comunicação! Pra mim tudo foi uma grande novidade, e uma das grandes influências que aprendi durante esse semestre é a teórica da área da Ciência da Informação. Assim, a informação em diferentes áreas do conhecimento são formadoras da definição dentro da Ciência da Informação, tal qual na comunicação que não há um consenso sobre o conceito informação – uma ideia que o

conhecimento é conhecimento e a informação é conhecimento, e não qualquer informação, uma informação que vá contribuir para um novo conhecimento; uma informação que é dada como conhecimento que é possível acessar; ou, a informação que tanto pode ser o conhecimento quanto pode ser os *bits* que circula pela área da informática; a ideia de que a informação surge como uma alteração no ambiente que se revela.

AP – Como você falou?

EB – Informação surge como alteração no ambiente que se revela. Um pouco redundante né?! Mas...

BS – Não achei redundante, não! Pelo contrário! Achei que dá suporte *pra* gente pensar sobre o assunto!

AP – A gente pode fazer esses tipos de interrupções?

NS – Claro! Precisamos discutir sobre o assunto! Vamos ficar a vontade!

AP – Então... Ou seja, o que já está revelado e não alterou ele, não é informação?

EB – Não seria informação.

AP – Vamos pensar que sua... talvez sua definição funcione melhor para o verbo informar. Porque o que pode estar revelado *pra* alguém pode não estar revelado *pra* outro.

BS – Acredito que talvez caiba mais para o conceito gênese da informação! Talvez para o nascimento de uma informação nova!

AP – Não. Porque eu *tô* pensando que eu venho aqui já tenho um tempo, e algumas coisas se alteraram. Mas hoje nada se revelou *pra* mim porque já se revelou antes, e por isso essas coisas deixaram de ser informação?

EB – São informações já dadas, assimiladas e processadas.

AP – Mas elas não deixaram de ser informação.

NS – Mas *pra* você não seria mais informação?

EB – É que a informação estaria ligada com o sentido de que algo se destaca, algo chama atenção, algo será apropriado, será necessário!

AP – *Pra* você, esse destaque está na transformação?

EB – Isso! Nessa manifestação. Algo novo.

NS – Alice. E *pra* você?

AL – A definição que eu mais me identifiquei, talvez por ela ser mais relacionada à Museologia, é a definição utilizada por Araújo, que diz que a informação... que relacionamento direto em alterar a realidade.

AP – Mas é uma perspectiva distinta!

BS – Concordo.

AP – Porque pelo que o Eduardo Bentes coloca, a realidade se altera ou é alterada e ao alterar ou ser alterada ela produz, revela a informação. E no caso da proposta da Alice a informação transforma.

AL – Sim transforma a realidade o que parece bastante com o conceito de mito, que também transforma a realidade e o cotidiano.

AP – Então pra vocês dois a informação está sempre relacionada à mudança e não à manutenção.

AL – Sim.

AP – Mas a gente também usa a informação para manter as coisas.

EB – Mas a alteração obriga uma tomada de decisão. E após a tomada de decisão a informação deixa de ser útil. Não morre, mas se retorna o ciclo da informação.

AL – Isso. O ciclo se retroalimenta.

NS – Mas para se retroalimentar não teria que ser uma nova informação.

BS – Ou uma nova leitura. Um novo contexto.

AP – Um novo contexto já diria tudo.

BS – A gente no CPAI (Centro de Pesquisa em Arquitetura da Informação – UnB) tem uma disciplina há uns quatro anos só para discutir o que é informação e até hoje não conseguimos chegar a uma definição. Mas a gente tem uma definição que parte de uma ideia um pouco diferente. A gente entende que a informação ela existe, está lá. Independente da coisa, abstrata ou real, a informação está lá junto. O que a gente consegue captar não é a informação é o dado, que é a propriedade que essa coisa passa, transmite e que a gente consegue captar de alguma forma. Então na verdade, na perspectiva do CPAI, a informação existe independente do sujeito, mas essa não é a vertente que a gente está adotando aqui.

AP – Não a informação não existe independente do sujeito. E a vertente filosófica?

BS – É exatamente essa. A informação está lá. Ela existe. E o dado é a propriedade que a gente consegue captar dessa informação. E a gente transforma esse dado em conhecimento. Ou seja, você nunca vai ter acesso direto a informação, você sempre vai trabalhar com o dado. Apesar da gente usar o termo pra especificação.

AP – Então a informação é..por falta de outra palavra.. o conteúdo abstrato. E o dado é a materialização desse conteúdo.

BS – É a materialização que a gente consegue captar.

AP – Vocês cortaram a cadeia clássica da informação.

BS – A gente inverteu. A cadeia clássica é dado-informação-conhecimento. Pra gente a informação vem primeiro.

AP – então pra vocês a informação é sempre inatingível.

BS – Sim. Nas discussões atuais nunca teremos informações completas.

AP – Então você sempre tem partes da informação, e está em processo de ressignificação de significado.

EB – Quería acrescentar Saracevic que diz que a informação é uma alteração na natureza, no ambiente.

BS – Eles também parte do princípio de que a informação tem que ter relevância.

NS – Ela tem que ser útil.

BS – Isso. Com a utilidade.

EB – Não necessariamente útil, mas que ao se manifestar terá relevância.

AP – Ela não se manifesta.

AP – A manifestação tem a ver com a nossa percepção.

BS – Exatamente. Concordo.

AP – E isso mostra a questão da relevância, pois você percebe naquele contexto e faz com que a informação se manifeste. Ou seja, Você que torna a possibilidade da informação se manifestar. E nessa perspectiva o que o Bruno Souza falou tem todo sentido. Porque a sua busca pela informação, que não é atingida porque você pega só os dados, mas faz com que você tente ressignificar.

BS – Isso mesmo.

AP – Pra mim informação não necessariamente é conhecimento registrado, pra mim informação você tem ter um certo nível de conhecimento. A simples existência de informação não quer é suficiente. É necessário conseguir entender e decodificar a informação. Gostei bastante da definição adotada pelo Bruno Souza. A informação pra mim oriunda dos processos de comunicação. Então ela está relacionada com a cognição, no que sentido de compreender uma mensagem, ou estabelecer um significado, estabelecer uma mensagem. Isso pode ser verbal, mental, e é obvio que quando essa informação está registrada, a chance dela ser mais perene ao meio aumenta e a chance dela poder ser mais compartilhada também aumenta. Para ser informação há uma compreensão do significado dentro do processo de comunicação, independente de ser uma ressignificação ou algo novo.

NS – Então a informação só existe no meio do processo de comunicação? Sem o processo de comunicação ela não se efetiva?

AP – Um processo de comunicação no sentido amplo. Um processo de atribuição de significado, que é um processo individual ou coletivo. Utilizando-se as vezes de uma comunicação não intencional, na qual você tem um agente, você tem um meio, e você tem a informação que você decodifica recebe e interpreta. E isso seria o processo de comunicação.

EB – Eu concordo com essa posição. E essa é a mesma posição adotada por Saracevic na ideia de processo de transformação da natureza. Onde a informação por si só não acontece. Ela precisa está dentro de um ciclo, dentro de um processo.

NS – Então nesse aspecto da informação que altera o ambiente, que se revela, que está presente independente do sujeito, que altera a realidade, transforma, que também é transformada pela realidade, que faz parte de um processo de comunicação não intencional, como se daria a Gênese da informação, a criação da informação, a produção da informação? Pode começar Eduardo Bentes?

EB – Então, pra mim está na ideia do ovo, do princípio, tenho pensado muito nisso, pra mim a gênese está exatamente na manifestação de um fenômeno. Quando algo distinto se destaca no ambiente. Que gera a necessidade de decodifica-lo, de tratá-lo.

BS – Então, você está querendo dizer que de uma maneira ou de outra que a informação acaba exigindo do sujeito um esforço voluntário ou não para que ela se manifeste?

EB – Isso. Exatamente o que foi colocado pelo André Ancona, que depende da percepção, que você precisa estar preparado para perceber isso.

AP – Não. A informação no sentido de estabelecer significado ou ressignificar é voluntário.

BS – Sim. Mas a informação no sentido de se manifestar é involuntário ou voluntário.

AP – Mas ação é intencional. Informar-se é intencional. Você percebe muitas coisas ao seu redor e quando você age em relação a essas coisas

BS – Sim. E algumas vezes você reage em relação a essas coisas as vezes conscientemente e outras inconscientemente.

AP – Mas pra ser informação tem que agir conscientemente.

BS – Não necessariamente.

AP – O que eu defendo é que a percepção é voluntária.

EB – Acredito que essa discussão se a informação é voluntária ou involuntária não seria relevante para esse contexto.

BS – concordo.

AP – vamos voltar na rodada anterior então e relembrar o que a gente definiu o que seria informação. Informação é um processo, a busca de elementos que estão em um contexto, em um ambiente, e estabelecer significado. A busca é voluntária, só que pode acontecer algo involuntário que se manifeste no ambiente pra você. Então a busca é voluntária mas pode ocorrer de forma involuntária. Porque, a partir do momento que você tenta decodificar essa percepção e estabelecer um significado você mobiliza a sua experiência, o seu conhecimento, um serie de hipoteses para estabelecer significados, dependendo do contexto em que você se encontra.

AL – Pra mim a gênese se assemelha ao parto, que utiliza-se de forças involuntárias e voluntárias. São forças que não se anula. E pensando no conceito de gênese pra mim seria uma enorme confusão.

EB – Pensando na ideia de confusão acredito que seria exatamente o distinto que causa a confusão.

NS – Na sua fala Eduardo Bentes você disse que a gênese é algo distinto que se revela então essa confusão poderia ser isso?

AL – Não necessariamente dá em nada. Na verdade é um processo com etapas muito bem definidas.

AP – Percepção é um processo de comunicação?

BS – Ele faz parte do processo não acredito que seja um processo.

AP – Então, mesmo nos processos que não são intencionais a sua percepção vai gerar uma contrarreação? E é intencional, não tem jeito?

BS – Sim.

BS – Pra mim a gênese da informação está relacionado com ação de detectar se algo foi modificado ou não no ambiente, e que pra isso requer um esforço do individuo, uma intencionalidade em captar essa informação que se alterou no ambiente, uma abordagem fenomenológica.

AP – A gente chega então na conclusão de que a principal questão da gênese da informação é que ela é um processo e está relacionada com a comunicação. Porque

a informação só é criada se existir uma ação, um processo, e tem que existir pela sua parte um esforço de percepção. O esforço de mobilizar o seu consciente para decodificar com , que a partir da percepção, que pode não ser consciente, Uma ação que gera algo que só vai ser informação se houver uma comunicação desse algo e uma percepção, além de uma ação consciente de tentar estabelecer um significado.

AP – Agora eu entendi a questão da modificação.

EB – Sim pra essa imagem a reflexão foi pra algo que exige um esforço de decodificação que seria a gênese..o ovo a ser descascado.

AP – Sim.

EB – Ou a gênese é um processo?

AL – Se acontece é processo. Alguma coisa pode acontecer sem processo?

AP – E o que a gente discutiu aqui... foi que a informação é um processo de decodificação, um processo, de estabelecer um significado, que se modifica, e que transmite algo distinto e a conversão desse dado em algo que estabeleça significado é a informação, que seria o conhecimento.

AP – Temos consenso aqui?

NS – Sim. Então, a ideia de gênese da informação, criação ou produção da informação pelo que foi discutido aqui seria o processo que se relaciona ao processo de comunicação e que é resultado da percepção, intencional ou não, de alteração no ambiente e precisa de um esforço de significação para se manifestar.

NS – Seria um processo de revelação da informação a gênese?

EB, AP, AL, BS – Sim

NS – E como um processo de dar forma a matéria?

EB, AP, AL, BS – Também acho que não.

AP – Seria um processo de dar significado, sentido, à matéria.

NS – Vamos passar para o próximo conceito. Como você, Eduardo Bentes, define organização da informação?

EB – Acredito que a organização da informação da informação é um conceito que vem carregado de um pouco de lógica. Você teve a intenção agora precisa fazer sentido a informação, ou seja, ela precisa ocupar um lugar.

AP – Você está pensando no estabelecimento de categorias mentais?

EB – É, na verdade eu estou tentando, porque a palavra organizar traz pra mim categorias, classificações, medidas, e a lógica, onde as coisas dão relações e estabelecem significados.

AP – E tudo isso é extremamente subjetivo. O grande problema que eu vejo na aplicação prática dos conceitos da organização da informação é você ter um estabelecimento social que diz que os elementos com os quais você categoriza, porque organizar é categorizar, sim? Podemos dizer isso?

EB – Sim.

AP – Então, quando você define que os elementos para categorizar são vários você acaba jogando fora outros elementos. Então acredito que a grande questão é conseguir dividir as categorias de uma forma que fique mais fácil operacionalizar

isso sempre pensando que a informação tende a uma necessidade, existem questões práticas. E não existe uma necessidade única, ela é variada.

NS – Alice Lopes, e pra você?

AL – É uma tentativa de organizar um caos pra achar que tudo está sobre controle. E concordo com os colegas no que tange ao estabelecimento de categorias e a necessidade da informação.

NS – Bruno Souza, e pra você?

BS – Também não teria muito a acrescentar. A organização da informação é a forma que você manipula os dados de forma a fazer sentido a atender uma necessidade um uso.

AP – Eu tenho uma intervenção. Isso significa que eu posso usar os mesmos dados, manipular de forma diferente e ter um resultado distinto.

BS – Sim. E o que é importante a gente destacar também é que quando você categoriza você também distingue, procura as diferenças para poder agrupar e procurar os semelhantes e diferentes.

NS – Podemos dizer então que a organização da informação utiliza-se da comparação de semelhanças e diferenças?

AP – Não é comparação é estabelecimento. Com um resultado variável

BS – E com um determinado objetivo.

NS – Então podemos dizer que a organização da informação se dá a partir de uma operação lógica, subjetiva, de categorização que manipula dados para responder uma necessidade, e que está socialmente e historicamente definida.

NS – Então o próximo conceito a ser discutido é recuperação da informação, Eduardo Bentes, por favor?

EB – A recuperação da informação se dá a partir da intenção de ter uma informação, da necessidade, que seria a busca. E a partir desse estímulo você consegue alcançar a informação que fora trabalhada e está disponível em mecanismos, dada.

AP – Acredito que para a recuperação da informação preciso saber primeiro, qual é o sistema de informação que tenho, que tipo de organização, qual a informação, e se pra esse tipo de informação que profissionais pode me ajudar. E acredito que a Alice pode completar essa ideia falando um pouco do papel do museu.

AL – O museu ele tem como funções básicas coleta, estudo, pesquisa e disseminação da informação. A organização da informação começa desde a captação do acervo, a guarda até a exposição. E seria um dos canais de recuperação da informação.

EB – Mas não teríamos que colocar em questão o tipo de informação que se busca?

AP – Sim.

BS – Mas ainda temos o problema que hoje não sabemos o que queremos recuperar. Porque com o Big-data, temos um bum de informação disponível na rede que é passível recuperar padrões de dados, significados, que será passível estabelecer informação, assim esses padrões computacionais torna possível sem saber exatamente o que se quer recuperar.

NS – A recuperação da informação se relacionada com a tecnologia nesse aspecto então?

AP – Não. A recuperação da informação se relaciona com a organização da informação da informação.

BS – Não. Isso mesmo. Sem dúvida.

AP – Eu preciso ter uma sistematização prática das categorias e subcategorias, entender essa sistematização. Entrar nessas categorias e localizar as coisas. Ou seja, a recuperação é tornar inteligível e trabalhável o seu sistema de organização. Quando o sistema é auto matizável a tecnologia ajuda.

NS – Vamos agora falar sobre comunicação da informação. Alice, o que é comunicação da informação pra você?

AL – Troca de saberes, envolvendo mais de um ator.

BS – No conceito tradicional de comunicação ela não é uma coisa isolada. Não é uma coisa de um ente só, tem que ter um processo. E o uso acredito que é a finalidade, perpassa todo o ciclo da informação, não pode ser visto de forma isolada.

EB – Acredito também que o uso tem origem na intencionalidade que gera o processo de comunicação. Existe uma intenção, a informação não anda sozinha, o uso acompanha todo o ciclo.

AP – Então eu defino a comunicação da informação sim como um processo de compreensão e representação da informação. O uso está ligada com a ideia da informação como um processo que estabelece significado, ou seja, saber se a informação tem valor ou não.

AP – Pra mim a comunicação está presente em todos os elementos. E acredito que um dos usos poderia ser comunicar, como também pode ser outras coisas, inclusive a finalidade do ciclo que foi discutida aqui. Então eu colocaria essa comunicação transversa a tudo isso.

EB – Academicamente a comunicação é um campo da linguística cujo o modelo vai de encontro ao modelo Shanon, cujos os efeitos da psicologia e reunindo todas essas áreas na ciência da informação, e entendendo a comunicação como a eficiência desse processo há uma grande discussão pra se entender o que é a comunicação. Então na minha área da comunicação entendemos que a comunicação é aquela mediada pela tecnologia, que permite um compartilhamento. Então acredito que é necessário a gente definir antes de discutir sobre comunicação sobre de que tipo de comunicação a gente está falando.

Seção 2

NS – Então, podemos iniciar a seção 2?

AP – Sim. Pessoal, vocês acreditam que vocês conseguiriam ter esses aproveitamento na área da CI se a gente tivesse trabalhado os textos, e feito essa discussão aqui dessa forma, sem ter trabalhado com o Imagine? Então em que medida a metodologia do Imagine contribuiu para repensar essas questões do ciclo da informação?

EB – Bom, eu comecei a produzir o trabalho final da disciplina e me lembrei das primeiras aulas, da apresentação do projeto Imaginando e Imagine, e minha

experiência tem sido bem feliz, porque realizou o que preciso no meu projeto de doutorado que é pensar a fotografia na comunicação, no qual ela é mais discutida no campo da arte e eu pretendo dar essa visão um pouco diferenciada, mais voltada pra área da informação. Então com a disciplina consegui pensar a fotografia com a arte, comunicação e a informação. E nesse aspecto o imagine contribuiu pro meu projeto de pesquisa. E sim, com o Imagine foi possível ressignificar os conceitos.

AL – Sim. E vou utilizar a metodologia do Imagine no meu projeto de pesquisa sobre acessibilidade, divulgar para um grande essas fotos-conceitos, e divulgar para um grande publico criando um banco de imagem usando a abnt.

BS – A disciplina me ajudou a pensar a desenvolver um projeto de pesquisa pro doutorado, e por causa da disciplina, pretendo usar algo voltado pro ciclo da informação, utilizando-se de repositórios da informação, mas voltado para usuários, e eu pretendo usar a metodologia do Imagine pra estruturar esse modelo.

NS – Bom, pessoal, muito obrigada, acredito que a discussão foi muito rica, todos ficaram bem a vontade, conseguiram passar seus pontos de vista. Então acredito que realizando uma análise geral temos um resultado bem positivo desse encontro. Obrigada pela disponibilidade de todos.

APÊNDICE “F” – ANÁLISE ESTATÍSTICA

- Foto 3: ovo sem casca

Tabela F1 – Contagem das Fichas-Resposta: Foto 3: ovo sem casca.

Foto-conceito	Conceitos	Valores	Porcentagem	Porcentagem Acumulada	Erro	Min.	Max.
Foto 3: ovo sem casca	Informação (1)	6,00	13,95	13,95	11,32	2,63	25,27
	Gênese da Informação (2)	13,00	30,23	44,19	15,00	15,23	45,24
	Organização da Informação (3)	8,00	18,60	62,79	12,71	5,89	31,32
	Recuperação da Informação (4)	6,00	13,95	76,74	11,32	2,63	25,27
	Comunicação (5)	6,00	13,95	90,70	11,32	2,63	25,27
	Comunicação da Informação (6)	1,00	2,33	93,02	4,92	0,00	7,25
	Em Branco (7)	3,00	6,98	100,00	8,32	0,00	15,30
Total		43,00	100,00				

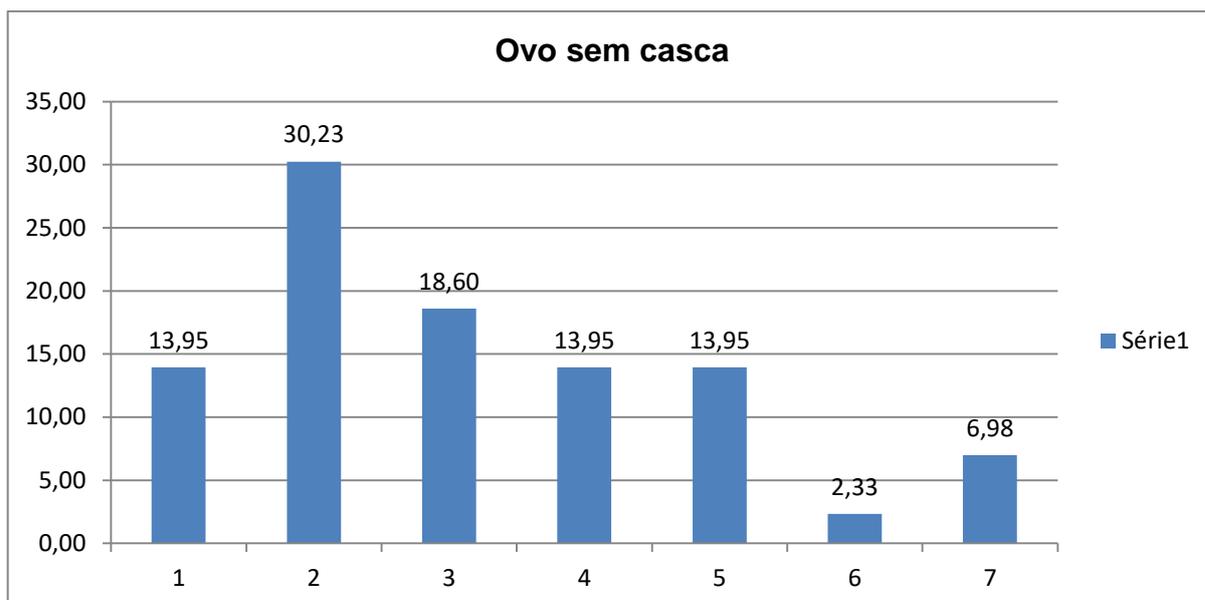


Gráfico F1 – Indicativo do conceito mais relacionado pelo público: Foto 3: ovo sem casca.

Tabela F2 – Indicativo de possibilidade de representação da foto-conceito: Foto 3: ovo sem casca.

Foto-conceito	Conceitos	Posição	Valores	Porcentagem	Erro	Min.	Max.	Pmin.	Pmax.
Foto 3: ovo sem casca	Gênese da Informação (2)	1	13,00	30,23	15,00	15,23	45,24	2	1
	Organização da Informação (3)	2	8,00	18,60	12,71	5,89	31,32	6	1
	Informação (1)	3	6,00	13,95	11,32	2,63	25,27	6	2
	Recuperação da Informação (4)	4	6,00	13,95	11,32	2,63	25,27	6	2
	Comunicação (5)	5	6,00	13,95	11,32	2,63	25,27	6	2
	Em Branco (7)	6	3,00	6,98	8,32	0,00	15,30	7	3
	Comunicação da Informação (6)	7	1,00	2,33	4,92	0,00	7,25	7	4

a) Análise da Foto-conceito 3:

O autor da fotografia a produziu para o conceito “informação”, porém podemos perceber que o público participante a indicou para o conceito gênese da informação. E com o auxílio da análise estatística temos a probabilidade de termos para essa foto-conceito o conceito de organização da informação. Assim, podemos considerar que a foto-conceito 3 não apresenta um indicativo de compreensão para o conceito proposto: informação.

- Foto 4: borboleta

Tabela F3 – Contagem das Fichas-Resposta: Foto 4: borboleta.

Foto-conceito	Conceitos	Valores	Porcentagem	Porcentagem Acumulada	Erro	Min.	Max.
Foto 4: borboleta	Informação (1)	6,00	16,22	16,22	12,04	4,18	28,26
	Gênese da Informação (2)	6,00	16,22	32,43	12,04	4,18	28,26
	Organização da Informação (3)	2,00	5,41	37,84	7,39	0,00	12,79
	Recuperação da Informação (4)	2,00	5,41	43,24	7,39	0,00	12,79
	Comunicação (5)	15,00	40,54	83,78	16,04	24,50	56,58
	Comunicação da Informação (6)	2,00	5,41	89,19	7,39	0,00	12,79
	Em Branco (7)	4,00	10,81	100,00	10,14	0,67	20,95
Total		37,00	100,00				

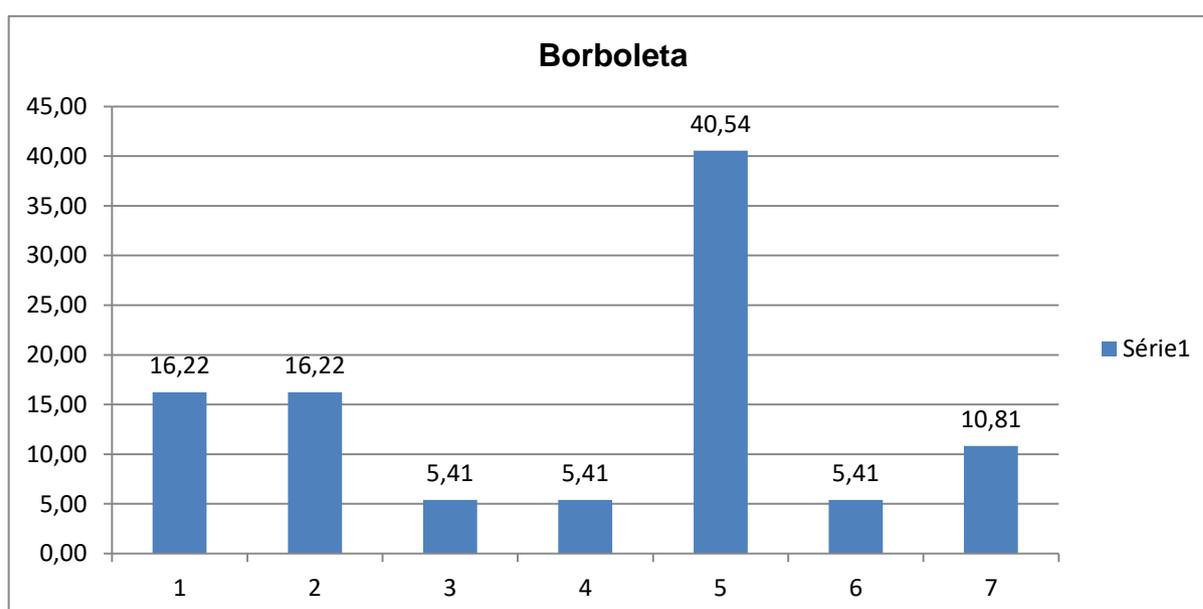


Gráfico F2 – Indicativo do conceito mais relacionado pelo público: Foto 4: borboleta.

Tabela F4 – Indicativo de possibilidade de representação da foto-conceito: Foto 4: borboleta.

Foto-conceito	Conceitos	Posição	Valores	Porcentagem	Erro	Min.	Max.	Pmin.	Pmax.
Foto 4: borboleta	Comunicação (5)	1	15,00	40,54	16,04	24,50	56,58	1	1
	Informação (1)	2	6,00	16,22	12,04	4,18	28,26	7	2
	Gênese da Informação (2)	3	6,00	16,22	12,04	4,18	28,26	7	2
	Em Branco (7)	4	4,00	10,81	10,14	0,67	20,95	7	2
	Organização da Informação (3)	5	2,00	5,41	7,39	0,00	12,79	7	4
	Recuperação da Informação (4)	6	2,00	5,41	7,39	0,00	12,79	7	4
	Comunicação da Informação (6)	7	2,00	5,41	7,39	0,00	12,79	7	4

a) Análise da Foto-conceito 4:

O autor da fotografia a produziu para o conceito “recuperação da informação”, porém podemos perceber que o público participante a indicou para o conceito comunicação da informação. E com o auxílio da análise estatística temos a probabilidade de termos para essa foto-conceito apenas o conceito de comunicação da informação. Assim, podemos considerar que a foto-conceito 4 não apresenta um indicativo de compreensão para o conceito proposto: recuperação da informação.

- Foto 5: escritório

Tabela F5 – Contagem das Fichas-Resposta: Foto 5: escritório.

Foto-conceito	Conceitos	Valores	Porcentagem	Porcentagem Acumulada	Erro	Min.	Max.
Foto 5: escritório	Informação (1)	17,00	35,42	35,42	15,62	19,79	51,04
	Gênese da Informação (2)	5,00	10,42	45,83	9,98	0,44	20,40
	Organização da Informação (3)	11,00	22,92	68,75	13,73	9,19	36,65
	Recuperação da Informação (4)	3,00	6,25	75,00	7,91	0,00	14,16
	Comunicação (5)	7,00	14,58	89,58	11,53	3,05	26,11
	Comunicação da Informação (6)	5,00	10,42	100,00	9,98	0,44	20,40
	Em Branco (7)	0,00	0,00	100,00	0,00	0,00	0,00
Total		48,00	100,00				

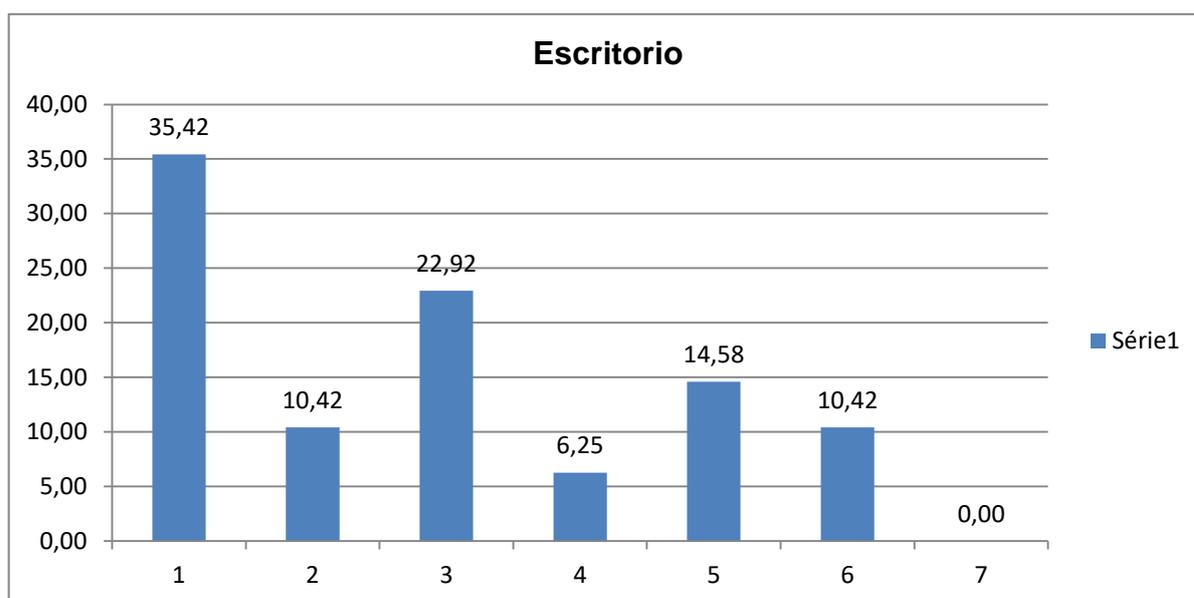


Gráfico F3 – Indicativo do conceito mais relacionado pelo público: Foto 5: escritório.

Tabela F6 – Indicativo de possibilidade de representação da foto-conceito: Foto 5: escritório.

Foto-conceito	Conceitos	Posição	Valores	Porcentagem	Erro	Min.	Max.	Pmin.	Pmax.
Foto 5: escritório	Informação (1)	1	17,00	35,42	15,62	19,79	51,04	2	1
	Organização da Informação (3)	2	11,00	22,92	13,73	9,19	36,65	4	1
	Comunicação (5)	3	7,00	14,58	11,53	3,05	26,11	6	2
	Gênese da Informação (2)	4	5,00	10,42	9,98	0,44	20,40	6	3
	Comunicação da Informação (6)	5	5,00	10,42	9,98	0,44	20,40	6	3
	Recuperação da Informação (4)	6	3,00	6,25	7,91	0,00	14,16	7	4
	Em Branco (7)	7	0,00	0,00	0,00	0,00	0,00	7	7

a) Análise da Foto-conceito 5:

O autor da fotografia a produziu para o conceito “gênese da informação”, porém podemos perceber que o público participante a indicou para o conceito informação. E com o auxílio da análise estatística temos a probabilidade de termos para essa foto-conceito o conceito de informação e organização da informação. Assim, podemos considerar que a foto-conceito 5 não apresenta um indicativo de compreensão para o conceito proposto: gênese da informação.

- Foto 6: rádio

Tabela F7 – Contagem das Fichas-Resposta: Foto 6: rádio.

Foto-conceito	Conceitos	Valores	Porcentagem	Porcentagem Acumulada	Erro	Min.	Max.
Foto 6: rádio	Informação (1)	7,00	16,28	16,28	12,06	4,22	28,34
	Gênese da Informação (2)	2,00	4,65	20,93	6,88	0,00	11,53
	Organização da Informação (3)	8,00	18,60	39,53	12,71	5,89	31,32
	Recuperação da Informação (4)	9,00	20,93	60,47	13,29	7,64	34,22
	Comunicação (5)	9,00	20,93	81,40	13,29	7,64	34,22
	Comunicação da Informação (6)	7,00	16,28	97,67	12,06	4,22	28,34
	Em Branco (7)	1,00	2,33	100,00	4,92	0,00	7,25
Total		43,00	100,00				

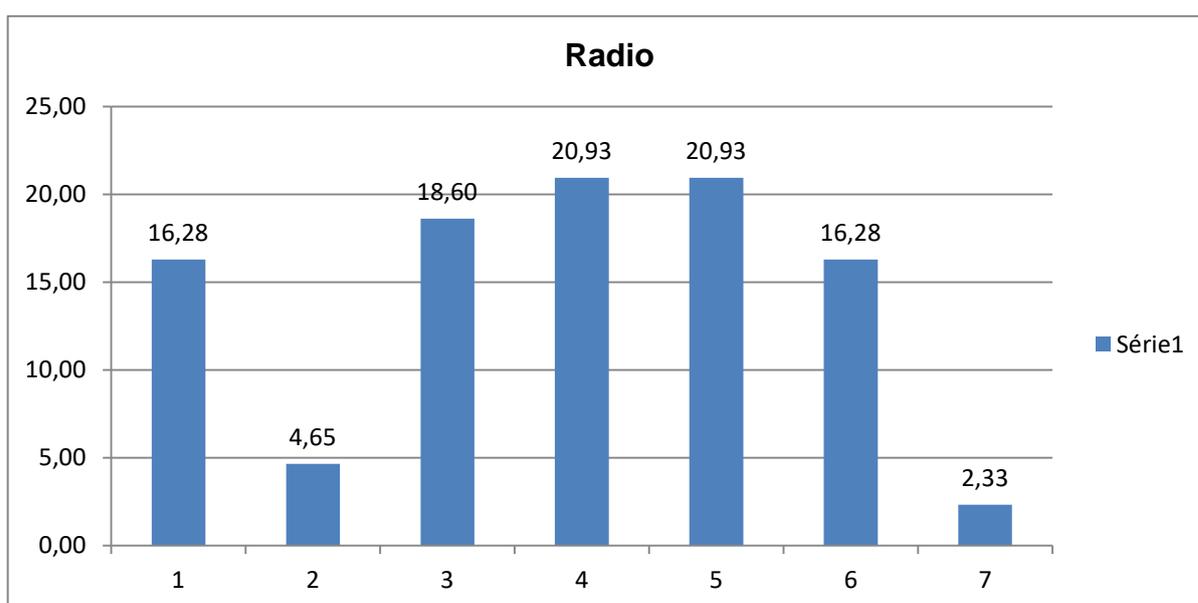


Gráfico F4 – Indicativo do conceito mais relacionado pelo público: Foto 6: rádio.

Tabela F8 – Indicativo de possibilidade de representação da foto-conceito: Foto 6: rádio.

Foto-conceito	Conceitos	Posição	Valores	Porcentagem	Erro	Min.	Max.	Pmin.	Pmax.
Foto 6: rádio	Recuperação da Informação (4)	1	9,00	20,93	13,29	7,64	34,22	4	1
	Comunicação (5)	2	9,00	20,93	13,29	7,64	34,22	4	1
	Organização da Informação (3)	3	8,00	18,60	12,71	5,89	31,32	4	1
	Informação (1)	4	7,00	16,28	12,06	4,22	28,34	5	1
	Comunicação da Informação (6)	5	7,00	16,28	12,06	4,22	28,34	5	1
	Gênese da Informação (2)	6	2,00	4,65	6,88	0,00	11,53	7	4
	Em Branco (7)	7	1,00	2,33	4,92	0,00	7,25	7	4

a) Análise da Foto-conceito 6:

Análise da Foto-conceito 6: O autor da fotografia a produziu para o conceito “comunicação da informação”, porém podemos perceber que o público participante ficou dividido entre dois conceitos comunicação e recuperação da informação. E com o auxílio da análise estatística temos a probabilidade de termos para essa foto-conceito, além dos conceitos já abordados pelo público como maioria, o conceito de organização da informação, informação e comunicação da informação. Assim, podemos considerar que a foto-conceito 5 apresenta um indicativo de compreensão para o conceito proposto: comunicação da informação.

- Foto 7: novelo de lã

Tabela F9 – Contagem das Fichas-Resposta: Foto 7: novelo de lã.

Foto-conceito	Conceitos	Valores	Porcentagem	Porcentagem Acumulada	Erro	Min.	Max.
Foto 7: novelo de lã	Informação (1)	3,00	7,50	7,50	8,60	0,00	16,10
	Gênese da Informação (2)	15,00	37,50	45,00	15,81	21,69	53,31
	Organização da Informação (3)	7,00	17,50	62,50	12,41	5,09	29,91
	Recuperação da Informação (4)	7,00	17,50	80,00	12,41	5,09	29,91
	Comunicação (5)	4,00	10,00	90,00	9,80	0,20	19,80
	Comunicação da Informação (6)	2,00	5,00	95,00	7,12	0,00	12,12
	Em Branco (7)	2,00	5,00	100,00	7,12	0,00	12,12
Total		40,00	100,00				

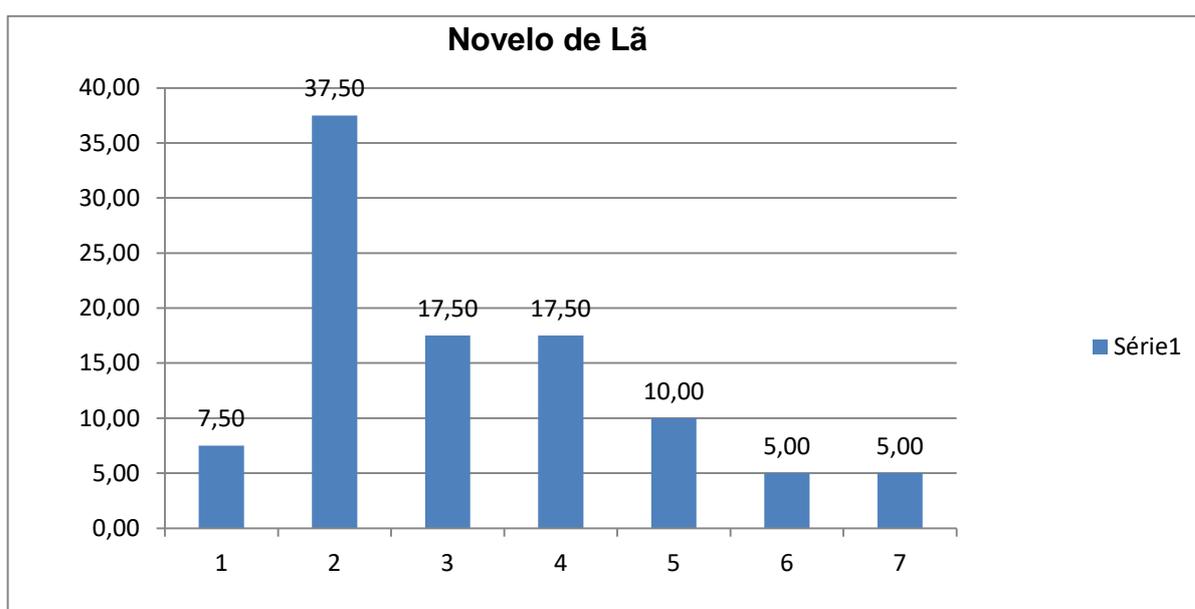


Gráfico F5 – Indicativo do conceito mais relacionado pelo público: Foto 7: novelo de lã.

Tabela F10 – Indicativo de possibilidade de representação da foto-conceito: Foto 7: novelo de lã.

Foto-conceito	Conceitos	Posição	Valores	Porcentagem	Erro	Min.	Max.	Pmin.	Pmax.
Foto 7: novelo de lã	Gênese da Informação (2)	1	15,00	37,50	15,81	21,69	53,31	1	1
	Organização da Informação (3)	2	7,00	17,50	12,41	5,09	29,91	5	2
	Recuperação da Informação (4)	3	7,00	17,50	12,41	5,09	29,91	5	2
	Comunicação (5)	4	4,00	10,00	9,80	0,20	19,80	7	2
	Informação (1)	5	3,00	7,50	8,60	0,00	16,10	7	3
	Comunicação da Informação (6)	6	2,00	5,00	7,12	0,00	12,12	7	3
	Em Branco (7)	7	2,00	5,00	7,12	0,00	12,12	7	3

a) Análise da Foto-conceito 7:

O autor da fotografia a produziu para o conceito “recuperação da informação”, porém podemos perceber que o público participante a indicou para o conceito gênese da informação. E com o auxílio da análise estatística temos a probabilidade de termos para essa foto-conceito apenas o conceito gênese da informação. Assim, podemos considerar que a foto-conceito 5 não apresenta um indicativo de compreensão para o conceito proposto: recuperação da informação.

- Foto 8: tecidos

Tabela F11 – Contagem das Fichas-Resposta: Foto 8: tecidos.

Foto-conceito	Conceitos	Valores	Porcentagem	Porcentagem Acumulada	Erro	Min.	Max.
Foto 8: tecidos	Informação (1)	7,00	18,42	18,42	12,66	5,76	31,08
	Gênese da Informação (2)	4,00	10,53	28,95	10,03	0,50	20,55
	Organização da Informação (3)	14,00	36,84	65,79	15,76	21,08	52,60
	Recuperação da Informação (4)	1,00	2,63	68,42	5,23	0,00	7,86
	Comunicação (5)	4,00	10,53	78,95	10,03	0,50	20,55
	Comunicação da Informação (6)	5,00	13,16	92,11	11,04	2,12	24,20
	Em Branco (7)	3,00	7,89	100,00	8,81	0,00	16,70
Total		38,00	100,00				

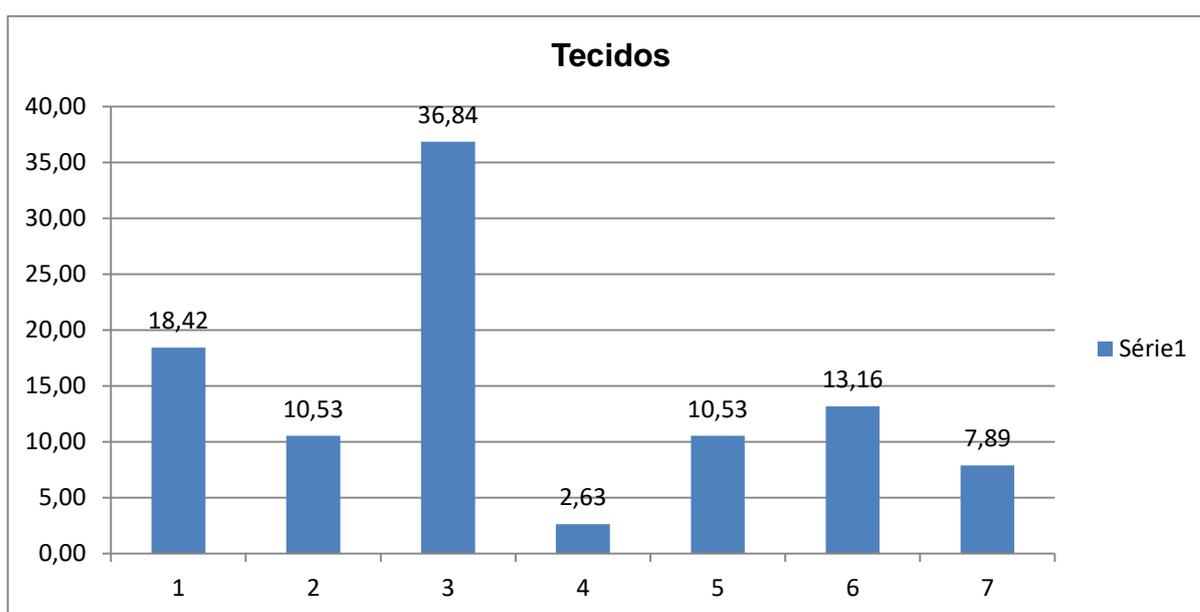


Gráfico F6 – Indicativo do conceito mais relacionado pelo público: Foto 8: tecidos.

Tabela F12 – Indicativo de possibilidade de representação da foto-conceito: Foto 8: tecidos.

Foto-conceito	Conceitos	Posição	Valores	Porcentagem	Erro	Min.	Max.	Pmin.	Pmax.
Foto 8: tecidos	Organização da Informação (3)	1	14,00	36,84	15,76	21,08	52,60	1	1
	Informação (1)	2	7,00	18,42	12,66	5,76	31,08	6	2
	Comunicação da Informação (6)	3	5,00	13,16	11,04	2,12	24,20	7	2
	Gênese da Informação (2)	4	4,00	10,53	10,03	0,50	20,55	7	2
	Comunicação (5)	5	4,00	10,53	10,03	0,50	20,55	7	2
	Em Branco (7)	6	3,00	7,89	8,81	0,00	16,70	7	3
	Recuperação da Informação (4)	7	1,00	2,63	5,23	0,00	7,86	7	7

a) Análise da Foto-conceito 8:

O autor da fotografia a produziu para o conceito “organização da informação”, e podemos perceber que o público participante a indicou para o conceito organização da informação. Com o auxílio da análise estatística temos a probabilidade de termos para essa foto-conceito apenas o conceito organização da informação. Assim, podemos considerar que a foto-conceito 8 apresenta um indicativo de compreensão para o conceito proposto: organização da informação.

- Foto 9: cachorro

Tabela F13 – Contagem das Fichas-Resposta: Foto 9: cachorro.

Foto-conceito	Conceitos	Valores	Porcentagem	Porcentagem Acumulada	Erro	Min.	Max.
Foto 9: cachorro	Informação (1)	7,00	15,91	15,91	11,95	3,96	27,86
	Gênese da Informação (2)	6,00	13,64	29,55	11,21	2,43	24,85
	Organização da Informação (3)	4,00	9,09	38,64	9,39	0,00	18,48
	Recuperação da Informação (4)	6,00	13,64	52,27	11,21	2,43	24,85
	Comunicação (5)	18,00	40,91	93,18	16,06	24,85	56,97
	Comunicação da Informação (6)	2,00	4,55	97,73	6,80	0,00	11,35
	Em Branco (7)	1,00	2,27	100,00	4,87	0,00	7,14
Total		44,00	100,00				

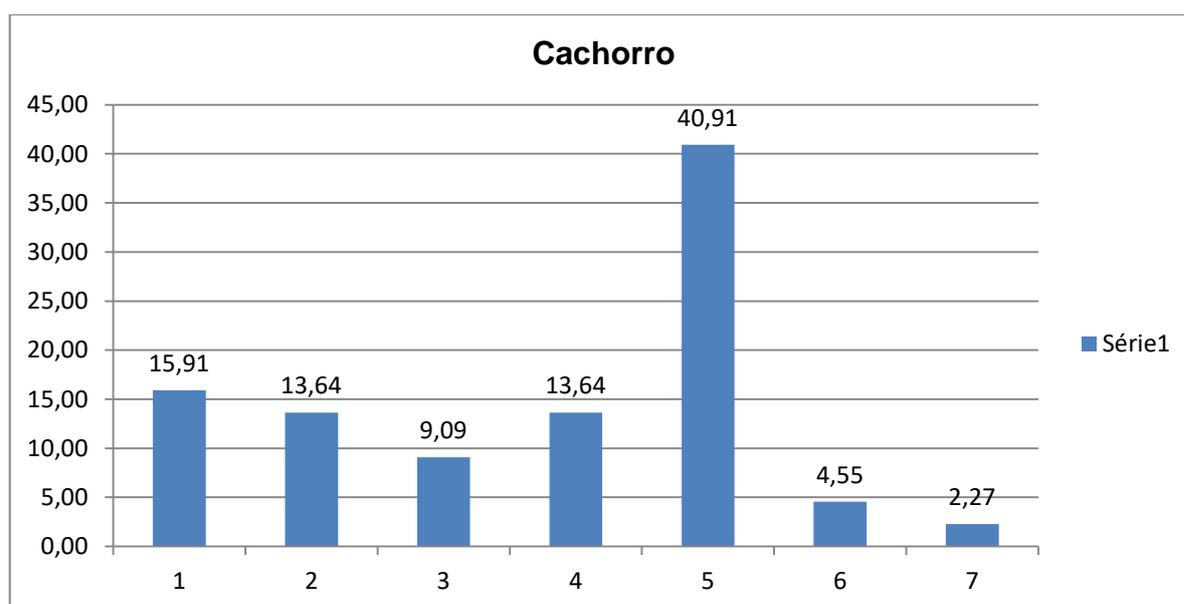


Gráfico F7 – Indicativo do conceito mais relacionado pelo público: Foto 9: cachorro.

Tabela F14 – Indicativo de possibilidade de representação da foto-conceito: Foto 9:cachorro.

Foto-conceito	Conceitos	Posição	Valores	Porcentagem	Erro	Min.	Max.	Pmin.	Pmax.
Foto 9: cachorro	Comunicação (5)	1	18,00	40,91	16,06	24,85	56,97	1	1
	Informação (1)	2	7,00	15,91	11,95	3,96	27,86	6	2
	Gênese da Informação (2)	3	6,00	13,64	11,21	2,43	24,85	6	2
	Recuperação da Informação (4)	4	6,00	13,64	11,21	2,43	24,85	6	2
	Organização da Informação (3)	5	4,00	9,09	9,39	0,00	18,48	7	2
	Comunicação da Informação (6)	6	2,00	4,55	6,80	0,00	11,35	7	4
	Em Branco (7)	7	1,00	2,27	4,87	0,00	7,14	7	5

a) Análise da Foto-conceito 9:

O autor da fotografia a produziu para o conceito “recuperação da informação”, porém podemos perceber que o público participante a indicou para o conceito comunicação. E com o auxílio da análise estatística temos a probabilidade de termos para essa foto-conceito apenas o conceito comunicação. Assim, podemos considerar que a foto-conceito 9 não apresenta um indicativo de compreensão para o conceito proposto: recuperação da informação.

- Foto 10: pires

Tabela F15 – Contagem das Fichas-Resposta: Foto 10: pires.

Foto-conceito	Conceitos	Valores	Porcentagem	Porcentagem Acumulada	Erro	Min.	Max.
Foto 10: pires	Informação (1)	8,00	19,51	19,51	12,95	6,57	32,46
	Gênese da Informação (2)	5,00	12,20	31,71	10,69	1,51	22,88
	Organização da Informação (3)	2,00	4,88	36,59	7,04	0,00	11,91
	Recuperação da Informação (4)	12,00	29,27	65,85	14,86	14,41	44,13
	Comunicação (5)	10,00	24,39	90,24	14,03	10,36	38,42
	Comunicação da Informação (6)	2,00	4,88	95,12	7,04	0,00	11,91
	Em Branco (7)	2,00	4,88	100,00	7,04	0,00	11,91
Total		41,00	100,00				

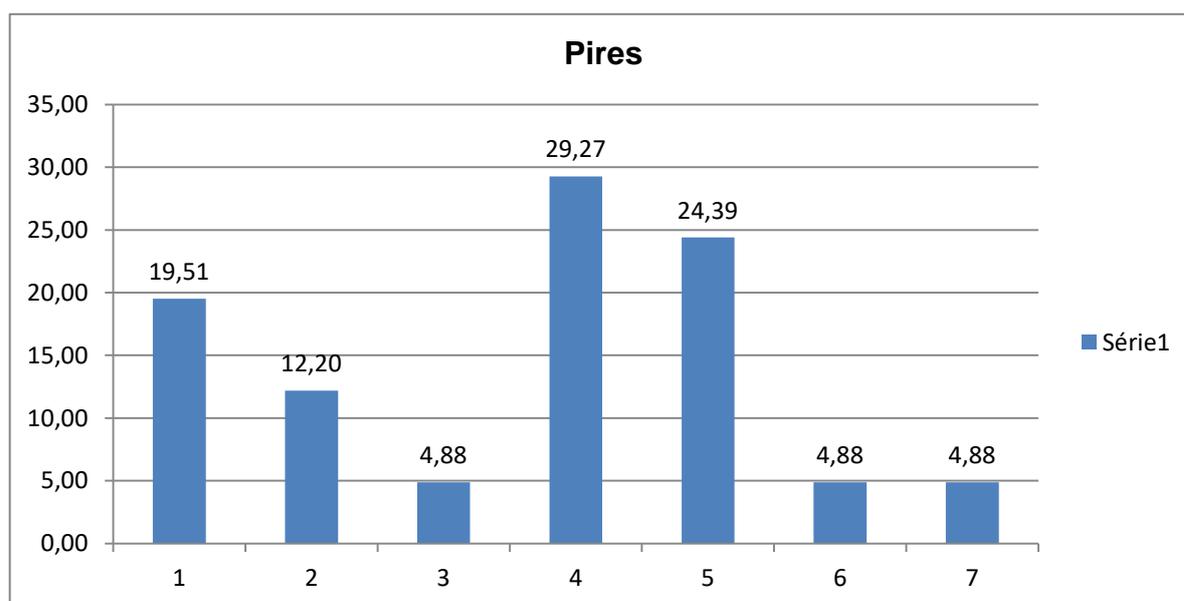


Gráfico F8 – Indicativo do conceito mais relacionado pelo público: Foto 10: pires.

Tabela F16 – Indicativo de possibilidade de representação da foto-conceito: Foto 10: pires.

Foto-conceito	Conceitos	Posição	Valores	Porcentagem	Erro	Min.	Max.	Pmin.	Pmax.
Foto 10: pires	Recuperação da Informação (4)	1	12,00	29,27	14,86	14,41	44,13	3	1
	Comunicação (5)	2	10,00	24,39	14,03	10,36	38,42	4	1
	Informação (1)	3	8,00	19,51	12,95	6,57	32,46	4	1
	Gênese da Informação (2)	4	5,00	12,20	10,69	1,51	22,88	7	3
	Organização da Informação (3)	5	2,00	4,88	7,04	0,00	11,91	7	5
	Comunicação da Informação (6)	6	2,00	4,88	7,04	0,00	11,91	7	5
	Em Branco (7)	7	2,00	4,88	7,04	0,00	11,91	7	5

a) Análise da Foto-conceito 10:

O autor da fotografia a produziu para o conceito “recuperação da informação”, e podemos perceber que o público participante a indicou para o conceito recuperação da informação. Com o auxílio da análise estatística temos a probabilidade de termos para essa foto-conceito tanto o conceito recuperação da informação, proposto pelo autor e pela maioria do público, como os conceitos de comunicação e informação. Assim, podemos considerar que a foto-conceito 10 apresenta um indicativo de compreensão para o conceito proposto: recuperação da informação.

- Foto 11: ábaco

Tabela F17 – Contagem das Fichas-Resposta: Foto 11: ábaco.

Foto-conceito	Conceitos	Valores	Porcentagem	Porcentagem Acumulada	Erro	Min.	Max.
Foto 11: ábaco	Informação (1)	16,00	40,00	40,00	16,00	24,00	56,00
	Gênese da Informação (2)	7,00	17,50	57,50	12,41	5,09	29,91
	Organização da Informação (3)	7,00	17,50	75,00	12,41	5,09	29,91
	Recuperação da Informação (4)	3,00	7,50	82,50	8,60	0,00	16,10
	Comunicação (5)	4,00	10,00	92,50	9,80	0,20	19,80
	Comunicação da Informação (6)	1,00	2,50	95,00	5,10	0,00	7,60
	Em Branco (7)	2,00	5,00	100,00	7,12	0,00	12,12
Total		40,00	100,00				

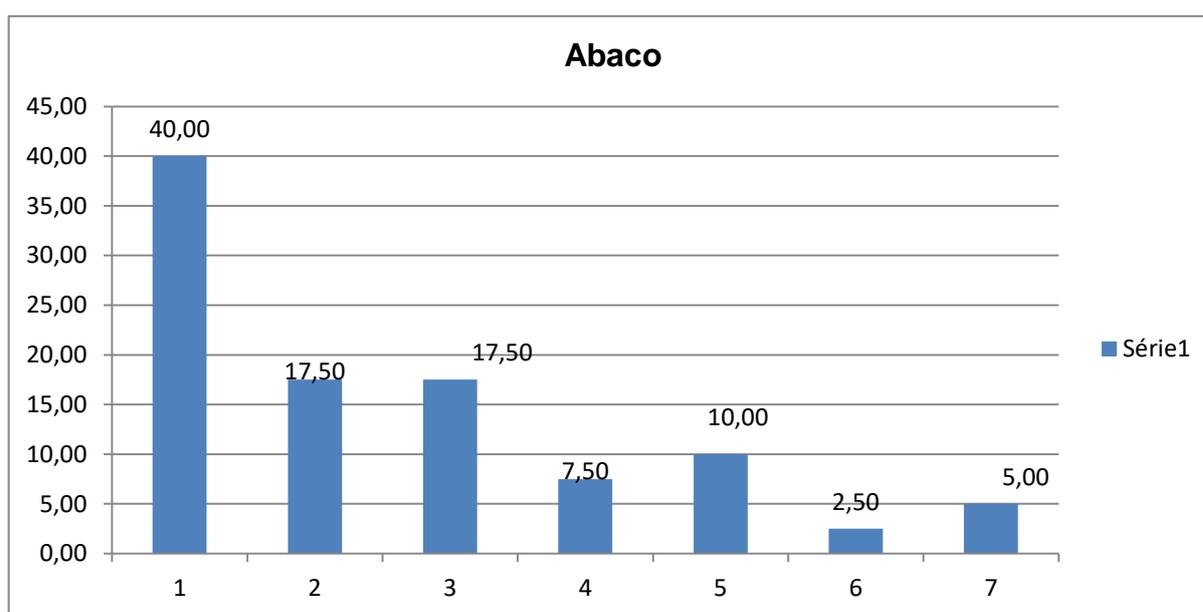


Gráfico F9 – Indicativo do conceito mais relacionado pelo público: Foto 11: ábaco.

Tabela F18 – Indicativo de possibilidade de representação da foto-conceito: Foto 11: ábaco.

Foto-conceito	Conceitos	Posição	Valores	Porcentagem	Erro	Min.	Max.	Pmin.	Pmax.
Foto 11: ábaco	Informação (1)	1	16,00	40,00	16,00	24,00	56,00	1	1
	Gênese da Informação (2)	2	7,00	17,50	12,41	5,09	29,91	5	2
	Organização da Informação (3)	3	7,00	17,50	12,41	5,09	29,91	5	2
	Comunicação (5)	4	4,00	10,00	9,80	0,20	19,80	7	2
	Recuperação da Informação (4)	5	3,00	7,50	8,60	0,00	16,10	7	4
	Em Branco (7)	6	2,00	5,00	7,12	0,00	12,12	7	4
	Comunicação da Informação (6)	7	1,00	2,50	5,10	0,00	7,60	7	5

a) Análise da Foto-conceito 11:

O autor da fotografia a produziu para o conceito “organização da informação”, porém podemos perceber que o público participante a indicou para o conceito informação. E com o auxílio da análise estatística temos a probabilidade de termos o indicativo de compreensão para essa foto-conceito apenas para o conceito informação. Assim, podemos considerar que a foto-conceito 11 não apresenta um indicativo de compreensão para o conceito proposto: organização da informação.

- Foto 12: museu

Tabela F19 – Contagem das Fichas-Resposta: Foto 12: museu.

Foto-conceito	Conceitos	Valores	Porcentagem	Porcentagem Acumulada	Erro	Min.	Max.
Foto 12: museu	Informação (1)	10,00	21,74	21,74	13,47	8,27	35,21
	Gênese da Informação (2)	4,00	8,70	30,43	9,20	0,00	17,90
	Organização da Informação (3)	8,00	17,39	47,83	12,38	5,01	29,77
	Recuperação da Informação (4)	4,00	8,70	56,52	9,20	0,00	17,90
	Comunicação (5)	13,00	28,26	84,78	14,71	13,55	42,97
	Comunicação da Informação (6)	5,00	10,87	95,65	10,17	0,70	21,04
	Em Branco (7)	2,00	4,35	100,00	6,66	0,00	11,01
Total		46,00	100,00				

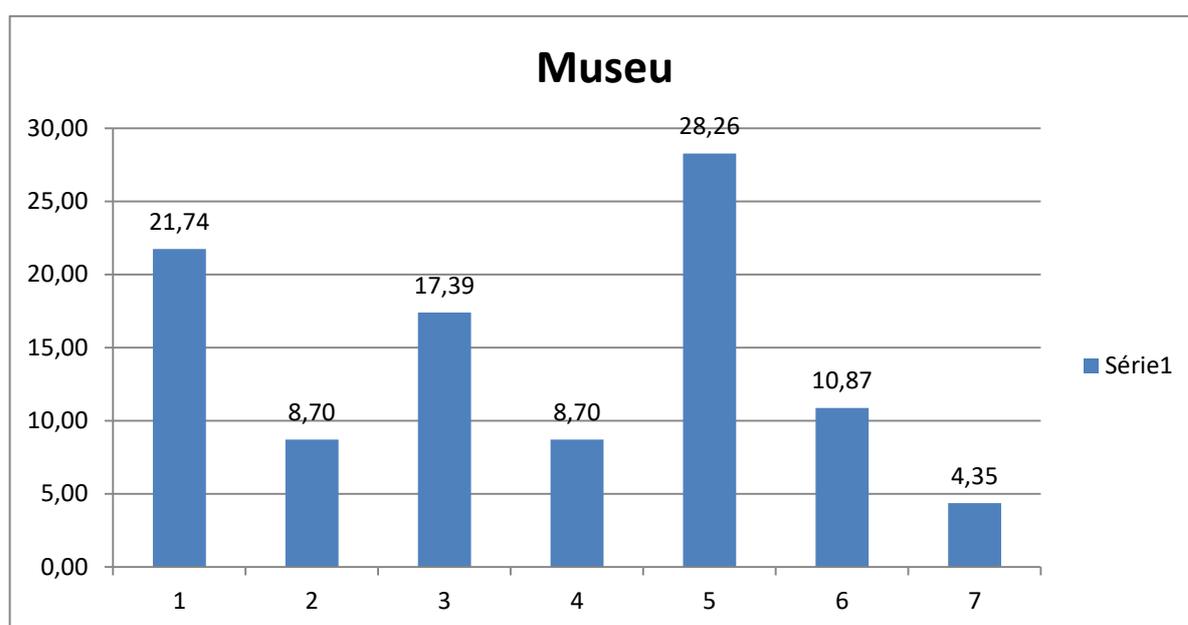


Gráfico F10 – Indicativo do conceito mais relacionado pelo público: Foto 12: museu.

Tabela F20 – Indicativo de possibilidade de representação da foto-conceito: Foto 12: museu.

Foto-conceito	Conceitos	Posição	Valores	Porcentagem	Erro	Min.	Max.	Pmin.	Pmax.
Foto 12: museu	Comunicação (5)	1	13,00	28,26	14,71	13,55	42,97	3	1
	Informação (1)	2	10,00	21,74	13,47	8,27	35,21	6	1
	Organização da Informação (3)	3	8,00	17,39	12,38	5,01	29,77	6	1
	Comunicação da Informação (6)	4	5,00	10,87	10,17	0,70	21,04	7	3
	Gênese da Informação (2)	5	4,00	8,70	9,20	0,00	17,90	7	3
	Recuperação da Informação (4)	6	4,00	8,70	9,20	0,00	17,90	7	3
	Em Branco (7)	7	2,00	4,35	6,66	0,00	11,01	7	4

a) Análise da Foto-conceito 12:

O autor da fotografia a produziu para o conceito “organização da informação”, porém podemos perceber que o público participante a indicou para o conceito comunicação. Com o auxílio da análise estatística temos a probabilidade de termos o indicativo de compreensão para essa foto-conceito para o conceito comunicação, informação e organização da informação. Assim, podemos considerar que a foto-conceito 12 apresenta um indicativo de compreensão para o conceito proposto: organização da informação.